

Adenáuer Novaes



**Estigmas Segundo
a Psicologia do Espírito**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Estigmas Segundo a Psicologia do Espírito

1ª Edição
Do 1º ao 5º milheiro

Criação da Capa: Objectiva Comunicação
Diretor de arte: Pedro Britto
Foto: Michel Rey
Modelo: Jorge Santos
Ilustração e tratamento de imagem: Desconstrutora
Revisão: Teresinha Miguel, Ana Carmen Segura e
Maria Angélica de Mattos
Revisão de Conteúdo: Camila Novaes e Samanta Nunes
Diagramação: Novais Neto
Ilustração interna: Diego Novaes
Editor: Ana Carmen Segura

Copyright ©2011 by
Fundação Lar Harmonia
Rua Dep. Paulo Jackson, 560 – Piatã
41650-020
distribuidora@larharmonia.org.br
www.larharmonia.org.br
(71) 3375-1570 e 3286-7796

Impresso no Brasil

ISBN: 978-85-86492-41-9

Todo o produto da venda desta obra é destinado às obras
sociais da Fundação Lar Harmonia.

Adenáuer Novaes

Estigmas Segundo a Psicologia do Espírito



F U N D A Ç Ã O
LAR HARMONIA

FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
CNPJ/MF 00.405.171/0001-09
Rua Dep. Paulo Jackson, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2011

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação

Ficha catalográfica

Novaes, Adenáuer, 1955-

Estigmas Segundo a Psicologia do Espírito. Salvador:
Fundação Lar Harmonia, 10/2011.

256 p.

ISBN: 978-85-86492-41-9

CDU

CDD 154.6

Impresso no Brasil

MMXI

Índice para catálogo sistemático:

- | | |
|----------------|-------|
| 1. Psicologia | 154.6 |
| 2. Espiritismo | 139.9 |

Prefácio

Por muito tempo a Psicologia Clássica ainda vai tratar da pessoa humana desconsiderando a dimensão espiritual, o que significa que, por enquanto, devemos enquadrá-la como uma seção da Psicologia do Espírito¹. Tal situação decorre da necessidade de submeter o psíquico ao crivo físico, materialista; portanto, a uma visão arcaica das ciências. Por esse motivo, os estudos a respeito de estigmas, na esfera psicológica, restringem-se ao preconceito social e aos estereótipos. Mais do que uma marca social ou um defeito físico, um estigma é uma representação psicológica de parte da personalidade de uma pessoa, na qual encontramos seu passado de várias encarnações. Independentemente do tratamento que a Psicologia Clássica dá à questão do Espírito, vem se estabelecendo outra psicologia, considerada mais ampla e abrangente – a Psicologia do Espírito, que está mudando os métodos, conceitos e considerações sobre o humano e a vida.

A Psicologia do Espírito é o estudo do Espírito como individualidade, essência divina, destituído de qualquer implemento material, nas suas relações com o meio ou a realidade. O Espírito

¹ Escrevo Espírito, com E maiúsculo, referindo-me à individualidade do ser em si, essência não material e não perispiritual; ao que, na questão 23 de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, consta como “O princípio inteligente do Universo.”. Portanto, não estou me referindo à pessoa desencarnada portadora de uma personalidade e perispiritualmente constituída.

é a individualidade que evolui nas relações que estabelece com o Universo e nas experiências que vivencia em busca de sua identidade. O objeto de estudo da Psicologia do Espírito inclui o conceito de evolução, de reencarnação, de mediunidade, de perísprito, bem como de tudo que diz respeito à dimensão espiritual².

Estigma é marca, situação ou posicionamento na sociedade que, de alguma maneira, afeta a vida e o destino de uma pessoa. Não é, necessariamente, uma marca física, pois é tudo pertencente à personalidade e que influencia e envia a vida de alguém em decorrência de sua posição global na vida e de como essa marca a afeta e a estrutura. O estigma não é tratado aqui como algo estritamente negativo, muito embora essa seja a forma como o termo ficou marcado, mas como um sinal ou símbolo de uma condição própria, especial e significativa para a vida da pessoa. No sentido que aplico, todos os seres humanos têm estigmas.

O estigma é a marca ou o sinal em que a *Vida* posiciona o indivíduo a respeito de si mesmo e da necessidade de que algo seja compreendido. É a lembrança de um passado que teima em permanecer, como também um fator que interfere no destino, provocando o Espírito a suspeitar de que deve investigar sobre sua Designação Pessoal. Estigma é uma espécie de conselheiro sempre presente a lembrar que viver é assimilar o que resulta das experiências acumuladas e do que a própria vida impõe ao ser humano. É a marca indelével que continua a influenciar a vida e o destino dos seres humanos.

Em Psicologia, o que marca é o que sensibiliza e afeta a *psiquê*. Tudo que afeta uma pessoa, marcando sua personalidade ou a parte mais sensível de sua consciência, torna-se fator de influência para o surgimento de um ou mais estigmas que não só decorrem do que afeta à pessoa como também provoca novas marcas no psiquismo humano. Sob o olhar da atual ou Moderna

² Este assunto é melhor explorado nos livros *Psicologia do Espírito* e *Psicologia e Universo Quântico*, do autor.

Física Quântica, é possível dizer que essa mesma *psiquê* interfere nos fenômenos observados, numa incrível interação construtiva – Sujeito e Realidade formam um par indissociável e, como resultado, há uma interação profunda entre mente e realidade, da qual ninguém escapa e que não passa despercebido no Universo. Somos pais e filhos da realidade, criadores e criaturas daquilo que somos e vivemos. Um estigma é uma simples face ou corte que marca um momento dessa relação.

Estigma é qualquer marca e, principalmente neste livro, excluo o inaceitável caráter pejorativo atribuído ao termo. Somos todos estigmatizados pela vida e pela história, não sendo nenhum demérito ter um estigma por mais evidente e aversivo que seja.

Este livro tenta apresentar uma possibilidade de leitura dos vieses da vida e do que afeta o ser humano em sua viagem na direção do incognoscível, numa perspectiva psicológica e espiritual.

Adenáuer Novaes
Junho de 2011

Sumário

Introdução	11
PARTE I	15
Conceitos importantes	17
Sobre o eu e a personalidade	49
A representação da personalidade. Influências sobre o eu ou <i>ego</i>	57
PARTE II	69
O que é estigma	71
Classificações dos estigmas	87
Sistemas de classificação. As representações no Inconsciente	93
Tipos de estigmas	97
PARTE III	163
Visão junguiana dos estigmas	165
Visão espírita dos estigmas	171
Gravação perispiritual	175

A terapia	179
Técnica de identificação do estigma (TIE)	189
Psicologia do estigma	195
O que aprender com o estigma	201
A vitimização e a autoexclusão dos estigmatizados	207
Estados psíquicos dos estigmatizados	211
O caso Sr. Silva	215
Designação Pessoal, <i>Individuação</i> e estigma ...	221
Frankenstein ou O Moderno Prometeu	233
Meu estigma	239
Bibliografia	241

Introdução

Uma Psicologia do Espírito impõe-se sobre qualquer estudo da mente apenas ao se considerar o ser humano como um corpo que se comporta no mundo, com ele interagindo, sem uma história pregressa e sem uma finalidade maior. Naquela psicologia, a mente não está no corpo, muito embora nele influencie e sofra total interferência. A mente humana não é tábula rasa, que se submete incondicionalmente ao meio, tampouco se restringe às conexões neuronais. Enganam-se aqueles que pensam que o corpo é apenas um complexo de carne e osso destinado à putrefação. O corpo físico é a principal janela do Espírito para o acesso à dimensão material. Por mais que se estude o cérebro, e nele sejam encontradas áreas responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos, pelas crenças, ou até mesmo por qualquer subjetividade, tais achados sempre se apresentarão como ressonância de algo inacessível diretamente – a mente com seus conteúdos e sua dinâmica. Numa linguagem espírita moderna, a mente é uma função do perispírito ou corpo espiritual. Se ela ainda é inacessível, imagine-se o quão distante não está a possibilidade de se identificar, concretamente, a individualidade, isto é, o Espírito imortal.

Muito embora a Psicologia se postule como a ciência do comportamento, deve-se considerar, entretanto, que o ser que se comporta não está sujeito tão somente à consciência e às suas relações com o mundo, pois se trata do Espírito imortal, isto é, de



um ser que vem acompanhando a história passo a passo, vivenciando-a e construindo-a. Esse ser, em suas estruturas de armazenamento, possui uma gama imensa de conteúdos inconscientes que também o influenciam com muito maior intensidade. O passado da humanidade não está apenas nos livros de História e tampouco se encontra limitado aos registros genéticos recebidos, por herança, das gerações anteriores, mas em cada Espírito que a viveu, em cada época da História de que participou. A história de cada pessoa caminha com ela mesma, impregnada em seu ser, pois foi vivida nas diversas experiências em um corpo que transferiu, ao perispírito ou mente, suas impressões, bem como o aprendizado resultante. A história de um Espírito não corresponde à de qualquer outra pessoa, uma vez que cada indivíduo tem seu ângulo de percepção, bem como correspondentes emocionais e sentimentais em relação à realidade vivida.

Em cada existência num corpo, vivem-se diferentes experiências, não sendo necessariamente cada uma exclusivo reflexo da outra. Deve-se admitir que, mesmo o passado influenciando o presente, tanto quanto determinando o futuro, novas contingências surgem a cada momento, denunciando algo novo. Isto quer dizer que nem sempre as marcas do presente têm causas no passado. O Espírito caminha, acumulando experiências, deixando sinais por onde passa, forjando marcas correspondentes em seu psiquismo, que lhe imprimem características próprias. Tais marcas são estigmas que, aparecendo ou não em seu corpo físico, correspondem às experiências significativas e inesquecíveis de cada um. Marcas são sempre fortes impressões que temos sobre e em nós mesmos. Elas moldam o corpo, o caráter, a autoimagem e a ideia que temos a respeito do que o outro pensa sobre nós. São elementos de tensão que levam a mente a promover compensações, que se traduzem em impulsionadores para novas experiências.

Como psicoterapeuta, de base principalmente junguiana, atendendo pacientes, percebo os estigmas que eles apresentam,



sem que tenham consciência de sua representação e da importância de autopercebê-los e compreendê-los para resolução de seus conflitos e para o desenvolvimento da personalidade. Estigmas são marcas involuntárias, ou não, que denunciam a história de experiências progressas e o atual estado psíquico inconsciente. Apontam caminhos que podem ser trilhados quando compreendidos como possibilidades de diferenciação do coletivo. São caminhos de percepção do que não é revelado por suas consciências, mas que estão materializados na configuração de suas vidas. Quer sejam marcas físicas, ou não, tornam-se sinais específicos, tais como rastros ou pegadas de um peregrino que caminha na direção de sua própria realização e, em última análise, na busca da compreensão de si mesmo, denunciando sua passagem. São impressões ou configurações que revelam características momentâneas de quem de fato é seu portador.

Acontecem, naturalmente, sem que o ser humano se dê conta de que essas marcas fazem parte de sua natureza interior. São como a caligrafia de uma pessoa. Seus traços denunciam aspectos inconscientes e reveladores da personalidade. Decifrar os significados ocultos dos estigmas requer certo conhecimento, pois, quando se alcança seu sentido oculto, pode-se proporcionar um maior e melhor desenvolvimento da personalidade. Estigmas são úteis no processo terapêutico, e sua compreensão facilita a possibilidade de modificação do destino do seu portador.

A identificação do(s) estigma(s) de uma pessoa proporciona uma aproximação do *ego* com o *Si-mesmo*, isto é, do indivíduo, como ele se postula, com a essência de si mesmo. Permite a percepção de pistas ou sinais que contribuem para a identificação da natureza essencial do indivíduo, o que se deve à direta relação do estigma com os conteúdos inconscientes. Identificar um estigma é encontrar uma valorosa ferramenta para o trabalho terapêutico.

Em termos espirituais, isto significa uma maior possibilidade da aquisição da consciência de que se é um Espírito e da



sua singularidade. Essa consciência propicia a integração da autodeterminação, importante condição de alto valor evolutivo, útil para se viver e se vencer no contato com a sociedade.

Quando me refiro a um estigma, não quero considerá-lo como a palavra ficou conhecida, isto é, como a marca a ferro imposta ao escravo, ou como uma chaga, isto é, com uma característica negativa, explícita, punitiva ou educativa, mas como uma contingência sob a qual o indivíduo é situado momentaneamente ou durante sua vida, independentemente da vontade consciente, contingência que pode ter algum sinal explícito, ou não. Sua identificação como um estigma requer a percepção de totalidade sobre a vida da pessoa em questão, que englobe o seu Inconsciente, sua Consciência e o meio social, configurando-se, no seu conjunto, uma *Gestalt*. Sua identificação não implica que passe a ser aceito pela pessoa ou que represente algo relevante para ela, sendo, muitas vezes e tão somente, um provisório enquadre ou um campo particular de análise, oportuno à percepção do que lhe é inconsciente e de como ocorre a relação com a consciência de si mesmo. A identificação do estigma proporciona uma espécie de abertura ao novo, na medida em que provoca a consciência para uma identidade a ser reconhecida e um novo entendimento do mistério da natureza do Espírito em si.

A importância do estigma deve-se à impossibilidade de se acessar diretamente o aparelho psíquico, objetivo daqueles que se dedicam à investigação a respeito do que é de fato o ser humano. Sendo uma representação, como tudo que sai ou entra na *psiquê*, merece ser compreendido e contextualizado. O conteúdo deste trabalho visa trazer luz sobre a questão do estigma, a fim de torná-lo conhecido em face da ignorância do eu sobre si mesmo.

Oportunamente enumerarei os diversos tipos de estigmas. Uma pergunta, a si mesmo, deve ser feita por todo indivíduo: sob que estigmas minha vida tem sido regida?

PARTE I

Conceitos importantes

Para subsidiar a compreensão dos leitores, elaborei um pequeno glossário, adaptado de outros livros meus, contendo uma síntese dos conceitos aqui emitidos, que não esgota a compreensão a respeito deles nem, tampouco, necessariamente obedece nem exclui o entendimento clássico a respeito. Trata-se da compreensão do autor e da forma como lida com as ideias subjacentes a eles, na tentativa de ampliar os conceitos da Psicologia Analítica, apondo uma visão pelo paradigma espírita. Certos conceitos, aqui emitidos, são adaptações que fiz das ideias dos autores citados na bibliografia. Em alguns casos, aproveitei parcialmente as ideias, cujo conceito resultante difere, às vezes, radicalmente, do que foi emitido pelos seus verdadeiros autores. Alguns foram extraídos textualmente dos autores; outros são do próprio autor deste livro, cuja compreensão tem como base a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço; do Espiritismo, trazido por Allan Kardec (1804-1869) e ampliado por Francisco Cândido Xavier (1910-2002); e das filosofias de Aristóteles (383-322 a. C.), Platão (427-339 a. C.), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Immanuel Kant (1724-1804).

Eis, portanto, os conceitos, em ordem alfabética, que considero relevantes para o propósito deste livro, preferindo iniciar com eles para que o leitor se familiarize com as ideias que, naturalmente, aparecerão ao longo de sua leitura.



Ânima¹

É o aspecto feminino interior do homem. Representa o somatório das suas experiências com mulheres (mãe, irmã, amiga, esposa, amante e outras), transformado numa imagem virtual. É a imagem feminina desejada, quase que “perseguida”, pelo homem, sendo um ideal subliminar que interfere nas suas relações com a mulher. Sua projeção inicial estabelece-se, primeiramente, na mãe e, depois, em outras mulheres. É a *imago* materna que acompanha e influencia o homem por toda sua vida. É, psiquicamente, sua contraparte sexual. Inconscientemente, o homem tende a comparar toda mulher que se lhe apresenta com sua *ânima*, sem, no entanto, nunca alcançá-la. A tentativa de plasmar sua *ânima* numa mulher, tende a se tornar uma operação arriscada e perigosa na vida de todo homem. Nos sonhos, geralmente ela aparece como figuras femininas sedutoras e arrebatadoras, ou mesmo, condutoras do sonhador. Quando o homem se deixa influenciar pelo arquétipo da *ânima*, geralmente ele se torna melindroso e irritadiço, caprichoso, ciumento e vazio. Diz Jung (1934) que: “ – É o arquétipo do significado ou do sentido, tal como a alma é o arquétipo da vida.”² Ele distinguiu quatro grandes estágios da *ânima*, personificados como Eva, Helena, Maria e Sofia, isto é, de mãe, de amante, de deusa e de sábia. É nesse último estágio que a *ânima* de um homem funciona como guia da vida interior, intervindo entre os conteúdos conscientes e inconscientes. Jung considerava importante o confronto com a *ânima* para o desenvolvimento do homem. Tal confronto levará à integração dos opostos, fase importante para o *Processo de Individuação*, preconizado por C. G. Jung. É comum o homem ser conduzido pelo seu ideal de mulher, tendendo a obedecer-lhe os ditames ou a tentar fazer, exatamente,

¹ Optei por acentuar as palavras *ânima*, *ánimus* e *psiquê* em função da pronúncia que normalmente se utiliza. Conservei, no entanto, a grafia original nas transcrições.

² JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par. 66, p. 42.



o contrário do que ela lhe sugere. No contato com as mulheres, nas várias experiências reencarnatórias, as emoções resultantes que foram sentidas alquimicamente se associam, formando imagens que são gravadas na mente humana, constituindo arquivos da Consciência e do Inconsciente. São arquivos disponíveis a todo momento ao Espírito, bem como acessados pelo *ego*. São os conteúdos desses arquivos que, quando comparados instantaneamente com a realidade, são parcialmente projetados no mundo externo. Pode-se admitir que a mulher também tenha uma *ânima*, automaticamente assumida, em face de seu gênero. Nesse sentido, a *ânima* será apenas a imagem ideal de mulher, presente no Inconsciente e na Consciência dela própria, resultante de suas experiências reencarnatórias como mulher e das diferentes relações que teve com mulheres.

A importância de se conhecer o conceito de *ânima* está em se identificar, em si mesmo, o poder de sua influência na personalidade de um homem. Ele costuma projetar sua *ânima* numa mulher que, de alguma maneira, se lhe assemelhe e apresente o que lhe falta, e, pela forma como se relaciona com ela, pode-se determinar, com relativa precisão, como de fato é a imagem de sua contraparte sexual. Por muitos anos, a vida de um homem é regida pela sua *ânima*, contra o que, inconscientemente, ele luta bravamente para se desvencilhar, muitas vezes, sem sucesso. Quando ele se dá conta, boa parte da vida se passou, restando-lhe admitir o quanto lhe foram úteis os poucos aspectos femininos que puderam ter sido integrados à sua personalidade.

Ânimus

É o aspecto masculino interior de toda mulher. Representa o somatório das experiências da mulher com homens (pai, irmão, esposo, amigo, amante etc.) transformado numa imagem virtual. É a imagem masculina desejada, quase “perseguida” pela mulher como sendo um ideal de homem que, subliminarmente, lhe influencia. Jung dizia que



Como a alma corresponde ao Eros materno, o animus corresponde ao Logos paterno.³ [...] O animus é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem, e mais ainda, é um ser criativo e engendrador, não na forma da criação masculina.⁴

No dizer de Daryl Sharp,

Jung descreveu quatro estágios do desenvolvimento do animus numa mulher. Ele aparece primeiramente nos sonhos e nas fantasias como a personificação da força física, um atleta, homem musculoso ou bandido. No segundo estágio, o animus fornece iniciativa e capacidade para a ação planejada. Está por detrás de seus desejos de independência e de profissão própria. No estágio seguinte, o animus é a “palavra” que se personifica muitas vezes em sonhos na figura de um professor ou de um clérigo. No quarto estágio, o animus é a encarnação do sentido espiritual. Neste nível mais elevado, à maneira da alma como Sofia, o animus é um intermediário entre a mente consciente da mulher e seu inconsciente. Na mitologia, este aspecto do animus aparece como Hermes, mensageiro dos deuses; nos sonhos, é um guia espiritual prestativo.⁵

Tanto quanto da *ânima*, é desejável a integração parcial do *ânimus* a fim de auxiliar o indivíduo a lidar com a complexidade das relações com as outras pessoas e consigo mesmo. O *ânimus* de uma mulher a impulsiona ao mundo, facilitando a vivência do arquétipo do herói, do guerreiro, da determinação e do destemor, bem como lhe permite o domínio de *logos* na consciência. Pode-se afirmar ainda que todo homem possui um *ânimus* automaticamente integrado em face de seu gênero, resultante das experiências reencarnatórias como homem e das relações que teve com homens.

³ JUNG, C. G. *Aion-estudos sobre o simbolismo do si mesmo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982. par. 29, p. 12.

⁴ JUNG, C. G. *Estudos sobre psicologia analítica*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981. par. 336, p. 199.

⁵ SHARP, Daryl. *Léxico junguiano*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 25.



A mulher, que reconhece a importância de seu *ânimus* e busca integrar suas qualidades, consegue estabelecer uma relação de igualdade com os homens. Os conflitos tendem a diminuir, e a costumeira competição, verificada na relação mítica de *Zeus* e *Hera*, perde boa parte do sentido. Ela atribui muito menos poder ao homem, sendo-lhe companheira e amiga.

É importante ressaltar que, para Jung, *ânima* e *ânimus* são expressões de um mesmo arquétipo, que desempenha importante papel na condução do indivíduo ao contato com seu Inconsciente.

Aparelho Psíquico ou Mente

Expressão utilizada para significar a *psiquê* ou a totalidade dos processos psíquicos conscientes e inconscientes com seus conteúdos e sua dinâmica. Nela situam-se todos os processos psicodinâmicos que afetam a vida e as relações humanas. A mente é uma espécie de “órgão” de que se serve o Espírito para se manifestar e se relacionar com a dimensão da realidade, onde se encontra o resultante das experiências vividas por ele, na dimensão material ou na espiritual, codificadas como memória, e de onde se extraem todas as informações sobre seu passado. Funciona como uma usina que armazena e processa informações, oriundas das experiências vividas, permitindo que novos conteúdos sejam gerados a serviço da evolução do Espírito. Nela, também, situam-se as estruturas dinâmicas de identidade e as de relação com o mundo, além do *Self*. As primeiras são o *ego* e a *sombra*; as segundas são a *persona* e a *ânima/ânimus*. É comum chamar-se, de mente, o dinamismo que ocorre no aparelho psíquico, mas também se encontram referências em que um é tomado pelo outro. Diferem do cérebro em face de sua estrutura imaterial e, por sua essência, não orgânica. Considerando que o corpo físico é o principal instrumento do Espírito para sua manifestação e aprendizado na dimensão da matéria, o Aparelho Psíquico é seu maior veículo de comunicação com a



dimensão espiritual que o cerca. É nele que os pensamentos são gerados; ele é a sede da memória, em que se situam os arquivos das experiências das vidas passadas e da presente. Pode-se afirmar que o corpo físico funciona como uma extensão da camada mais superficial, e ao mesmo tempo densa, da mente humana. A mente é uma espécie de órgão a serviço do Espírito, fazendo a interface entre ele e a realidade material.

Sua divisão em Inconsciente Coletivo, Pessoal e Consciência é meramente didática, pois não é possível, ao menos com os conhecimentos atuais, se chegar à percepção direta de seus conteúdos, de sua estrutura, de sua natureza ou mesmo de sua localização. Importante destacar que corpo, mente e Espírito são distintos, separáveis, muito embora interrelacionados. A mente situa-se no Perispírito, que, por sua vez, não é um organismo unicamente para modelação do corpo físico, mas um sistema complexo com distintas propriedades, sendo o *locus* de processamento das informações e das experiências do Espírito. O gerenciamento da dinâmica psíquica/física é a principal função do Perispírito.

Arquétipo

Os arquétipos são estruturas virtuais, primordiais da *psiquê*, responsáveis por padrões e tendências a comportamentos comuns, típicos de certa classe de animais e dos seres humanos. Tudo que se produz e todo comportamento humano é modelado por um ou mais arquétipos. Toda ação humana, tudo que resulta do desejo é realizado por via de um ou mais arquétipos. O impulso para a vida nasce na intimidade do Espírito, na direção dos arquétipos a fim de se materializar como ação. São anteriores à vida consciente. Não são passíveis de materialização, mas de representação simbólica. Para Jung, são hereditários e representam o aspecto psíquico do cérebro. Eles ordenam imagens direcionadoras de comportamentos. Jung afirma que estas imaginações ou imagens não são hereditárias e



que hereditária é a capacidade de ter tais imagens. Essas imagens humanas, universais, originam-se da camada mais profunda do Inconsciente, chamada de Coletivo.

Para Jung,

O arquétipo é um modo do comportamento psíquico e, como tal, é um fator irrepresentável que ordena inconscientemente os elementos ou conteúdos psíquicos de forma a assumirem configurações típicas, assim como o tubo de ensaio ordena moléculas numa solução saturada.⁶

São coletivos, comuns a todos os seres humanos e ordenam imagens reconhecíveis pelos efeitos que produzem. Pode-se percebê-los pelos *complexos* que todos têm, pelas imagens arquetípicas que geram e pelas tendências culturais coletivas. São como apêndices do Aparelho Psíquico que se prestam a ordenar as experiências humanas. Numa visão espírita, portanto não junguiana, são formados ao longo da evolução do Princípio Espiritual (Princípio Inteligente que, pelas experiências vividas nos diversos Reinos da Natureza (mineral, vegetal e animal) alcança, na fase humana, a condição de Espírito dotado da consciência de si (razão)). As várias experiências de contato do Princípio Espiritual com a matéria, nos diversos reinos da natureza, possibilitaram a formação daquilo que, posteriormente, se constituiu sua mente, no seu corpo espiritual ou perispírito. Vale ressaltar que o Princípio Espiritual é denominado Espírito, quando alcança a razão, já se utilizando de um corpo humano. A formação dos arquétipos é anterior a essa utilização. Há quem busque o arquétipo na estrutura cerebral, ou genética, valendo-se da afirmação de Jung sobre sua formação hereditária; porém, mesmo que se encontre tal indício, não implica que não seja mera representação física do que é psíquico. Num certo sentido, tudo que é físico, anteriormente já foi psí-

⁶ JUNG, C. G. *A vida simbólica*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par 1158, p. 56.



quico. No cérebro, encontramos marcas resultantes de processos psíquicos com reflexos no corpo físico.

Complexos

Os *complexos* são conteúdos psíquicos carregados de afetividade, resultantes das experiências do indivíduo em suas relações com o meio, agrupados pela frequência emocional semelhante. São aglutinações das emoções que resultam das experiências humanas e que têm a mesma frequência vibracional. Nise da Silveira diz que os *complexos* são

temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes [...], e que [...] reagem mais rapidamente aos estímulos externos. São manifestações vitais da psique, feixes de forças contendo potencialidades evolutivas que, todavia, ainda não alcançaram o limiar da consciência e, irrealizadas, exercem pressão para vir à tona.⁷

São unidades vivas, dentro da *psiquê* inconsciente, que gozam de relativa autonomia. Eles se coagulam no Inconsciente, de forma involuntária, por semelhança vibracional, a partir das várias experiências da vida. Por vezes, somos dirigidos pelos *complexos*. Eles não são elementos patológicos, salvo quando atraem para si excessiva quantidade de *energia psíquica*, manifestando-se como conflito perturbador da personalidade. Os *complexos* têm a facilidade de alterar nosso estado de espírito sem que nos apercebamos de sua presença constelada na consciência. À semelhança de um campo magnético, não são passíveis de serem observados diretamente, mas por meio da aglutinação de conteúdos emocionalmente semelhantes que os constituem. No âmago de um *complexo*, pode-se encontrar um núcleo arquetípico. Quando se vive, na consciência, uma experiência que tenha a mesma tonalidade emocional de um *complexo*, este assume o *ego* como

⁷ SILVEIRA, Nise. *Jung vida e obra*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 37.



se fosse uma nova personalidade. Eles estão disponíveis no Inconsciente e são extraídos pelo *ego* quando, na consciência, vivem-se experiências que podem proporcionar a atualização da evolução do Espírito. Por outro lado, os *complexos* são elementos presentes nas obsessões espirituais. Espíritos desejosos em prejudicar alguém contaminam o *ego* com ideias que sintonizam com o conteúdo de um *complexo* que, pela sua qualidade, perturbam o equilíbrio psíquico de uma pessoa. A conexão entre as mentes do encarnado e do desencarnado decorre da semelhança vibracional dos *complexos* existentes em ambas. Os *complexos* são estruturas impulsionadoras da vida. Assemelham-se aos nós de uma rede, formando matrizes de temas emocionais. Agem à semelhança de sub-rotinas de um programa de computador. São passíveis de conscientização e dissolução.

Consciência ou Consciente

É o campo de manifestação consciente do Espírito imortal que, através do *Ego*, forja a realidade material. Consciência tanto é campo quanto é atitude. Como campo, presta-se ao armazenamento de conteúdos e, como atitude, é a consciência de si. É, por um lado, campo de conteúdos psíquicos que guardam suficiente energia para se tornarem diretamente acessíveis ao *ego*. As experiências vividas pelo *ego*, assim como o que pertencia ao Inconsciente e que adquiriu suficiente energia, tornam-se elementos da Consciência, portanto, passíveis de serem integrados ao *ego*. Consciência é, por outro lado, atitude quando considerada como apercepção instantânea de algo diretamente relacionado ao *ego*. A consciência é um campo de conteúdos que não só emergiram do Inconsciente como também de imagens/objetos gerados instantaneamente no contato do *ego* com a realidade. Essas imagens/objetos são elementos em transição do físico para o psíquico, misto de sensações e de apercepções em fase de *psiquificação*, isto é, de se tornarem definitivamente psíquicos.



A Consciência é produto da evolução do Espírito. O Espírito é uma criação divina com implementos *a priori* que lhe capacitam a aprender, sendo sua constituição simples e ignorante, portanto, sem conhecimento algum. Há uma natural predominância do Inconsciente, que é a matriz geradora do campo da Consciência e da formação do *ego* (consciência de si). A Consciência surge gradativamente como um despertar para uma nova dimensão. Ela se apresenta como um campo de conteúdos com o aparecimento da função associativa, cujo amadurecimento enseja o surgimento do *ego* como centro aglutinador.

O nascimento ou surgimento da Consciência vem da formação, pelo Inconsciente, de conteúdos oriundos das experiências acumuladas pelo Princípio Inteligente. Aqueles conteúdos associam-se graças ao Centro Ordenador da Vida (*Self*), constituído *a priori*, formando, sem se poder determinar em que momento, um campo posteriormente denominado Consciência, no qual vai se estruturar o *ego*, representação, em plano menor, do Espírito. Essa estrutura (*ego*), em momento não definível, passa a possuir o que se denomina Razão Humana ou consciência de si. É um processo que vem ocorrendo a milhões de anos.

A consciência é uma espécie de atitude psíquica que envolve conteúdos, com forte carga de energia, acessíveis ao *ego*. Sua base e origem é o Inconsciente. Difere do eu ou *ego* pelo seu conteúdo amplo e por ser seu campo de atuação. Geralmente, opõe-se ao que há no Inconsciente. Jung escreveu que “Não existe consciência sem diferenciação de opostos.”⁸

Em 1939, Jung afirmou que

Nossa consciência não se cria a si mesma, mas emana de profundezas desconhecidas. Desperta gradualmente na criança, e cada manhã, ao longo da existência, desperta das profundezas do sono, saindo de um estado de inconsciência. É como uma

⁸ JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par. 178, p. 104.



criança que nasce diariamente das profundezas do inconsciente materno. Sim, um estudo mais acurado da consciência nos mostra claramente que ela não é somente influenciada pelo inconsciente, como também emana constantemente, do abismo do inconsciente, sob a forma de inúmeras idéias espontâneas.⁹

A Consciência é outro conceito *a priori*, pois é, apenas, um campo de um modelo de percepção da *psiquê*. Esse modelo foi se constituindo a partir da impossibilidade de se acessar conteúdos de experiências de vidas passadas, tanto quanto outros conteúdos que não têm energia suficiente para permanecer sob o domínio direto do *ego*. Uma nova experiência que surge com maior carga emocional sobrepõe-se a outra anterior, com menor intensidade e, por esse motivo, denominada de conteúdo inconsciente. É o campo restrito da memória integral a que o *ego* tem acesso direto. A conexão com a matéria impossibilita, ao *ego*, o acesso direto às memórias do Espírito. A Consciência, parte importante da *psiquê* ou mente, é um instrumento importante para o Espírito, semelhante a um filtro que retém a parte que não interessa ao Espírito e que vai estruturar uma parcela da personalidade acessível ao *ego*. A outra fica retida no Inconsciente.

Ego ou eu

É o sujeito da ação consciente. Primeiro núcleo, à semelhança de um *grande complexo* (de identidade), a se formar na Consciência, sendo seu centro. Estrutura-se a partir do Inconsciente e é, muitas vezes, confundido com o centro organizador e diretor do aparelho psíquico, o *Self*. O *ego* é o centro referencial da identidade da pessoa, sendo protagonista das experiências do Espírito. O eu não é o Espírito, mas apenas sua representação numa dada dimensão. Conhecer a si mesmo não é apenas conhecer o eu ou *ego*, que só conhece seus próprios conteú-

⁹ JUNG, C. G. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par. 935, p. 576.



dos, mas aquele centro organizador (*Self*)¹⁰ para acesso ao *Si-mesmo*. O processo de desenvolvimento da personalidade, chamado por Jung de *Individuação*, consiste em diferenciar o *ego* de suas estruturas arquetípicas auxiliares. O *ego*, o *Self* (centro organizador da *psiquê*) e o *ego* onírico, ou seja, o “eu dos sonhos” são instâncias psíquicas diferentes. Diz Hall que “O ego se baseia no arquétipo do Si-mesmo, e, assim, em certo sentido é o intermediário ou agente no mundo da consciência.”¹¹. Estabeleço diferença entre *ego* como identidade da pessoa e *ego* como função psíquica de associação de conteúdos, ou melhor, pode-se considerar que o *ego* ou identidade de uma pessoa possui duas importantes funções: associar conteúdos, mediando a relação entre a Consciência e o Inconsciente, e representar o Espírito. Como função, estabelece conexão com os conteúdos do Inconsciente, simbolizando-os sempre que surgem na Consciência. A função de associar conteúdos parece ser um automatismo de todo o Aparelho Psíquico; portanto, ocorre independentemente da ação consciente do *ego*. É plausível que se pense o *ego* exclusivamente como identidade. Além disso, é também aceitável que o próprio *ego* se perceba como sendo o conjunto daqueles conteúdos. Diferentemente do Espírito, o *ego* está sujeito ao tempo e ao espaço.

Energia

É uma palavra que, pelo uso em diversos campos, comporta uma série de conceitos, de ideias e possibilidades. Na Física, energia quer dizer matéria, e esta quer dizer energia. A matéria é energia que se apresenta em distintos estados e com múltiplas propriedades. Representa também certa força que movimenta a própria matéria, isto é, os corpos em geral. Pelas suas proprieda-

¹⁰ Diferentemente de C. G. Jung, faço distinção entre *Self* e *Si-mesmo*. O primeiro é o arquétipo da ordenação do destino pessoal e da construção da personalidade ótima; o segundo é a individualidade, isto é, o Espírito em si.

¹¹ HALL, James A. *Jung e a interpretação dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 41.



des, é passível de retirar a inércia natural dos corpos. É comum se aplicar, inadequadamente, a palavra energia quando se pretende falar de algo transcendente à matéria, isto é, de algo espiritual; isso decorre da falta de um termo mais apropriado. Fala-se que Deus é “energia”, que Espírito é “energia”, que se tem essa ou aquela “energia” de viver etc.. Dizer que Deus é energia ou que Espírito é energia é metafórico, pois nenhum dos dois é matéria, o que significa que ambos são algo além da matéria. A dualidade no Universo não é matéria x energia. Essa é mais uma das múltiplas dualidades. Cito, como a mais paradoxal, a dualidade Deus x Espírito. São tão opostos tanto quanto muito próximos.

Considera-se também que energia é um poder intrínseco à matéria e uma das modalidades em que se transforma o fluido divino, substância suscetível ao psíquico, a que Allan Kardec chamou de Fluido Cósmico ou Fluido Universal. Aquilo que designamos como matéria, ou energia condensada, é simplesmente o “campo” de manifestação do Espírito. É nela que ele se apresenta como *ego*. O *ego* é uma estrutura que acontece quando o Espírito se manifesta na matéria/energia. Energia, para o *ego*, é um “impulso para”, portanto, um poder disponível para realizar algo.

A experiência do duplo corte, descrita pelo físico, médico e egiptólogo Thomas Young (1803), parece querer nos mostrar a existência de algo além da matéria (ligado ou não a ela), que lhe modifica inteligentemente a manifestação ou o movimento. Esse algo, cuja natureza é desconhecida, não é uma energia, apresentando-se como suscetível às modificações da *Gestalt* (forma ou estrutura), como se a forma ou configuração do anteparo (simples corte ou duplo corte) fosse determinante para a natureza do sujeito e sua manifestação. A percepção de que a energia se comporta às vezes como onda e às vezes como partícula deve-se à natureza de quem percebe e não à natureza do que é percebido. O objeto percebido altera-se ao entrar em contato com o observador, ou seja, o observador altera sua percepção no contato com o objeto.



Energia Psíquica

É a energia vital que impulsiona o ser humano em seu processo de *Individuação*, isto é, objetivando o desenvolvimento de sua personalidade. A palavra energia é aqui utilizada no sentido de “impulso para” algo. Através dela, existente em abundância na *psiquê* de cada ser humano, vivem-se as experiências necessárias para o desenvolvimento da personalidade. É a energia que promove a vida e faz com que ela aconteça. Palavras como desejo, impulso, vontade e instinto estão diretamente relacionadas ao conceito de *energia psíquica*. Muitas vezes, vê-se o conceito de *energia psíquica* equivocadamente associado ao de *libido*, considerando-se este último como impulso para vida e restringindo-o à energia puramente sexual. É a *energia psíquica* o combustível do Espírito no seu processo de evolução. A *energia psíquica* é certa disposição interna para realizar algo. Essa disposição pode ser para acionar algo do Inconsciente ou para ativar conteúdos da Consciência. É sempre uma espécie de “poder fazer”.

Espaço

O espaço é outro conceito relativo e do domínio do *ego*; a rigor, não é concreto, pois seria como admitir a existência de um ente além das coisas na dimensão da matéria. Não há espaço entre objetos, mas matéria, numa disposição, ou vibração, desconhecida. Quando se diz que o espaço é curvo ou que ele tem existência real, está se falando de uma modalidade desconhecida de energia, invisível, que se confunde com o que se chama de espaço. Assemelha-se a um campo de força que atrai o que está à sua volta. Em verdade, a matéria aglutina-se em torno da “disposição” que provoca a curvatura. O espaço é a energia ou força em torno dos objetos que mutuamente se atraem. O Espírito não ocupa espaço, ao contrário do *ego* que necessita se sentir num espaço. O Espírito atrai a matéria, ou seja, aglutina a energia à sua volta.



O *cyberespaço*, ou espaço virtual, é um conceito cuja utilização, nos mais diversos campos tecnológicos, irá aos poucos inserindo o ser humano (*ego*) nos domínios do Espírito. Isto quer dizer que o conteúdo existente nos “hosts”, ou depósitos de informações, que alimentam a internet, absorvem parte importante da memória humana. Os “hosts” tornam-se algo que se assemelha ao Inconsciente da coletividade que o acessa. Esse, sim, é o verdadeiro inconsciente coletivo, pois, aquele, assinalado por Jung, é individual. Não há espaço real, a não ser para o *ego*, e tampouco há tempo no domínio do Espírito. Nesse sentido, não se pode aplicar a ideia de espaço ao conceito de Deus nem inseri-lo no Universo como sua morada. É metafórico considerar que o Universo é a “morada” de Deus, pois espaço é um conceito que se refere à dimensão densa do Espírito; portanto, espaço é campo relativo que serve de representação ao Espírito, na dimensão do *ego*.

Espírito¹²

Princípio detentor de múltiplas inteligências, dotado de razão, consciência de si e aglutinador dos paradigmas que é capaz de apreender nas experiências de contato com a realidade a sua volta. Em seu ser, cabem os paradigmas assimilados nas experiências e tudo que diz respeito ao ético e ao que é da ordem do divino. Inicia sua evolução como Princípio Espiritual, tornando-se Espírito quando adquire um conjunto de paradigmas que o capacitam, inconscientemente, a formar o eu ou *ego*. Espírito é o *Si-Mesmo*, individualidade eterna, imortal e essência divina.

Extroversão

É o movimento da *energia psíquica* na direção do objeto externo. O sujeito é mobilizado pelo objeto externo, que lhe

¹² Maiores esclarecimentos constam do livro *Psicologia e Universo Quântico*, do autor, p. 126.



atribui um valor maior do que ele de fato possui. Na extroversão, o indivíduo está parcialmente alienado de si em função do objeto e de toda a subjetividade que o compõe. Na extroversão, o indivíduo se volta para fora, em direção ao seu desejo, subordinando-se às solicitações oriundas do objeto. A *energia psíquica*, direcionada para o externo, reduz a subjetividade aplicável ao objeto. A extroversão parece ser o fluxo natural da vida e a direção na qual a energia sofre o mínimo de interferência da subjetividade do *ego*. O contrário da Extroversão é Introversão, que é o movimento de energia para conteúdos internos. Esses dois movimentos não me parecem únicos, pois tanto a consciência quanto a inconsciência parecem apresentar seu próprio dinamismo, associando e refundindo conteúdos automaticamente. O indivíduo que se encontra em maior tempo na extroversão apresenta-se como alguém sempre disposto ao que é externo e ao movimento; ao contrário, o indivíduo que se encontra em maior tempo na introversão apresenta-se como alguém mais reflexivo e dado a ficar consigo mesmo.

Fluido Vital

É o princípio que permite o acontecimento da vida orgânica ou energia para o florescimento da vida. É uma alteração do Fluido Cósmico que permite plasticidade à matéria, tornando-a suscetível à influência direta do Espírito. Por causa de suas propriedades, favorece o desenvolvimento do Espírito e, através de sua manipulação, permite a apreensão das leis de Deus. Quando modificado, é responsável pelos fenômenos mediúnicos e, de acordo com sua vibração, facilita a comunicação entre seres de diferentes dimensões. Tal fluido dá um caráter diferencial à matéria propriamente dita, tornando-a dotada de certo poder de abrigar ou associar-se à vida, de se auto-organizar, de se autogerir, sendo suscetível a abrigar a inteligência, que lhe permite fazer certas escolhas e trocas primárias.



Função Transcendente

É a função psíquica que permite a geração de um símbolo entre conteúdos inconscientes e conscientes, pela confrontação de opostos. É essa função que permite que os conteúdos do Inconsciente possam vir à Consciência na forma de símbolos e fantasias. O psiquismo humano possui várias funções, que permitem entradas e saídas de conteúdos resultantes das diversas experiências de contato do Espírito com a realidade. Tais funções, além de manter os processos psicodinâmicos, alquimicamente promovem a passagem do impulso que vem do Espírito para a realidade. Como os conteúdos do Inconsciente se estruturam em linguagem própria, provavelmente a partir de imagens, diferentemente dos impulsos elétricos inerentes às conexões neuronais, a passagem do Inconsciente para a Consciência deve-se à Função Transcendente. Uma ideia, para ser assumida pelo *ego*, conecta-se a conteúdos inconscientes, cuja associação se deve à Função Transcendente.

Imago Dei

É a marca divina na *psiquê* humana. É um arquétipo que impulsiona, em todas as épocas, a busca humana pelo sagrado e por tudo que diz respeito à ideia de Deus. Esse arquétipo é o responsável pelo surgimento das diversas religiões na humanidade. É o *imprint* psíquico, que é representado pelas imagens sagradas de Deus. Tudo que, para o ser humano, representa Deus é gerado pela *Imago Dei* presente em seu psiquismo. Todos os adjetivos, figuras, representações simbólicas, sentimentos e concepções lógicas ou subjetivas a respeito de Deus são originários da marca impressa no psiquismo humano, denominada *Imago Dei*. Tal marca é vulgarmente chamada de “Deus Interior”. É a *Imago Dei* que torna possível a conexão do humano com o divino.



Inconsciente

O Inconsciente é o campo do psiquismo em que se estrutura a história real do ser humano e é a matriz de tudo de novo que nele brota. De suas entranhas, nascem a Consciência e tudo que é passível de ser integrado ao *ego*. É o grande campo que serve de base para o que é incognoscível ao ser humano. É ele que forja as imagens possíveis de serem compreendidas pela consciência do eu no formato de símbolos.

O ser humano, o Espírito imortal, surge inicialmente inconsciente, tornando-se consciente à medida que evolui com as experiências que vive. O Inconsciente contém um *a priori* divino – os arquétipos e outras estruturas – bem como os conteúdos resultantes das experiências acontecidas enquanto Princípio Espiritual e, depois, como Espírito, sendo este o ser dotado de Razão. O Inconsciente é a matriz de toda produção humana.

Constitui-se de conteúdos sem *energia psíquica* suficiente para atingir a Consciência. É a parte da *psiquê* em que se encontram os conteúdos arquetípicos. Para Jung, o Inconsciente “é a fonte de todas as forças instintivas da psique”¹³. Seu conteúdo não está relacionado de modo perceptível com o *ego*. No Inconsciente está tudo que sei, mas que não estou pensando no momento ou esqueci; tudo que é captado subliminarmente, mas não percebido; tudo o que faço involuntariamente, bem como novas elaborações psíquicas a partir do material existente. Neste último caso, atribui-se uma função criativa ao Inconsciente. Tudo que lá está poderá se tornar consciente algum dia. Permanecer com os conteúdos inconscientes acessíveis à Consciência, sem o controle do *ego*, poderá provocar sintomas psicóticos. Os conteúdos inconscientes, dispostos de forma simbólica, quando acessíveis à Consciência, deverão sofrer a necessária interpretação. Jung afirma que existem duas espécies de Inconsciente: o Pessoal e o Coletivo. O Inconsciente Pessoal é formado

¹³ JUNG, C. G. *A dinâmica do inconsciente*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. par. 342, p. 163.



pelas experiências, reprimidas ou não, que o indivíduo tem em sua vida consciente desde a infância. O Inconsciente Coletivo é resultante das experiências da humanidade sedimentadas na *psiquê* coletiva, pela hereditariedade. Os conteúdos do Inconsciente Coletivo, para Jung, não podem ser adquiridos individual, mas coletivamente. Para ele, toda a Mitologia é uma espécie de projeção do Inconsciente Coletivo, como um sonho coletivo. Ele considera o Inconsciente Coletivo a *psiquê* objetiva.

Do ponto de vista da Psicologia do Espírito, o Inconsciente Coletivo formou-se pelas sucessivas experiências do Princípio Espiritual no contato com as formas da Natureza, vivenciadas no Reino Mineral, no Vegetal e no Animal. Ao longo do tempo, no perispírito, as estruturas psíquicas foram se tornando cada vez mais complexas até possibilitar o estágio humano, quando o ser é denominado Espírito. O Inconsciente Pessoal, além dos conteúdos da atual encarnação, contém as experiências vividas pelo Espírito em suas vidas passadas.

Individuação

É um dos conceitos centrais da Psicologia Analítica de Jung. É o processo de desenvolvimento da personalidade pela diferenciação psicológica do eu ou *ego* em relação ao coletivo. É um processo no qual o *ego* visa tornar-se diferenciado da coletividade, embora nela vivendo para a ampliação de suas relações. Para se alcançar a *Individuação*, é necessário evitar as tendências coletivas inconscientes, isto é, o viver de acordo com a maioria. A *Individuação* respeita as normas coletivas e o individualismo as combate. O contrário à *Individuação* é ceder às tendências egocêntricas e narcisistas ou à identificação com papéis coletivos. A *Individuação* leva à realização do *Self*, ao encontro consigo mesmo, e não simplesmente à satisfação do *ego*. É um processo dinâmico que passa pela compreensão da finitude da existência material, da vida exclusivamente objetiva, face à inevitabilidade da morte física. *Individuação* é o processo de o indivíduo tornar-se aquilo que de fato é, destituído dos aparatos e



mecanismos de fuga de sua verdadeira natureza. A *Individuação* pressupõe a vivência de experiências que levem à integração da *sombra*, isto é, daquilo que se desconhece ou nega a respeito de si mesmo; à consciência dos processos psicológicos em seu psiquismo e sua compreensão adequada; ao confronto com sua *ânima* ou com seu *ânimus*; à desidentificação com as *imagos* parentais, reconhecendo suas influências na própria personalidade; ao rompimento do dinamismo incestuoso com o Inconsciente, que contribui para a inércia na vida; à dissolução dos *complexos* a partir de sua identificação, conscientização e dissolução; à necessidade consciente de encontrar a Designação Pessoal, dando um sentido para a própria vida; ao encontro com o *Si-mesmo* ou com sua máxima essência. É um processo longo, cíclico e pessoal, e muito útil à evolução do Espírito.

Introversão

É o movimento da *energia psíquica* na direção de conteúdos internos da *psiquê*. É uma espécie de regressão da motivação no psiquismo humano. Na introversão, a pessoa dá mais valor ao seu próprio mundo subjetivo, dando pouca atenção à realidade, isto é, o objeto tem pouco valor em relação ao sujeito. A introversão é a tendência natural em se considerar mais os conceitos sobre a realidade do que as sensações direta e instantaneamente obtidas. A primazia é dos juízos sobre os objetos e não o que de fato eles são. A introversão dá-se como se o *ego* olhasse para o Inconsciente. O introvertido, ao contrário do extrovertido, tende à reflexão em detrimento da ação.

Mente

Ver Aparelho Psíquico e *Psiquê*.

Movimento

O movimento é o deslocamento relativo de objetos no que se chama de espaço. É a troca de lugar em relação à consciência do eu; pode-se, porém, entender o movimento como o



impulso que a matéria recebe ao ser ativada pelo influxo da energia oriunda do Criador da Vida. Só o Espírito se movimenta sem deslocar os objetos, isto é, sem trocar de lugar com eles. A vida é movimento, pois tudo está numa espécie de dinamismo divino; cada partícula do Universo movimenta-se, numa constante vibração, como se pulsasse no ritmo do Criador. Até entre os Universos, distintas dimensões da realidade concebível ao humano, há movimento. A própria dualidade da luz, ora comportando-se como onda, ora como partícula, revela o movimento intrínseco no Universo. Tudo é movimento, não existindo inércia nem referencial único em volta do qual tudo se movimentaria.

Mundo Espiritual

Lugar onde habitam os espíritos desencarnados, que, vez por outra, é também frequentado por encarnados tanto de forma inconsciente quanto em *desdobramento*. Possui uma sociedade tão ou mais estratificada que a dos encarnados, tão desigual quanto a da Terra. É a primeira estação de passagem aos recém-desencarnados. É uma das onze dimensões a que se refere a Moderna Física Quântica. Mesmo sendo espiritual, há matéria numa vibração diferente daquela em que se situam os encarnados. É também conhecido como Espiritualidade, Mundo Astral, Erraticidade ou Dimensão do Espírito. Sua organização é anterior à sociedade dos encarnados.

Pensamento

O pensamento é uma frequência de desejo que surge do perispírito, com raízes no Espírito, cuja emissão é contínua. É pelo pensamento que o Espírito traduz o impulso criativo que lhe vem de sua máxima essência, ou seja, de sua mais recôndita intimidade. É um produto da necessidade imperativa de comunicação, que procede do Espírito. Sua elaboração, assumindo o formato de ideia, ocorre pela conexão com emoções que recebem o influxo do Espírito. É um tipo especial de matéria que



nasce no perispírito e se transforma em ideia, que é traduzida através de palavras, sinais, mímica, alterações orgânicas e todo tipo de ação humana. Diferentemente do instinto, que procede do corpo, o pensamento origina-se da mente que o emite com ou sem a consciência do *ego*. As ideias são reuniões de pensamentos que se agrupam por similaridade, buscando uma representação para o *ego*.

Perispírito

O perispírito é o corpo espiritual, elemento intermediário entre a dimensão material e a espiritual. É o veículo de manifestação do Espírito, independentemente do corpo físico. Todos os processos psíquicos e mediúnicos se devem às propriedades do perispírito. Sua dinâmica interfere e sofre interferência do corpo físico. É em sua estrutura que se gravam os estigmas que vão surgir no corpo físico. Abriga a mente e atua sobre o fluido vital, proporcionando a conexão Espírito-corpo físico; foi construído/elaborado ao longo da evolução do Espírito, fruto de suas experiências com a realidade e com as relações com o outro. É o invólucro do Espírito enquanto este não alcançou a condição de espírito puro. Sua constituição semimaterial permite a ligação do Espírito à matéria. Nele se encontram guardadas as experiências reencarnatórias do Espírito. Allan Kardec escreveu que “O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia.”¹⁴

Persona ou máscara

É um *complexo funcional* que permite ao *ego* apresentar-se e adaptar-se às situações externas ligadas à convivência, sendo um meio pelo qual se vincula ao mundo. O termo *persona* deriva das máscaras que os atores gregos usavam para os diversos papéis ou personalidades que interpretavam. É o aspec-

¹⁴ KARDEC, Allan. *A gênese*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982. p. 33.



to ideal do eu, que se apresenta ao mundo e que se forma pela necessidade de adaptação e convivência pessoal – é o que se pensa que é. Muitas vezes, a *persona* é influenciada pela *psiquê* coletiva, confundindo as ações de uma pessoa como se fossem individuais. Representa um pacto entre o indivíduo e a sociedade, sendo um conjunto de personalidades ou uma multiplicidade de pessoas numa só. A identificação do *ego* com a *persona* provoca o afastamento de nossa identidade pessoal, isto é, corremos o risco de não sabermos quem realmente somos quando nos identificamos com a *psiquê* coletiva. Somos, ao mesmo tempo, seres individuais e coletivos, pois temos uma natureza singular e também atitudes que nos confundem com a coletividade. A *persona*, mesmo não tendo sido classificada como arquétipo, não deixa de ser uma tendência natural do *ego* em se mostrar ao mundo de forma conveniente. A formação da *persona* também pode ser considerada uma das muitas propriedades do *ego*. O Espírito constrói e consolida diferentes *personas* nas várias encarnações que vivencia, guardando-as em seu Inconsciente Pessoal. Em certas situações, essas *personas*, como subpersonalidades, assumem a Consciência.

Personalidade

É a atitude externa de uma pessoa em determinado ambiente que envolve seu caráter, seus princípios, seus valores, seus sentimentos e demais aspectos acessórios característicos de todo ser humano. Na personalidade de um indivíduo, estão incluídos seus processos conscientes e os inconscientes, bem como tudo que envolve sua vida de relações. A personalidade é um retrato instantâneo de uma pessoa, incluindo sua individualidade, isto é, o Espírito que ela é. A personalidade não é a individualidade que evolui, desenvolvendo-se ao encontro do *Si-mesmo*, de forma lenta e gradativa; enquanto aquela é visivelmente mutável a cada instante e, principalmente, a cada nova encarnação, a individualidade tem sua evolução de forma sutil e imperceptível



ao *ego*. A personalidade é a totalidade das representações do indivíduo, mesmo que parte dela esteja encoberta no Inconsciente. O termo personalidade é vulgarmente confundido com caráter e com temperamento.

Psiquê

Considerando que o termo acima é o mesmo que Aparelho Psíquico, não deveria aparecer o verbete *Psiquê*. Porém, visando proporcionar um melhor entendimento da dinâmica psíquica, ampliando a percepção de algo só concebível indiretamente, acrescento mais algumas ideias a respeito.

O mesmo que aparelho psíquico, representa a totalidade das funções psíquicas e todos os processos que envolvem o deslocamento de energia a serviço do processo de *Indivuação*. Engloba não só os processos conscientes e inconscientes como também aqueles que fogem ao domínio imediato da realidade. Nela se encontram os opostos que anseiam em se completarem. Jung dizia que a *psiquê* é o princípio e o fim de todo o conhecimento – é o objeto e o sujeito da ciência. Podemos, para uma melhor compreensão, perceber a *psiquê* sob quatro diferentes níveis: Consciência Pessoal, Inconsciente Pessoal, Consciência Coletiva e Inconsciente Coletivo ou Arquétípico. A Consciência Pessoal é o campo no qual se encontram os conteúdos imediatamente acessíveis ao *ego*; o Inconsciente Pessoal é o campo de registro das experiências do Espírito nas suas várias encarnações, inclusive na atual, e que não estão diretamente acessíveis ao *ego*; a Consciência Coletiva é a parte do Inconsciente que contém aquilo que é do domínio coletivo, como herança comum circulante na sociedade, constituindo o que é conhecido como cultura, valores e mentalidade coletiva; o Inconsciente Coletivo é a parte da *psiquê* em que se encontram os arquétipos, tendências coletivas oriundas das experiências do Princípio Espiritual nos diversos reinos da Natureza. *Psiquê* é o mesmo que mente. É um fenômeno de exteriorização ou mani-



festação do Espírito, sendo-lhe órgão funcional que se localiza no perispírito. Através dela, o Espírito consegue manipular a matéria, vinculando-se ao que se conhece com o nome de realidade ou dimensão existencial, isto é, a dimensão em que o *ego* se situa. Por se localizar no perispírito, ela é virtual para o corpo físico, justapondo-se a ele por sutis conexões. Pela sua sutil condição estrutural de elemento intermediário entre o perispírito e o corpo, consegue mobilizar a matéria orgânica através do complexo cerebral. Podemos entender a *psiquê* ou mente como um instrumento do Espírito – não é produto do cérebro, porém age diretamente sobre ele. Ver Aparelho Psíquico.

Reforma Íntima

É o processo de autotransformação inerente a todo ser humano, visando sua contínua evolução. Pressupõe um processo de transformação efetiva que inclui a aquisição do conhecimento gradativo das leis de Deus e a construção de habilidades e competências para atuar em sua dimensão existencial. Assemelha-se ao *Processo de Individuação* descrito por Jung, ampliando seu alcance. Não se trata de simples modificação no comportamento, mas educação emocional, intelectual e espiritual com a integração daquelas habilidades e competências. A reforma íntima é um trabalho de conhecimento de si mesmo que permite a ocorrência cotidiana de transformações na forma de construir as próprias ideias e de vivenciar as emoções. Tal reforma implica conhecer-se, descobrir-se e transformar-se no que diz respeito à atuação na vida consciente. Significa conhecer o que está na consciência; descobrir-se em relação ao que está na *sombra*, portanto, no Inconsciente; transformar-se, vivenciar em sociedade o que se conscientizou de si mesmo; e tornar-se a máxima realização de si mesmo. É um processo cíclico de ascensão na direção daquilo que é o mais desconhecido. Muitas vezes é confundida como uma conversão religiosa, que se trata apenas da adoção de normas e preceitos religiosos.



Religião

É a manifestação da *Imago Dei* (Imagem de Deus, ou marca divina na *psiquê* de todo ser humano) na Consciência. É o “campo” do saber que se ocupa da transcendência do ser humano e da busca de suas raízes espirituais e divinas, apontando para um futuro ditoso. Através dela, o Espírito realiza sua essência. A incursão da religião na vida do ser humano é fruto de sua ascendência espiritual, de suas origens verdadeiras. A procura pelo espiritual, pelo transcendente e pela própria divindade é e será sempre crescente, enquanto o ser humano não se reconhecer naquilo que espera de Deus. Por esse motivo, as religiões têm interferido na visão de mundo do ser humano e na percepção que ele próprio tem de si mesmo. As conceituações ditadas pelas religiões são fruto de cada época e de acordo com a evolução espiritual alcançada. São provisórias, pois nenhum conceito é definitivo. A verdadeira religião é aquela que leva o indivíduo ao encontro consigo mesmo e com Deus. Religião é a conexão ativa que o indivíduo tenta fazer com a *Imago Dei*, para que se sinta conectado ao *Si-mesmo*. A prática religiosa, via religião formal, deverá levar o ser humano a construir sua Religião Pessoal, intransferível e realizável a qualquer tempo e circunstância. Não considero a ideia de que religião é religação, pois tal conceito é restrito às religiões do tronco judaico-cristão.

Self

É o centro organizador da *psiquê* e tendência ao ideal humano de autotransformação. É um *a priori* no psiquismo para que o Espírito se realize. É o arquétipo da totalidade, isto é, a tendência que existe no Inconsciente de todo ser humano em buscar o máximo de si mesmo e o encontro com o divino. É, ao mesmo tempo, a unidade e a totalidade da personalidade do indivíduo. É o centro do aparelho psíquico, englobando os conteúdos conscientes e os inconscientes. Como arquétipo, apresenta-se nos sonhos, mitos e contos de fadas como uma personalidade superior, como um rei, um salvador ou um redentor. São numerosos os símbolos oníricos do *Self*, e a maioria



deles aparece como figura central no sonho. É uma dimensão da qual o *ego* evolui e se constitui. Para Jung, *Self* é o mesmo que *Si-mesmo*. Ele dizia que “O *si-mesmo* também pode ser chamado ‘o Deus em nós’”, e completava acrescentando que “o *si-mesmo* está para o eu, assim como Sol está para a Terra.”¹⁵ Isso nos faz entender melhor qual é a relação entre o centro diretor da consciência (*ego*) e o centro organizador da vida psíquica (*Self*) do indivíduo. O *Self* é o arquétipo central da ordem, da construção e da coordenação do *Processo de Individuação*. O *Self* é o arquétipo que produz um certo senso de organização e de discernimento para as finalidades de vida. Os eventos em *sincronicidade*, bem como as experiências que são vividas sem a vontade consciente, tratam-se de propósitos “sélficos” a serviço do aprimoramento do Espírito. Originam-se do *Self* até mesmo aqueles eventos que resultam em tragédias ou que trazem males e sofrimento, pois têm o sentido de atender às necessidades evolutivas do Espírito. O Espírito não é o *Self*, porém todo seu propósito passa por esse arquétipo.

Ser Humano

Uso o termo ser humano ao invés de homem, tendo em vista que esta última denominação, utilizada para a espécie, confunde-se com o gênero, bem como por conter um viés masculino característico. O termo ser humano aplica-se a encarnados e a desencarnados, pois a perda do corpo físico não altera a condição humana de ambos. Considerar Espírito desencarnado como ser humano iguala ambos, reduzindo a supervalorização e o temor atribuídos aos desencarnados. Espíritos desencarnados são pessoas e como tais devem ser tratados. Diferentemente, torna-os seres à parte da humanidade com diferentes poderes.

Si-mesmo

Mesmo considerando que o *Si-mesmo* é o Espírito, acrescento mais algumas considerações sobre a natureza do ser em

¹⁵ JUNG, C. G. *Estudos sobre psicologia analítica*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981. parágrafos 399 e 400, p. 226.



si. O *Si-mesmo* é a individualidade humana completamente desvestida dos aspectos coletivos inerentes à personalidade. É o Espírito, enquanto essência, princípio inteligente individualizado. Jung dizia que “*O eu é o único dentre os conteúdos do si-mesmo que conhecemos.*”¹⁶ O *Si-mesmo* realiza-se na consciência através do *ego*, atualizando o *arquétipo* do *Self*. Portanto, o desapego não é a eliminação do *ego*, mas sua depuração. O *Si-mesmo* é a essência do ser humano, princípio divino que se manifesta através da personalidade. Para Jung, o *Self* e o *Si-mesmo* são a mesma coisa, pois ele não fazia distinção quando queria abordar a ideia da individualidade humana. Considero que há uma individualidade, independentemente do *Self*. *Self* é arquétipo e *Si-mesmo* é o Espírito, cuja evolução decorre da integração dos paradigmas das leis de Deus. Essa individualidade é o Espírito, essência divina, razão da existência de tudo a sua volta. Mesmo considerando assim, vejo a dificuldade de conceber a individualidade como distinta da personalidade, pois parece que a divindade não deixou que um ser humano se considerasse totalmente distinto de outro. A singularidade do Espírito não parece ser separada de outro espírito nem da humanidade.

Símbolo

Representa algo cuja existência é reconhecida sem se revelar presente. Para Jung,

O símbolo, no entanto, pressupõe sempre que a expressão escolhida seja a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido, mas cuja existência é conhecida ou postulada. [...] Uma expressão usada para designar coisa conhecida continua sendo apenas um sinal e nunca será símbolo.¹⁷

¹⁶ JUNG, C. G. *Estudos sobre psicologia analítica*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981. par. 405, p. 228.

¹⁷ JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. parágrafos 903 e 906, p. 444 e 445.



Pode-se, portanto, inventar um sinal, nunca um símbolo, pois este é a melhor representação possível de um fato psíquico desconhecido, e aquele tem seu significado imediatamente revelado. Os símbolos têm a capacidade de transformar e redirecionar a *energia psíquica*, apresentando conteúdos do Inconsciente, a favor do processo de desenvolvimento da personalidade. Eles são produzidos constantemente, pela Função Transcendente, na *psiquê* e surgem nos sonhos e nas fantasias. Um símbolo sempre aponta para algo desconhecido e que necessita ser tornado consciente. Os símbolos são dotados de energia à espera de ser utilizada pela decifração do significado oculto que carregam. Eles se formam constantemente em face do novo e do criativo que surgem no Inconsciente e na Consciência.

*Sincronicidade*¹⁸

É o conceito usado por Jung para designar dois ou mais eventos que têm uma correlação significativa, sem que se encontre um nexo causal entre eles. É um princípio de conexões *acausais*. Entre os fenômenos, não parece haver uma relação que sugira uma mesma causa ou que estejam conectados logicamente, mas que possam ter algum tipo de conexão de funcionalidade. Na ocorrência de fenômenos sincronísticos, o tempo e o espaço são reduzidos a vetores secundários não quantificáveis. Tais eventos são chamados de fenômenos de *coincidência significativa*. Jung dizia que os fenômenos da *sincronicidade* “*mostram que o não-psíquico pode se comportar como o psíquico, e vice-versa, sem a presença de um nexo causal entre eles*”¹⁹. Os eventos ligados aos fenômenos da percepção extrassensorial são considerados, por Jung, como sendo da *sincronicidade*. A correlação significativa entre dois eventos sincronísticos parece obedecer a

¹⁸ Ver maiores explicações no capítulo Eventos em *sincronicidade*, do livro *Mito Pessoal e Destino Humano*, do autor.

¹⁹ JUNG, C. G. *A dinâmica do inconsciente*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. par 418, p. 220.



uma função que os une por força do *Self* e do *Si-mesmo*. Um dos eventos é interno e o outro é externo. Também parece haver, na *psiquê*, um padrão subliminar que favorece o aparecimento dos eventos em *sincronicidade*.

Sombra

Representa o que não sabemos ou negamos a respeito de nós mesmos. A *sombra* é o arquétipo que representa os aspectos obscuros da personalidade e desconhecidos da consciência. Normalmente, temos resistência em reconhecer e integrar a nossa *sombra*, o que nos leva, inconscientemente, às projeções. Essa integração é geralmente feita com relativo esforço moral. A *sombra* representa o que consideramos como mal e como bem sem nos darmos conta de que nos pertencem; nesse sentido, a *sombra* contém o bem e o mal desconhecidos ou negados em nós, ou que não foram conscientizados; portanto, é acertado dizer-se que a *sombra* contém também qualidades boas. Ela dá lugar à *persona* por uma necessidade de adaptação social. Sua exposição torna o indivíduo, muitas vezes, inadequado e inviabiliza sua convivência harmônica. Nos sonhos, a *sombra* costuma aparecer como personagens do mesmo sexo do sonhador, muitas vezes em atitudes aversivas ou como alguém conhecido e antipatizado por ele. Temos uma tendência a projetar as características pessoais da *sombra* nos outros, considerando-os moralmente inferiores. Reconhecer e integrar a própria *sombra* é um grande passo no *Processo de Individuação*. A *sombra* opõe-se à *persona* e ambas relacionam-se num regime mútuo de compensação. Num certo sentido, o Inconsciente, em sua totalidade, é *sombra*, contrapondo-se à Consciência, que é luz. A relevância em se integrar a *sombra* está em reconhecer-se o que se é, sem esconder-se dos outros e de si mesmo; quando se esconde a *sombra* conhecida, utiliza-se muita energia psíquica no esforço de proteção à imagem pessoal. A *sombra* pessoal deliberadamente escondida favorece as obsessões espirituais e o adoecimento da personalidade.



Supra-arquetípico

São tendências divinas a que todo ser humano está sujeito sem qualquer possibilidade de escolha ou ação direta para que aconteçam. Ocorrem independentemente e além daquelas tendências internas direcionadas pelos *arquétipos*. É aquilo que obedece a leis universais por enquanto sem qualquer possibilidade de manipulação pelo humano. O *supra-arquetípico* é aquilo que limita o ser humano, impossibilitando-o de fazer ou ser diferente. O *supra-arquetípico* é o Divino que a tudo permeia. Os eventos, nos quais não há participação da vontade e ação humanas, que não podem ser evitados ou modificados são chamados de *supra-arquetípicos*. É o determinismo extra-humano que baliza a Natureza e que não depende da consciência humana. Pode-se afirmar que, após a ocorrência dos eventos *supra-arquetípicos*, dada a impossibilidade racional de modificá-los, eclode-se a manifestação da criatividade humana. O *supra-arquetípico* desafia a criatividade humana, tornando-se um de seus maiores desafios. As configurações que se pronunciam como estigmas podem também se originar de instâncias *supra-arquetípicas*, principalmente no que diz respeito ao que deve ser vivido por todo ser humano.

Tempo

Muito embora, para a *psiquê*, o conceito de tempo saia da esfera real e interpenetre-se com o de espaço, é preciso entendermos que, na verdade, contém uma ideia associada ao movimento e à sucessão de eventos. É inegável que a percepção da existência do tempo advém do processo de transformação que se verifica com a matéria, que não é fruto apenas da visão do ser humano. A identidade do Espírito com o corpo é que permite estabelecer a ideia do tempo. A palavra tempo resume a ideia da dinâmica externa da *Vida*. Embora haja tempo para as transformações da matéria no Espírito, ele se torna extremamente diferente e não pode ser contado da mesma forma que o fazemos, isto é, tomando o Sol



como referência. Há um tempo na *psiquê* do mesmo modo que existe um tempo relativo para a Física. Esse tempo serve como referencial para uma busca ou para a sensação de crescimento pessoal. Não existem segundos, nem horas, nem dias, tampouco anos ou séculos. Na *psiquê*, há só processamento de informações e sentimentos para a aquisição, ou não, das leis de Deus pelo Espírito. O Espírito vive um eterno presente. O *ego*, representação consciente do Espírito, não apenas se situa no tempo como também sua existência está intrinsecamente ligada a ele. O Espírito evolui, mas o tempo de evolução é o de seu *ego*. Tudo que ocorre no psiquismo se dá ao mesmo instante, em face das conexões com os resíduos dos eventos passados, gravados no Inconsciente como se o tempo fosse único e real.

Vida

Vida (com V maiúsculo e em itálico) compreende todos os processos que se referem ao Espírito, enquanto personalidade no corpo ou fora dele. A *Vida* compreende todos os processos em que o ser humano se envolve consciente ou inconscientemente, sendo um ente que se confunde com a Natureza e com a Divindade. Abrange as existências sucessivas do Espírito tanto quanto suas próximas encarnações. Refere-se também à Providência Divina, como totalidade dos processos a que se submete o ser humano, e às leis universais que interagem com o Espírito. Embora haja muitas encarnações, vividas em diferentes corpos, só há uma *Vida* para o Espírito. A palavra vida (com v minúsculo) refere-se ao tempo de uso do corpo físico.

Sobre o eu e a personalidade

Sobre o eu

O eu é a identidade presente do ser humano encarnado ou desencarnado. O eu é algo indefinível diretamente, mas passível de ser descrito a partir de representações ou de imagens acessórias presentes no campo da Consciência. Sua natureza e constituição não são alcançáveis senão por associação de conteúdos que dizem respeito ao Espírito, sobretudo no que se refira ao desejo de ser, estar e se referenciar numa determinada realidade. Sua localização espaço-temporal com precisão é tão improvável quanto conhecer-se a respeito da essência de Deus.

Considerado como um grande *complexo* afetivo por C. G. Jung, o eu ou *ego*, como representação da identidade funcional do indivíduo, tornou-se, por conta do desenvolvimento da civilização, o ápice e a razão do existir humano. Tudo que existe é construção do *ego* e para ele é dirigido – *ego* é produto da relação do Espírito com a dimensão concreta (material e espiritual), surgido nas relações do ser com o outro. A *Vida* acontece em função do *ego*. É ele o senhor para o qual se destina o *Processo de Individuação*.

A formação de um novo eu, mesclado com os “eus” das encarnações anteriores e do período de intermissão, dá-se a cada encarnação, desde a infância, consolidando-se na adolescência. A construção do eu é um processo que envolve associ-



ação de conteúdos inconscientes com as percepções da consciência, auxiliadas na infância pelo *ego* materno, que funcionará como uma espécie de *psicopompo* para conectar as duas polaridades. Tais polaridades são geradas, de um lado, pelos conteúdos gravados na contraparte semimaterial do ser (perispírito) e, do outro, pelos elementos apreendidos, naturalmente, na relação com o meio externo. Pouco a pouco, a consciência vai ampliando seu campo com elementos oriundos das experiências desde o período perinatal até sua maturação e emancipação do *ego* materno. Como um ímã, o *ego* materno, carregado de afetividade, conecta os elementos inconscientes, oriundos de experiências pregressas, com as imagens constituídas de juízos e afetos, oriundas das experiências atuais. Tais elementos são paradigmas, princípios, imagens, afetos, juízos e ideias, tudo resultante das múltiplas experiências vividas pelo ser espiritual. O eu é, portanto, uma estrutura aparentemente definida, mutável, dinâmica, de densidade variável, dependente da complexidade de cada experiência vivida. Não se pode considerar que o eu seja a própria individualidade do Espírito; é apenas aquilo que é possível ser representado na dimensão existencial, quer no corpo ou fora dele, portanto, a partir de representações semióticas.

Trata-se de um vórtice, cuja força atrativa agrega tudo que diz respeito ao mundo na dimensão existencial em que se situa e representável na consciência. Sua fugacidade contrasta com a capacidade de concretizar no mundo o que lhe diz respeito. Aquele vórtice é uma singularidade de natureza indescritível, que é formado como um símbolo e que corresponde ao Espírito. O *ego* é a máxima representação possível do Espírito.

Reconhecer a existência do *Si-mesmo*, do Eu Superior, da unidade do Espírito, ou qualquer que seja o nome que se dê à essência do ser humano, não significa que se menospreze a relevância do *ego*. A consciência é produto dos conteúdos inconscientes, sendo um acontecimento recente na evolução da espécie humana. A evolução do Espírito fez atingir a consciência de si



mesmo numa outra dimensão, denominada material. Trata-se de uma conquista que o capacita a novas construções evolutivas.

O *ego* é uma construção permanente da trajetória do Espírito, consolidado a cada existência num corpo, visando algo, no futuro, ainda indefinível. Por força da existência do Espírito, por detrás de cada reencarnação, o *ego* vem se constituindo como um núcleo, como a unidade elementar da consciência. Essa unidade era apenas vista como algo que se referenciava exclusivamente ao que ocorria com o corpo físico, mas que é, em verdade, a materialização possível do próprio Espírito. O Espírito, nos primórdios da evolução na matéria, não tinha a consciência de si, algo que vem se dando no mundo material, graças à formação do *ego*, pelas relações que estabelece com o meio.

O Espírito iniciou suas primeiras encarnações, há alguns milênios, visando a formação do *ego*, que lhe permite a consciência de si na dimensão existencial da matéria e no Mundo Espiritual. O processo de evolução é de complexidade crescente e de aquisição da consciência de si, como uma criança que vai avançando no tempo de sua infância e se tornando autônoma em relação aos pais, principalmente, à mãe. A complexidade crescente é o aumento gradativo das capacidades e habilidades do *ego*, cujo exercício de viver agrega ao Espírito os paradigmas das leis de Deus.

De um lado, o *ego* é um vórtice que, entre outras funções, associa conteúdos do campo da consciência e, do outro, mostra-se como a representação do Espírito. Parece ter dois distintos papéis que, muitas vezes, se confundem quando o indivíduo (Espírito) pretende se apresentar no mundo – há, então, um *ego*-identidade e um *ego*-função. Naturalmente, chama-se o *ego*-identidade de eu e o *ego*-função simplesmente de *ego*. Quando me apresento a alguém que desconheço, estou falando do *ego*-identidade; quando digo que me esqueci ou que me lembro de algo, estou me referindo às funções de memória e armazenagem, de utilização constante por parte do eu, estou me utilizando do *ego*-função.



O eu não é um produto acabado, tampouco coeso. É uma estrutura dinâmica que, a todo instante, representa o Espírito imortal e que recebe todo tipo de influência de conteúdos internos e externos. Além dessas influências, é o *ego* que medeia a relação do Espírito com o mundo.

Quando se lida, por exemplo, com uma pessoa, não se alcança sua individualidade, mas seu eu, cuja mutação constante dificulta sua própria compreensão da realidade. A individualidade é representada pelo eu que, envolvido pelos conteúdos da consciência, mostra-se parcialmente nublado. Lida-se com a parte periférica, sem que se acesse o Espírito em si. A dimensão da matéria não permite que a totalidade do indivíduo esteja diretamente acessível ao eu.

A conexão dos conteúdos da Consciência e do Inconsciente com o *ego* recebe algumas contribuições em face de fatores imprevisíveis que interferem no momento presente que esteja sendo vivido. O ser humano, permanentemente, encontra-se conectado a um ou mais interesses de seu próprio ser. Entre eles, situam-se as interferências latentes da proximidade interdimensional (influência espiritual), os estímulos ambientais momentâneos (fatores sensoriais do corpo físico e do perispírito), os fatores da constante dinâmica do Inconsciente (por via das funções endopsíquicas e ectopsíquicas)²⁰, as complexas necessidades e impulsos do Espírito, além de outras que nos escapam à percepção e à compreensão. A proximidade interdimensional, isto é, a sutil conexão com a dimensão espiritual, pode provocar alterações psicossomáticas diversas, que não podem deixar de ser consideradas quando se trata de percepção acurada do *ego*. Essas alterações podem ser melhor percebidas na chamada Síndrome de Pânico, que decorre de uma hipersensibilidade ao ambiente espiritual em torno de uma pessoa.

¹ As funções do eu na Consciência podem ser endopsíquicas, isto é, da Consciência para o Inconsciente, e ectopsíquicas, isto é, da Consciência para a realidade existencial.



O *ego* sofre também influência das experiências anteriores de outros *eus* que o Espírito constituiu em vidas passadas. Por esse motivo, o eu atual assume uma identidade por conexão com outras que se justapõem, muitas vezes predominando aspectos mais antigos do que aqueles adquiridos na atual encarnação. Alguém que sempre faça questão de declinar seus títulos, alguém que faça sempre questão de ser o primeiro em tudo, alguém que sempre emite opinião contrária, alguém que sempre está em oposição à chefia, alguém que tem ascendência sobre outros, alguém que sempre quer ser o último a falar quando em grupo, alguém que não goste de determinado sobrenome próprio etc., são exemplos da predominância de fatores anteriores que influenciam na construção do eu atual – tais influências promovem uma alquimia entre o eu atual e outro(s) *eu(s)* do passado reencarnatório.

Sobre a personalidade

A personalidade é constituída de todos os conteúdos associados ao eu, bem como de tudo o que diretamente o influencia e que se encontra no Inconsciente em dado instante. Isso quer dizer que, como o eu é influenciado pelo momento, conseqüentemente a personalidade é mutável a cada instante. Nela se enquadram as características hereditárias, os caracteres adquiridos desde o período em que se iniciou, no útero materno, a nidação, pós fecundação, a *persona* do momento, bem como tudo o que vivenciou ao longo de sua evolução. A personalidade é a totalidade do indivíduo num dado momento.

A personalidade vai consolidando-se ao longo da vida, estando em constante transformação e envolvendo tudo que se relaciona ao eu. Nela, vamos encontrar os estigmas, parte integrante e mutável de cada pessoa. A personalidade, portanto, é uma característica do indivíduo que está sempre em modificação. Quando se fala no desenvolvimento da personalidade, quer dizer que, ao longo das experiências em que se absorvem habi-



lidades e capacidades, ocorre o amadurecimento do eu e, conseqüentemente, o aprimoramento do Espírito.

A ideia de exigir-se que uma pessoa que vive no mundo dos sentidos mostre-se como é em sua essência, obrigando-a a elevar-se à sua transcendência, é improdutiva, pois não se vive no mundo sem nele se constituir e sem dele fazer parte. É da natureza humana sua relação imediata com o mundo, assumindo características específicas de sua dimensão existencial. Práticas transcendentais que visam alcançar estágios mais elevados de consciência servem, quando desenvolvem o ser humano ao seu mundo dos sentidos em melhores condições e mais apto a transformar-se na dimensão existencial em que vive, em seu benefício e no de todos. Isso quer dizer que quem vive num corpo físico deve viver com seus implementos para ser feliz no curto espaço de tempo em que nele se encontra. Deve-se viver aqui e agora, portanto, o momento presente. Para que não pareça um discurso hedonista, deve-se viver com ética, com espiritualidade e com amor, consciente da imortalidade do Espírito.

Um estigma, embora enviesse a personalidade, não é responsável pela sua totalidade. Há uma tendência global no indivíduo em se perceber por causa do estigma, além de viver em função dele. Vê-se como totalidade por consequência dele, isto é, o estigma provoca a formação da ideia de que representa uma síntese do próprio indivíduo, que tende a encobrir outros aspectos da personalidade, que, no entanto, podem ser visíveis a outras pessoas. O estigma, sendo assim percebido, enseja o aparecimento de uma grande *sombra* na personalidade. Com muita intensidade, o estigma influencia a personalidade e o eu como um vetor direcionador da vida e do destino do indivíduo.

A figura a seguir representa a personalidade com as principais influências sobre o eu.



Figura 1: A representação da personalidade. As influências sobre o eu ou *ego*.

A representação da personalidade. Influências sobre o eu ou *ego*

O funcionamento do eu ou *ego* sofre diversas influências em seu dinamismo, como se fossem vetores e filtros que redirecionam as ações e as ideias de uma pessoa. O impulso para uma ação nasce do Espírito como desejo ou vontade de realizar algo, atravessa o Inconsciente Coletivo e o Inconsciente Pessoal, chegando à Consciência contaminado por diversos fatores.

Nenhum dos fatores que interferem no funcionamento da personalidade atua isoladamente sobre o eu, pois o ser humano é uma totalidade, cujas características se interrelacionam constantemente, sem que haja um controle absoluto de nenhum deles sobre os outros. Os fatores podem ser agrupados em seis categorias de contribuição:

- Sensoriais: herança genética, instintos biológicos, química cerebral e estímulos ambientais;
- Da família, da educação e da sociedade: fantasias infantis, aspirações familiares e aspirações culturais;
- Diretos de outras mentes: anímicos e mediúnicos;



- Automáticos do Inconsciente: automatismos psíquicos, *complexos* autônomos, outras *personas* de vidas passadas, *carma* e *Self*;
- Da Individualidade (Espírito): aspirações próprias;
- Do Divino: *supra-arquetípicos*.

Não se pode determinar que fator tem, mais ou menos, influência sobre o eu, mas pode-se afirmar que o fator *supra-arquetípico* perde gradativamente sua supremacia inicial a cada passo maior na evolução (crescente autodeterminação) do Espírito. À medida que a consciência das aspirações próprias se aproxima da Designação Pessoal, o *supra-arquetípico* lhe cede lugar. Por outro lado, o centro das influências sobre o eu é naturalmente assumido pelo Espírito imortal, à medida que suas aspirações próprias encontram no *ego* a melhor representação da *Imago Dei*.

Eis adiante a explicação de cada um dos fatores que interferem na intimidade do ser humano, quer no corpo físico, na Consciência, no Inconsciente, no perispírito, quer no Espírito. Em todas as instâncias, o ser estará sempre vinculado a algo, ligado ao Universo, participando de uma grande teia, que conecta tudo e todos.

Herança genética. A carga genética que se herda dos pais vai influenciar, sobremaneira, a personalidade de seu portador. Genes são unidades informacionais que transmitem características físicas e psíquicas, influenciando a natureza e a maneira de ser da pessoa. São frequências que passam de corpo a corpo pelos cromossomos, transmitindo-lhe pacotes de características que se misturam alquimicamente, apresentando um novo padrão. Todo espírito encarnado tem uma pequena parte de sua personalidade originada do caráter de seus pais biológicos. Muitos estigmas transferem-se por essa via, independentemente de existirem, ou não, marcas nos pais biológicos. A Psicologia



Clássica ainda adota essa forma de pensar no que diz respeito à maioria dos condicionantes do comportamento humano, bem como a Medicina na busca das causas das patologias psíquicas. O ser existencial, porém, não é só isso nem tampouco se resume a uma única influência. Somos, até prova em contrário, o epifenômeno da evolução no Universo.

Instintos biológicos. Os instintos biológicos ou automatismos corporais também exercem influência sobre a personalidade. Esses automatismos são adquiridos pela repetição de experiências no uso do corpo físico bem como pelo funcionamento do próprio organismo. Os processos orgânicos, naturais de todo corpo físico, influenciam as atitudes, pois hormônios, estímulos elétricos, substâncias diversas que são naturalmente administradas nas transformações químicas internas, alteram o equilíbrio psicofísico do ser humano. O corpo físico, com suas rotinas e processos orgânicos, estimula comportamentos padronizados que induzem o indivíduo a uma determinada imagem de si mesmo, como se fosse um desejo subjetivo ou uma qualidade do eu. A disposição psíquica de uma pessoa sofre grande influência das sensações físicas que seu corpo lhe transmite. Um mal-estar físico provoca sensações de desconforto, alterando o modo de pensar e sentir de uma pessoa. Qualquer alteração hormonal, na quantidade ou na qualidade, influencia a personalidade de uma pessoa.

Química cerebral. Um estado de espírito equilibrado e sem influências nocivas sobre o eu corresponde ao funcionamento normal do cérebro como equipamento disponível ao Espírito, via *psiquê*. Seu adequado funcionamento determina certos comportamentos típicos naturais. Substâncias químicas que afetam o Sistema Nervoso Central, em dosagens inadequadas, podem interferir no comportamento, pois alteram o funcionamento e a utilização do corpo pelo Espírito. Certas substâncias contribuem para a contensão cerebral, organizando melhor, ou



não, os pensamentos pelo cerceamento de certas áreas responsáveis pela cognição. A disposição emocional desequilibrada pode secretar substâncias que alteram as atitudes do indivíduo. O estado emocional de uma pessoa, em qualquer momento ou situação em que esteja, interfere na forma e no conteúdo de seus pensamentos. O centro nervoso do corpo físico está diretamente ligado à vontade e à disposição para ação; portanto, qualquer alteração física, diferente da normalidade, acarreta correspondente alteração psíquica.

Estímulos ambientais. Significam as condições externas ao Espírito, ou condições do meio em que, momentaneamente, ele se encontra (condição existencial). São as condições psicofísicas (clima, temperatura, pressão, umidade, representações, imagens etc.), que atuam sobre a mente e o corpo, influenciando as atitudes a todo momento. São os estímulos que passam pelos cinco sentidos corporais, alterando, pela intensidade e pelo alto grau de variação da sensibilidade, suas influências sobre o eu. Os órgãos dos sentidos são canais por onde circulam, nos dois sentidos (do corpo para a mente e da mente para o corpo), os estímulos que alcançam o Espírito. Acresce às condições sensoriais do ambiente externo ao corpo, a forma como aqueles estímulos são sentidos e vivenciados internamente pelo Espírito. Por exemplo, posso ver a imagem de um cavalo e isso não alterar a disposição do eu; posso, porém, ter registros emocionais ligados ao animal que me afetam de tal maneira, seja negativa ou positivamente, que alterem minha disposição naquele momento, modificando atitudes naturais.

Fantasia infantil. São os ideais construídos desde a infância visando um mundo melhor para si e para a sociedade. São construções de um mundo mágico, maravilhoso e idealizado, que permanecem latentes no Inconsciente do indivíduo. Na constituição do *ego*, durante a infância, o *Self*, dirigindo



aquele processo de formação, promove a construção de imagens *mandálicas* que contribuem para aquelas idealizações. São fantasias que vão desde o desejo de destruir o que ameaça, ao altruísmo de construir um mundo melhor e paradisíaco. Nessa fase, a mente está livre de culpas, censuras e ameaças, permitindo a construção de ideais com forte poder de influência sobre o eu. Funcionam como se fossem marcadores futuros, cujo disparo ocorre quando situações que guardem alguma semelhança com as que foram fantasiadas acontecem, levando o eu a atitudes inusitadas. Essas fantasias podem também influenciar na formação de estigmas quando são geradas para alimentar equivocadamente ideias coletivas, familiares e culturais, todas de natureza discriminatória. Quando associadas a conteúdos sombrios do Inconsciente, as fantasias podem, nas irrupções patológicas aversivas ao eu, apresentar-se como “entidades autônomas”.

Aspirações familiares. São tendências e ideais da família ou do clã ao qual pertence temporariamente o eu, passados pela genética e pela educação. Contém os valores e as aspirações do grupo a que o eu pertence e que permanecem na personalidade, exercendo-lhe influência. São as influências das *imagos parentais* e das tradições da árvore genealógica da pessoa. Contém as expectativas do grupo familiar em que o indivíduo foi educado ou convive. É aquilo que o grupo familiar espera do indivíduo em retribuição ao que a ele foi dado. Para que o grupo se sinta recompensado, é naturalmente exigido dele que melhore, em valores e em caráter, tudo que lhe foi acrescentado. É uma espécie de orgulho do grupo que cada membro se destaque, a fim de obter uma maior valorização social, enaltecendo seus elementos. Mesmo que o grupo do qual faz parte nada espere dele, por força do arquétipo do *Self*, inconscientemente ele exige de si próprio tornar-se melhor do que seus pais e antepassados.



Aspirações culturais. São o modo de pensar, bem como os valores de uma determinada sociedade numa época ou ao longo de sua história. São tendências da cultura e da época que forjam valores próprios de um grupo ou de uma sociedade. Formam uma espécie de *Zeitgeist*, influenciando o Espírito em suas decisões e estabelecendo limites para o conhecimento. A influência da sociedade sobre o indivíduo tem um alto valor para suas aspirações, pois é em seu seio que surgem novas propostas de viver, novas tecnologias e novas criações nas artes, nas ciências e na educação. Tudo isso acaba por atrair o eu para se envolver com o novo e nele se reconstruir. Difícil determinar o que exerce mais influência sobre uma pessoa, se seu ambiente familiar ou se seu ambiente sociocultural. Muitas vezes, em detrimento de uma vida autêntica, sacrificando sua Designação Pessoal, o indivíduo vive exclusivamente uma vida coletiva, sucumbido às aspirações sociais de seu meio. Isso é comum em sociedades teocráticas e nas comandadas por regimes totalitários. Idêntico fenômeno também pode ocorrer por conta da Globalização.

Aspirações próprias. São as vontades e desejos do próprio indivíduo (Espírito) sem as interferências dos outros vetores. Contém o que o próprio Espírito almeja para si, de acordo com sua Designação Pessoal e que é alcançado pelo eu. Trata-se da livre expressão de seu ser, que nasce da profundidade de sua essência. Decorrem do livre-arbítrio, da capacidade de ter suas próprias escolhas, do que deriva da própria singularidade sem as interferências típicas do que se situa no Inconsciente e na Consciência. Pode-se dizer que as aspirações próprias é a verdadeira alma de uma pessoa, sua manifestação mais autêntica. Nem sempre se alcança tal consciência em face dos muitos apelos do mundo que sugestionam o eu. Identificar suas próprias aspirações leva o Espírito à sua autodeterminação, tornando-o, conscientemente, proprietário de si mesmo.



Automatismos psíquicos. São processos que ocorrem no psiquismo para seu funcionamento normal. Implica em relações intrapsíquicas que determinam os diversos mecanismos de funcionamento da mente. São dinâmicas próprias do aparelho psíquico, como se fossem instintos psicológicos, que independem da vontade consciente. Esses automatismos permitem que a vontade, ou impulso, que vem do Espírito percorra os meios necessários para se transformar em ação. São processos que, pela vontade do Espírito, conduzem a *energia psíquica* a serviço de propósitos da existência. O eu, para acessar uma informação armazenada em sua estrutura de memória, ou para perceber a realidade que o cerca, obedece a certos automatismos psicológicos. O exemplo disso é a influência obrigatória que ocorre nas apercepções do eu pelos conteúdos do Inconsciente. Nenhuma apercepção deixa de receber a influência dos conteúdos do Inconsciente na consciência do eu.

Complexos autônomos. São núcleos psíquicos, resultantes de experiências da vida humana, que geram emoções e que se aglutinam por um tônus emocional comum. São estruturas afetivas, em constante movimento de simbolização, integradas no Inconsciente, que agregam conteúdos a serem trabalhados pelo *ego*. Resultam de experiências pregressas e que precisam de atenção consciente. O poder associativo das emoções resultantes das experiências humanas, formando um ou mais *complexos*, decorre da frequência comum e da conexão estabelecida com uma das tendências arquetípicas do Inconsciente Coletivo. Os *complexos* influenciam automaticamente o eu, modificando sua disposição na vivência das experiências da vida. Quando o eu assimila algum *complexo*, constelando-o, a personalidade sofre alteração exigindo mudanças imediatas. São chamados de autônomos em face de sua facilidade em se conectar ao eu, subjugando-o sem sua consciência.



Conexões anímicas. São as ligações, mente a mente, entre as pessoas de uma mesma psicofera ou dimensão. São ligações de encarnados entre si, ou de desencarnados também entre si, que estejam em sintonia uns com os outros. Trata-se da influência natural e automática que uma pessoa exerce, consciente ou inconscientemente, sobre outra. Essa influência ocorre independentemente da vontade das pessoas. Basta que uma pessoa esteja diante de outra, para que mude sua forma de pensar e de agir. Assim, dá-se também quando uma pessoa está em um grupo. Sua atuação é diferente em face da *persona* adotada no contexto do grupo. Exercemos influência sutil nas pessoas, não apenas em sua presença, mas também quando nela pensamos. Emitimos e recebemos ondas mentais de distintas pessoas que, de forma subliminar, influenciam no modo de pensar do eu.

Outras *personas* de vidas passadas. São subpersonalidades correspondentes ao que foi vivido em cada encarnação passada e que influenciam a atual personalidade. Trata-se da identidade do eu que foi vivida em maior intensidade em cada encarnação. São modos de ser, vividos em outras encarnações, que permanecem no Inconsciente como se fossem *complexos* emocionais de alto poder de influência sobre o eu. São como outro *ego*, porém de pouca energia para suplantarmos o *ego* atual, mas que, a depender do motivo, assumem, de forma total ou parcial, o comando da consciência. Costumam assumir esse comando em momentos críticos e decisórios da vida. Geralmente não são patológicos, pois não conseguem suplantarmos a energia e integridade do *ego* atual. Algumas vezes são tão consistentes e fortes que podem ser lembrados parcial ou totalmente. São os casos de crianças, ou mesmo adultos, que se lembram de alguns detalhes de vidas passadas. Jazem, no Inconsciente, como um poderoso *complexo*, referenciando outros, com forte poder de influência e de modelamento da atual personalidade. Costumam ser percebidas nas patologias psíqui-



cas em que o eu atual, frágil, sofre alguma cisão. As esquizofrenias, bem como as obsessões espirituais em que ocorrem as subjugações, demonstram claramente a existência dessas subpersonalidades.

Conexões mediúnicas. São influências espirituais que se conectam ao eu, buscando prevalência ou pregnância, independentemente do aspecto moral envolvido. São mentes que interferem na mente do indivíduo, influenciando sua maneira de ser. Originam-se de espíritos de várias qualidades: bons espíritos, amigos desencarnados, familiares desencarnados, obsessores, guias, mentores etc.. Nem sempre essas conexões decorrem da vontade consciente, tanto do espírito desencarnado quanto do encarnado. São associações psíquicas, por semelhança de propósitos ou por sintonia de caráter, que interferem no modo de sentir, pensar e agir de uma pessoa. A existência de *complexos* autônomos, cuja frequência é captada por outras mentes, promove a conexão entre uma pessoa encarnada e outra desencarnada. Em alguns casos, a influência demora por muito tempo, alterando sobremaneira a personalidade, a ponto de, simultaneamente, se identificar diferentes *eus* numa mesma pessoa.

Carma. São vetores psíquicos resultantes de ações tidas em outras vidas que, a qualquer tempo, atuam sobre a personalidade. São injunções resultantes de escolhas feitas em vidas passadas e que ainda continuam reverberando na mente, exigindo solução adequada. Não são absolutas; porém, enquanto não dissolvidas, a energia que carregam, de forma inconsciente, influencia o *ego*, podendo provocar vieses, às vezes, estigmatizantes. Quando o carma é dito *negativo*, resultante de culpas, promove adversidades na vida, a partir de experiências desagradáveis, exigindo sacrifícios diversos. São núcleos emocionais, carregados do resultante das experiências do Espírito, que alicerçam modos de ser e que geram naturais consequências,



podendo ser modificadas, bem como alteradas, a depender das novas escolhas a serem feitas pelo Espírito. O eu pode fazer novas escolhas que lhe possibilitem aprender a fazer diferente do que fez no passado, libertando-se de consequências que seriam consideradas negativas ou autopunitivas. Trata-se de uma espécie de gatilho disparador de novos formatos de destino para uma pessoa, passíveis de serem modificados.

Self. É o arquétipo da ordem e da totalidade, princípio organizador da vida psíquica. Contém aquilo que é programado *a priori, supra-arquetipicamente*, para que a vida aconteça de forma padronizada. Contém as tendências de organização e de totalidade para o Espírito, impressas no Inconsciente Coletivo. Conduz o ser para um sentido de realização; portanto, altera as atitudes sempre que tendam ao caos ou sejam contrárias à *Individuação*. O *Self* redireciona as interferências ao *ego* para que este alcance o melhor de si mesmo para a integração com o *Si-mesmo*. A influência do *Self* na vida, isto é, sobre o eu, não se restringe a apontar o que agrada ou satisfaz ao eu, mas também aquilo que lhe pode ser doloroso, difícil ou sacrificial. Um estigma, mesmo que seja altamente doloroso, é necessariamente uma proposta do *Self* para a educação do Espírito. O *Self* contém tendências comportamentais direcionadoras para que o Espírito, um dia, torne-se conscientemente aquilo que de fato é.

Supra-arquetípico. Representa aquilo que não depende da vontade consciente ou inconsciente do Espírito. É tudo que é *a priori* ao Espírito, sendo-lhe condições imutáveis, dada sua impossibilidade de mudança. É a interferência do divino que influencia nos processos humanos. Responde pelos acontecimentos em que não há qualquer interferência humana, seja de encarnados ou de desencarnados. São contingências divinas que direcionam o Espírito. Trata-se de uma *supraordem* que limita a atitude humana e a enquadra em estreitos condicionamentos e



limites. Essa *supraordem* restringe a liberdade inata do Espírito para que ele alcance os paradigmas pré-definidos das leis de Deus. Em tudo que nenhum ser humano, na sua finitude e conforme sua constituição morfogenética, pode fazer a qualquer tempo, independentemente de seu nível de evolução, encontra-se o *supra-arquetípico*. É paradoxal que o humano, dotado de livre-arbítrio, não o possa exercer em sua totalidade, pois tem como limite aquilo que é do Divino. Esse é o grande desafio do humano: confrontar-se para atingir a integração com o que é Divino.

PARTE II

O que é estigma

A Psicologia do século XXI não pode mais desprezar a natureza espiritual do ser humano. É tempo de sair dos limites cerebrais, mesmo sob o risco de ser considerado místico ou não científico. Se esse for o preço, será bem pago, pois não foram os místicos que trouxeram saberes avançados para seu tempo? Ademais, será que o científico é que detém exclusivamente o rótulo de saber a verdade? Veja-se o exemplo da Física Quântica, anatematizada por Einstein, expoente máximo da Física Moderna, mas que hoje, se encarnado estivesse, render-se-ia a boa parte de seus postulados.

A Psicologia Clássica e a Medicina atual ainda continuam a procurar, nos genes e no cérebro, as causas das afecções humanas e de certos estigmas. Juntaram-se com o nome Neuropsicologia. É obvio que vão localizar no cérebro as representações dos processos mentais, pois nele encontram-se sinais do que ocorre na mente (perispírito). Essas representações, com os modernos instrumentos de investigação da dinâmica neuronal identificando focos de movimento elétrico no cérebro, não são causas, mas resultantes de processos mentais. Isso não deve esgotar a procura pelas causas subjetivas; portanto, associadas ao Espírito. Quedar-se diante dos achados físicos sugere certo determinismo, que atende provisoriamente ao alívio de certas doenças com a adição de substâncias químicas paliativas. O que naturalmente



ocorre no cérebro físico atende a processos psíquicos do Inconsciente, concernentes ao Espírito.

A Psicologia, muito embora deva estar atenta ao apelo da Medicina em fixar causas no corpo físico, não deve se estagnar nessa dimensão; portanto, a Neuropsicologia deve definir seus caminhos: ou continuará a reboque dos paradigmas médicos, permanecendo como um Departamento da Medicina com seu mecanicismo, ou terá de ir em busca de seus próprios limites, constituindo-se uma nova ciência.

Em geral, as ciências surgiram na Europa, no Século XIX, com paradigmas cartesianos e mecanicistas. No século seguinte, nascida da Medicina e da Filosofia, a Psicologia delas se desvencilha, formulando seu próprio objeto (estudo do comportamento humano); porém, no Século XX, ousa afirmar-se, mesmo que timidamente, Transpessoal, propondo um olhar espiritual, ampliando o conceito do que é o humano.

Se, na Idade Média, os fenômenos mediúnicos que atingiam as médiuns, estigmatizavam-nas como bruxas, hoje, já são consideradas portadoras de uma faculdade psíquica que as possibilita acessar a dimensão espiritual – já não são queimadas vivas ou internadas como loucas. São canais de comunicação com outras mentes, cujos produtos eram antes considerados exclusivamente do Inconsciente, dada, com raras exceções, a ignorância reinante. Pode-se dizer que a Mediunidade cindiu o Inconsciente em partes, pois não se pode atribuir a causa do que não se conhece a outra estrutura também desconhecida. O Inconsciente não é só a matriz da consciência e o depósito de toda experiência humana, mas também o canal pelo qual transita o que provém da dimensão espiritual.

Os que se apresentavam como portadores de diferenças físicas explícitas também eram estigmatizados pela ignorância típica das sociedades primitivas, como ainda acontece até hoje. A sociedade moderna ainda é herdeira dessa estupidez. A Psicologia, em particular, deve dar sua contribuição ao estudo dos



estigmas, a fim de reforçar a erradicação do preconceito existente. Não pode ela se restringir a estudar e apenas propor métodos de resignação sem oferecer a compreensão profunda do significado e do propósito do estigma, o seu *para quê*.

Estigma deriva da palavra latina *stigma*, que significa marca sobre a pele (tatuagem). Neste estudo, amplio o conceito para Marca Psíquica ou Imagem sociopsíquica. Isso implica em considerar como estigma certas situações em que o Espírito se situa na vida e que lhe provoca um viés na encarnação. Nesse sentido, todos temos estigmas, pois, em face das relações que estabelecemos em sociedade, nos colocamos ou nos situamos em diferentes contextos. Por esse motivo, ter um estigma não é, aqui, considerado algo negativo ou depreciativo. O estigma tem seu sentido pessoal e é um fator importante para a evolução do Espírito. Como a palavra também se referia à marca que os escravos recebiam pela condição em que foram inseridos na sociedade, o termo ganhou cunho negativo. Acresce, a esse entendimento, o seu uso no Cristianismo, referindo-se às marcas causadas pelos pregos nas mãos de Jesus Cristo, como sendo chagas ou estigmas dolorosos.

Estigma tem sido considerado vulgarmente como marca ou cicatriz provocada por algo, como uma ferida que gera algum desconforto, sofrimento ou discriminação. No cinema, em alguns filmes, é sinônimo de sinal injurioso, marcado nos ombros, na testa ou nos braços de criminosos, escravos e piratas desertores, utilizando-se de ferro em brasa. O intuito é ultrajar e desonrar seu portador, reduzindo-o, para sempre, a um pária ou alguém de caráter inferior.

No Ocidente, o hábito de tatuar o corpo, a partir da segunda metade do Século XX, pode ser visto como uma transição entre o estigma negativo e o positivo. A tatuagem voluntariamente aplicada, antes, em certas culturas, um símbolo discriminativo de distinção e pertencimento a um determinado grupo ou a defensores de certas ideias, passou a ser adereço



estético, décadas depois, como uma demonstração de propriedade sobre o corpo. Cada vez mais se veem diferentes tatuagens, com um rico mosaico de estampas e significados próprios, emitindo representações da personalidade, ora do *ego*, ora do *Self*. As tatuagens representam diferentes *complexos* psicológicos que jazem no Inconsciente a espera de dissolução.

É comum o estigma ser caracterizado, externamente, como um problema moral, isto é, como se seu portador tivesse cometido algum delito. Ele próprio assim também pensa. É de se perguntar, por exemplo, o que fez um animal para nascer com um defeito físico? Seria consequência de alguma escolha contrária ao bem ou decorrente de alguma imoralidade? Se assim é com um animal, também pode ser com um ser humano. Deve-se considerar, também, que a crença pessoal, assimilada dos costumes sociais, pode promover o aparecimento de algum estigma sem que seu portador tenha cometido qualquer delito. Essa é a razão do caráter depreciativo associado à palavra estigma. Há uma grande exigência de “normalidade”, que tem considerado o estigma como um sinal depreciativo e indicador de condição inferior.

O estigma é um fator de diferenciação pessoal, normalmente não aceito, em face da exigência da sociedade em fazer com que todos se mostrem e se sintam iguais e moralmente perfeitos. Em realidade, essa é uma imposição absurda. Somos naturalmente diferentes, mas com direitos e deveres iguais.

Um estigma é uma marca diferencial, pois é singular para cada pessoa, e, por mais semelhante que possa parecer à de outro indivíduo, será sempre sentida de forma especial. O chamado estigma coletivo é uma generalização que se estabelece, cuja compreensão e dissolução devem ser tratadas individualmente por cada portador.

O estigma pode promover um retrocesso na personalidade, pois, muitas vezes, inibe a socialização, deslocando o interesse do *ego* para o arquétipo contrário à vivência da singularidade no coletivo. Quando isso ocorre, principalmente na infância, em



egos fragilizados por *complexos* relacionados à identidade pessoal, forma-se um núcleo potencialmente patológico que absorve mais *energia psíquica* do que o *Complexo do Eu*. Essa inibição tanto será mais danosa quanto explícito e aversivo seja o estigma.

Estigmas são características “impostas” pela *Vida* a certas pessoas, que acabam por desencadear processos psíquicos que enviesam as oportunidades e o destino. Podem ser genéticas, congênitas, adquiridas voluntariamente, ou não. Sua identificação contribui para a possibilidade de compreensão, a modificação de atitudes e a transformação da personalidade. Oferecem pistas para entendimento do Mito Pessoal, como também permitem, a seu portador, após identificadas, uma eficiente proposta de terapia.

As marcas impressas em nossa *psiquê*, resultantes das experiências emocionais vividas, são sempre fortes impressões que, inconscientemente, gravamos a respeito de nós mesmos. Elas moldam o corpo, o caráter, a autoimagem e a ideia que temos a respeito do que somos, como também do que o outro pensa sobre nós. São elementos de tensão que levam a mente a promover compensações psíquicas que resultam em sintomas ou expressões exteriores, revelando uma natureza subjacente à personalidade. São potenciais psíquicos à espera de utilização, a serviço do desenvolvimento da personalidade, isto é, da evolução do Espírito.

Os estigmas têm sido tratados, basicamente, como um problema de ordem social, sem que se analise de forma mais profunda, como algo originário do íntimo de cada ser humano. É o ser humano que o sente e o qualifica, atribuindo-lhe julgamento e valor. Antes de ser social, o estigma é pessoal, muito embora seja na relação com os indivíduos que ele se apresenta como incômodo; mas, muitas vezes, ele não se mostra ao outro, pois, além de não ser visível, é perceptível tão somente pelo seu portador. Nesse aspecto, a Psicologia, num sentido amplo de seu campo de estudos, deve ir além de sua vertente social ao anali-



sar os estigmas. A Psicologia Clínica deve também oferecer sua contribuição ao estudo dos estigmas, tendo em vista sua grande incidência nos consultórios de terapia.

Impõe-se, também, um olhar psicológico e espiritual sobre os estigmas aqui definidos, entendendo que todos os seres humanos, de alguma forma particular, devem ser considerados portadores de estigmas, pois, obstinadamente, desejam uma normalidade subjetiva de improvável existência. Essa busca para estar na normalidade enviesa a vida, coletivizando as pessoas e levando-as a certo adoecimento, cujo núcleo nada tem de saudável e carece de sentido. Vale ressaltar que alguns estigmas interferem sobremaneira na construção da identidade pessoal, alienando as pessoas, transformando-as em números e máquinas. Aqui, porém, os estigmas não são analisados sob a ótica da Sociologia, do Direito, da Antropologia, ou mesmo da Psicologia Clássica, mas buscando-se uma compreensão à luz da Psicologia do Espírito. De forma alguma, trata-se de uma psicologia espírita, ou do Espiritismo, mas do Espírito, considerado como ente real, cujas experiências pessoais ocorrem integralmente em sua mente, isto é, numa esfera totalmente psíquica, ainda que transcendente.

A perspectiva aqui aplicada é psicológica e espiritual, considerando que o Espírito vem de longas e remotas eras, em sua jornada, a caminho de si mesmo, do encontro com o desconhecido e com o que o criou. Os estigmas são como uma continuidade, na Consciência e no Inconsciente, de *complexos* psicológicos que apresentam uma maior densidade afetiva pelo forte impacto com a realidade. Muitos estigmas materializam *complexos* do Inconsciente no campo da Consciência. Os estigmas são uma espécie de representação dos conteúdos *akásicos*, isto é, dos *imprints* (marcas) psíquicos, gravados perispiritualmente, resultantes das experiências do Espírito, ao longo de suas vidas passadas. Seu estudo não deve ser considerado como simples tentativa de busca de uma imagem para a construção da identidade social, oriunda da relação com o outro. Trata-se de algo



mais profundo e pertinente à identidade do eu, constituído ao longo de várias encarnações; os estigmas servem ao encontro da essência profunda do ser humano.

O conceito de encarnação, aqui utilizado, não é o mesmo admitido pelas doutrinas orientais, porque não se presta à punição de quem errou ou não se desapegou, mas de quem voltou para dar continuidade natural à evolução do Espírito imortal. Trata-se da reinclusão do Espírito numa outra dimensão (material), posterior à espiritual, naturalmente acessível, sem ser oposta nem inferior, oportunizando diferentes experiências para construção de um saber que lhe é específico.

Também os estigmas não são aqui tratados como patológicos ou simplesmente como produzidos pelas relações interpessoais, como querem alguns estudiosos; independentemente dessa possibilidade, aqui são analisados como um fenômeno que se processa na mente do seu portador, na tentativa de deslindar o que ali ocorre e qual sua causa geradora. Considerá-los como originários somente do indivíduo ou do meio não favorece sua compreensão. Trata-se de um fenômeno real que tem implicações psicológicas e que interfere na vida e no destino de seus portadores. Ser ou não um mal e sendo ou não atribuída sua causa ao portador, é irrelevante para efeito deste trabalho. Nem sempre se devem a atitudes equivocadas, inconsequentes ou imprudentes de seu portador; são também propostas que a *Vida* oferece ao Espírito para um maior e melhor crescimento.

Sem a perspectiva espiritual, isto é, sem admitir a reencarnação, a visão será acanhada e parcialmente analisada, pois considerará tudo como uma questão relativa ao organismo e ao meio, referente a comportamentos respondentes, à moda behaviorista, esgotada em seus pressupostos simplistas.

Com os postulados da Psicologia do Espírito poder-se-á alcançar a maioria dos processos que geram estigmas, contribuindo para seu entendimento e sua resolução. A simples aceitação e convivência com o estigma, passíveis de serem alcançadas



com as terapias convencionais, estabilizam a consciência, porém não tornam o aprendizado completo, inerente à sua manifestação. Pode-se ir mais além, aproveitando-se tudo que um estigma pode oferecer, na medida em que se considere a terapia como uma proposta, em última instância, que vise a alcançar a autodeterminação de seu portador.

As análises de Goffman (1982), de Bacila (2008), de Shana Levin e Colette van Laar (2006) e de Todd et al. (2003) não levaram em conta aquele olhar, tampouco extrapolaram os limites da Psicologia Social e das Ciências Jurídicas (Bacila), muito embora tenham ampliado os estudos sobre o tema. Assim mesmo foram acanhados em suas análises, pois não consideraram as configurações citadas neste trabalho, como, por exemplo, a formação dos estigmas em encarnações anteriores, além de desprezarem a questão do Inconsciente, ou mesmo toda a Psicologia Clínica. Goffman, seguido pelos demais, analisa o estigma mais como uma inaceitação social que parte da sociedade para o indivíduo, como um preconceito, do que uma autopercepção da própria diferença. Vale salientar que a ciência tem suas limitações em tudo que diga respeito ao que se aproxima do religioso (espiritual).

O problema do estigma é mais do que um preconceito social, como afirmou Goffman. Trata-se da identificação com a personalidade narcísica de difícil desconexão inconsciente. Adota-se o desejo de ser normal como padrão, desprezando-se quem de fato se é (com o estigma). Desesperadamente o portador do estigma deseja sua eliminação, sem antes entender sua causa geradora e o que pode absorver de sua manifestação.

Os estigmas são mais do que preconceitos, pois são julgamentos sociais que se aplicam sobre certas pessoas em face de sua diferenciação do padrão ou da norma coletiva. Todo preconceito revela um estigma, mas nem todo estigma faz aparecer um preconceito. Não há preconceito, por exemplo, sobre o filho caçula; no entanto, neste trabalho é considerado um es-



tigma. Os preconceitos de qualquer natureza, no mínimo, revelam um estigma social, que pode ser passageiro ou duradouro. O preconceito que se tem, por exemplo, em relação ao anão, muitas vezes tratado como motivo de chacota, relegado a trabalhos em que é inferiorizado, é diferente do que se tem em relação ao portador de um problema psicológico, como a gagueira emocional, que pode ser totalmente curada com terapia.

A razão pela qual o assunto é principalmente pertinente à Psicologia Clínica, mais do que à Social, deve-se às graves consequências para a personalidade, além do prejuízo correspondente à economia. O retraimento social, a dificuldade de contato por causa do estigma, a depressão como consequência, o custo dos tratamentos, o absenteísmo, bem como as angústias geradas, atestam a necessidade de ser analisado sob o paradigma clínico.

Os estigmas decorrem da complexidade sempre crescente da vida social, bem como da identificação do *ego* com o coletivo. É um fenômeno pessoal e simultaneamente coletivo. Trata-se de uma alienação do indivíduo de si mesmo e de uma tentativa de alcançar um *ego* ideal, sem considerar que o corpo é um revestimento de sua natureza, não necessariamente essencial, que apresenta características provisórias, como sinais de aspectos a serem conhecidos e integrados.

Considerações sociológicas sobre os estigmas também devem ser avaliadas na análise clínica, pois o ser humano é um ser social. Ele procura a erradicação ou solução para seu estigma, por querer se sentir aceito e pertencente ao meio social do qual faz parte. Quando o estigma é visível, seu problema se agrava. Quando não consegue eliminá-lo, sente-se excluído, inferiorizado e estigmatizado.

O estigma não é identificado exclusivamente pela cultura, pelo meio social, por alguém ou pelo próprio indivíduo, já que se trata, algumas vezes, de um enquadre inconsciente e *a posteriori*. Quando o estigma é de configuração (inconsciente, gestáltico e não explícito), sua identificação requer uma análise



sistêmica, mais ampla, também considerando a continuidade da vida após a morte – por exemplo, quando se percebe que o estigma se apresenta como “filho único”, cuja educação contribuiu para a formação de uma personalidade autoritária, exigente e voluntariosa. Esse estigma, aparentemente imperceptível e não considerado como portador de forte energia, capaz de produzir efeitos danosos, exige ser analisado sob paradigmas sistêmicos.

Os estigmas que não se apresentam no corpo físico nem são perceptíveis às pessoas tendem a ser desprezados pelo próprio indivíduo, sem, no entanto, serem menos enviesadores de sua personalidade e do seu destino – por exemplo, nem sempre se dá atenção ao fato de se ter o mesmo nome do pai e nem se percebe o viés que isso causa à personalidade.

Quando o estigma é mediúnico, isto é, em que o indivíduo apresenta mediunidade ostensiva muito cedo, com manifestações que se assemelham a convulsões epiléticas, tendo conflitos de personalidade, e que, por ignorância da família, é tratado como portador de transtorno psíquico grave, isso lhe trará consequências funestas que poderiam ter sido evitadas. Se tivesse sido compreendido como um médium que apresentava manifestações mediúnicas, teria, nesse caso, merecido uma análise sob o paradigma espiritual, ajustando-se perfeitamente à vida.

Mais do que o impacto que um estigma pode causar num indivíduo em face do julgamento social, deve-se estar atento ao que o próprio portador pensará antes a respeito de si mesmo. Como a sociedade o estereotipa, também causará alterações na personalidade, mas é o seu próprio julgamento que será determinante para seu futuro e para a ideia que fará a respeito de si mesmo.

O estigma deve ser aproveitado pelo indivíduo como um fator que lhe facilita o entendimento a respeito de si mesmo, ainda que lhe traga inconvenientes sociais e incômodos psíquicos. Esse entendimento, quando não acontece na meia-idade, na maioria dos casos, ocorre de forma tardia, isto é, um pouco antes ou logo depois da morte física.



No que diz respeito à formação de um estigma, não resta dúvida que seria temerário, para o desejo de compreensão, subestimar a capacidade do ser vivente de assimilar ou captar o que o rodeia, em qualquer idade, inclusive no período gestacional. Não há limites que possam impedir tamanha capacidade de absorção do que existe no Universo. Ocorre como se a mente de cada ser estivesse conectada a tudo que há no Universo, sendo permeável a configurações que contribuam para sua evolução.

Determinar o momento, quando se inicia um estigma, pode ser um exercício de imaginação, sem objetividade maior. Deve-se pensar que seu aparecimento se tornou perceptível em face de sua energia ter suplantado os limites da consciência. A relativização toma proporções incalculáveis, pois o surgimento da consciência remonta ao período imediatamente depois do Plioceno Superior (5 a 2 milhões de anos atrás). Causas somam-se a causas, cuja precisão se torna improvável. É importante alcançar-se um estágio, cujo aprendizado seja suficiente para o equilíbrio da relação entre a consciência de si mesmo e a pressão exercida pelos fatores inconscientes.

O incômodo causado pelo estigma, quando atinge o corpo físico, decorre da imagem que se tem de si mesmo, construída conjuntamente com a percepção do desenvolvimento do próprio corpo e com juízos de valor oriundos do grupo social de que se faz parte, confrontada com o que de fato ele apresenta. A consciência de que não se é o corpo, mas que se tem um corpo, certamente levará àquela confrontação.

Em geral, formamos uma ideia de quem somos a partir de uma imagem física, associada à ideia de aceitação dessa imagem por parte de um grupo social, complementada pela ideia de que se tem consciência de como se é visto pelos outros. Essa imagem, formada por esse conjunto de fatores, é o que pensamos que somos. Quando se toma consciência de algum estigma pessoal, esse conceito sobre quem se é começa a sofrer altera-



ções que devem ser seguidas de reflexões para a necessária adequação a uma nova personalidade.

O estigma é uma “força oculta” que, alquimicamente, promove o destino e forja o mito de cada indivíduo, tornando-se, quando acontece, importante ferramenta para o autoconhecimento. É uma espécie de motor silencioso que impulsiona a consciência, exigindo transformação. Vale salientar que o mito pessoal também pode forjar um ou mais estigmas.

Note-se o estigma do genial Henry Toulouse-Lautrec (1864-1901), famoso nobre e pintor francês, cuja doença lhe impediu ultrapassar 1,52m de altura. Era portador de Distrofia Poli-hipofisária, que lhe retardou o crescimento normal. Este estigma influenciou sua pintura. Muitos de seus quadros apresentam uma perspectiva de quem de baixo observa o objeto pintado, tornando as figuras humanas retratadas como se olhassem para baixo.

Em certos estigmas, o estigmatizado deve ser levado à consciência de sua personalidade narcísica. Isso deverá levá-lo a adotar a diferença provocada pelo estigma como marca própria, pessoal e fundamental de si mesmo. Isso evitaria boa parte do incômodo causado pelo estigma, levando-o a tirar proveito daquela diferença.

A tomada de consciência do estigma invariavelmente dispara, simultaneamente, a ativação de dois mecanismos; o primeiro, o sentimento de inferioridade e de não pertencimento à classe dos “normais”, e o segundo, uma tentativa obsessiva de compensação de sua manifestação. A vergonha em constatar o que se é, quando o estigma é aversivo e explícito, antecipadamente exposto aos outros, é um duro golpe na estrutura do *ego* no que diz respeito a autoimagem. A tendência será querer provar que seu estigma não o incomoda, não existe ou é mero detalhe.

O desejo de superação dos impedimentos e limitações, provocados pelo estigma, recebe o estímulo da vontade de ser exemplo para os outros. Isso promoverá uma reestruturação



do *ego*, antes abalado pelo sentimento de inferioridade; por outro lado, a consciência da inferioridade, ao menos momentânea, também é importante, pois, além de contribuir para a natural tendência inflacionária do *ego*, possibilitará uma melhor percepção de si mesmo.

Alguns estigmas são utilizados como exemplo de resiliência e superação de desafios ao Espírito, o que é muito útil, porque reduz o impacto social, causado pelo incômodo, que alguns estigmas provocam. A sociedade reduz seu preconceito quando esses exemplos de sucesso (medalhistas de paraolimpíadas) são expostos. Por outro lado, pode-se ver a atuação de alguma providência em favor daqueles que, por qualquer que sejam os motivos, estejam sofrendo pelos estigmas que atraíram. Essa intervenção em favor da redução do sofrimento porventura causado por um estigma, por si só, revela a quebra do que seria a causalidade absoluta. O Universo não funciona como a conhecida “lei de talião”, mas com a máxima flexibilidade em favor do que atrai a felicidade e a realização pessoal do Espírito.

As histórias de sucesso de portadores de certos estigmas, tomados como exemplo, são construídas com base em temas mitológicos, e aquelas que coletivizam o indivíduo distanciamos de si mesmos, reforçando apenas o valor do estigma e de sua superação – algo também válido, mas que não deve permitir que o vitorioso valorize constantemente o “defeito”, em detrimento da continuidade de sua própria vida, para além e independentemente dele.

Os estigmas, quando de fato incomodam, promovem duvidade de comportamento no seu portador. Inicialmente e naturalmente, surge o desejo de pertencer ao grupo dos que não possuem aquele estigma, pois seu portador quer demonstrar sua normalidade; posteriormente, após a tomada de consciência de seus próprios limites ou da aceitação do estigma, há um desejo de compartilhar suas experiências de superação, ou não, com seus semelhantes.



Por um lado, o estigma promove uma maior visibilidade social. Basta que se veja toda uma propaganda em atenção aos portadores de necessidades especiais, defendendo suas prioridades. Por outro lado, isso vem combater a invisibilidade social ainda existente, não só pelo natural recolhimento em face da vergonha mas também por falta de espaços públicos adequados.

Em alguns casos de rejeição à inclusão no grupo que identificou pertencer, o portador do estigma sente-se melhor ou menos infeliz do que os outros. Só depois de algum tempo perceberá que age como todos, tendo de admitir que seu sentimento de inferioridade e o de igualdade são semelhantes aos dos demais.

A primeira consciência da existência de um estigma pessoal, normalmente, é geradora de culpa. Culpa por não conseguir ser igual e pertencente à categoria dos “normais”. Seu portador, inconscientemente, poderá se sentir o representante do “mal”, isto é, o responsável por ter feito algo muito ruim, muito prejudicial a todos. Sentir-se-á como se todo o mal existisse por causa de seu estigma, que será, aos poucos, entendido na consciência como uma punição pertinente. Essa culpa perdurará enquanto não se conseguir compreender suas causas e a serviço do que ele surgiu.

É fundamental que o estigma seja visto como um grande elemento aglutinador de *energia psíquica*, que deve ser redirecionada não só para a adaptação à vida cotidiana como também para a descoberta da subjetividade dos conteúdos pertinentes. Isso quer dizer que adaptar o estigmatizado à normalidade não é suficiente. O estigma, qualquer que seja, exige mais, isto é, “quer” ser compreendido de forma mais ampla.

Principais consequências

Todos os estigmas trazem suas consequências, enviesando o destino de seus portadores. Um mesmo estigma, em diferentes pessoas, trará consequências específicas para cada uma. Os estigmas não explícitos nem sempre apresentam vieses conscientes aos seus portadores. Quando o estigma é explícito ou, de alguma maneira,



exibe o que diferencia seu portador da maioria, incluindo-o numa minoria estigmatizada, as consequências advindas podem ser as mais diversas. A discriminação decorre da não inserção numa maioria considerada normal. Preconceitos, exclusões, rejeições, compaixões, piedades, agressões, benefícios, prioridades, discriminações, são algumas das consequências de se ter um estigma aversivo explícito. Tais consequências podem ser autoaplicadas ou não. Em certos países da Europa, por exemplo, as companhias aéreas não aplicam a discriminação de conceder embarque prioritário (em primeiro lugar) aos deficientes físicos (cadeirantes), aos idosos, aos pais com crianças e aos doentes graves, em aviões. Todos são tratados da mesma maneira, adotando-se a política da normalidade geral. No Brasil, ao contrário, aqueles que se enquadram nas categorias citadas têm prioridade. Seria, lá, o descumprimento de uma norma internacional, ou, aqui, uma discriminação ou protecionismo piedoso? De qualquer forma, trata-se de uma discriminação (no caso das prioridades), cujo benefício não se revela profícuo; ao contrário, pelas dificuldades de locomoção, acabam por atrasar as operações que envolvem os embarques de pessoas nos aviões.

Em todo o mundo, sabe-se da existência de uma modalidade de violência, de imprevisíveis consequências, que se aplica em crianças: o famoso *bullying*. Nas escolas, crianças são discriminadas por qualquer tipo de diferença que demonstrem naturalmente ter. São discriminadas por outras crianças por questões estéticas, pelo desempenho, pela etnia, pela classe social, pelo nome (apelidos), pela idade, pela religião, pelo desejo de poder, entre outras formas de demonstrar superioridade sobre o outro.

Na cartilha *Bullying: cartilha 2011 – Justiça nas Escolas*, elaborada pela médica psiquiatra Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva, publicada pelo Conselho Nacional de Justiça em conjunto com o Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, ela aponta as formas mais comuns de *bullying*:

Verbal: Insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “zoar”;



Física e material: bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima;

Psicológica e moral: humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar;

Sexual: abusar, violentar, assediar, insinuar;

Virtual ou *Cyberbullying*: *bullying* realizado por meio de ferramentas tecnológicas, tais como celulares, filmadoras, internet etc.

O *bullying* é uma das consequências de se ter estigmas aversivos explícitos, desde um simples e pequeno sinal no rosto a se ter o pior ou o melhor desempenho escolar. Tais consequências podem repercutir para sempre na vida do indivíduo, pois, dependendo de sua estrutura psicológica e de seu contexto familiar, poderão provocar fracasso escolar, depressão, estresse, trauma, variados transtornos psíquicos, além de reações autopunitivas e vingativas.

O *bullying* poderá reforçar um estigma existente ou criar outro que, mesmo de pequena e momentânea importância, poderá nunca mais ser esquecido. O problema é doméstico e simultaneamente público. Cabe aos pais preparar seus filhos para o mundo (escola), orientando-os e, principalmente, acompanhando-os, sobretudo em seu desempenho escolar. Cabe às escolas proteger os alunos que foram confiados à sua guarda, evitando de algum modo que sejam estigmatizados, além de inserirem em seus currículos temas transversais que tratem das diversidades.

O modelo de educação aleatoriamente competitivo, estabelecendo a vitória do mais bem sucedido nas questões lógicas e racionais aferidas pela escrita, contribui para a inclusão e a exclusão de determinados alunos. O não oferecimento de acompanhamento psicológico periódico nas escolas, públicas e particulares, contribui para a existência do problema. A criança é apenas um número, sem que ninguém lhe perceba as alterações e necessidades, principalmente sem que acompanhem seus processos psicológicos.

Classificações dos estigmas

É importante considerar a questão da formação dos estereótipos como algo inerente ao convívio social. Naturalmente formamos, a respeito do outro, uma determinada imagem de pessoa, de acordo com um modelo mental estabelecido. Inconscientemente, comparamos todo ser humano a certo tipo psicologicamente estabelecido, atribuindo-lhe um valor ou sentimento; envolvidos por esse julgamento, estabelecemos a natureza e a qualidade das relações que vão nortear as interações com o outro. A formação do estereótipo também decorre de certo etnocentrismo característico de todo indivíduo imerso numa cultura.

A natural estratificação social inerente à formação das sociedades, bem como as diferenças de níveis de evolução dos Espíritos, é a base para a geração dos estereótipos e, consequentemente, de alguns dos estigmas. O coletivo predomina sobre o individual. A constituição dos clãs, os diferentes povos, a existência de países, a criação de fronteiras, as diversas línguas e as distintas culturas promovem rejeições que estabelecem tensões entre os indivíduos que vivem cada uma dessas situações.

O enquadre do próprio indivíduo a uma daquelas situações o coletiviza, limitando-lhe à percepção de si mesmo, o que dificulta a aceitação da própria natureza e das diferenças que observa em relação aos outros. A autodiscriminação, em relação ao estereótipo dominante, contribui para a instalação dos



estigmas cujas diferentes categorias serão geradas de acordo com a percepção que cada um tem de si mesmo.

Os estigmas, originados pelo julgamento social e aplicados ao indivíduo, são naturalmente formados em todo e qualquer grupo. As sociedades estruturam-se em cima de regras, baseadas em princípios inicialmente de sobrevivência pessoal e coletiva. A busca pelo local fértil e farto em água e comida, condicionou seu modo de pensar e conceber o mundo. Na estruturação das sociedades, as pessoas foram classificadas segundo habilidades (caçar, pescar, construir, proteger, plantar etc.). Essas habilidades eram exercidas a serviço de todos. Os estereótipos surgiram quando apareceram pessoas sem habilidades específicas ou sem que se enquadrassem nas existentes. Da mesma forma, os indivíduos são automaticamente enquadrados de acordo com certas características coletivas que denunciam uma categoria social – por exemplo, quando se encontra uma pessoa vestida de branco ou com um guarda-pó branco, próxima a um hospital, automaticamente, ela será tomada como médica, sem que nada faça ou declare a respeito. Assim também ocorre quando as características apresentadas por uma pessoa as enquadrem numa categoria socialmente depreciada – basta que alguém se vista de forma simples, num ambiente luxuoso, que ela será depreciada e rejeitada.

Por muito tempo, muitos grupos sociais foram rejeitados por outros em face de comportamentos não aceitos, gerando estigmas coletivos e, conseqüentemente, individuais. Quando o indivíduo se encontra num *habitat* que não é o seu natural, o grupo dominante tenderá a estigmatizá-lo – assim ocorreu quando os povos germânicos invadiram a Europa e foram chamados de “Bárbaros”. Muitas guerras foram provocadas por causa de estigmas coletivos, criados e estimulados pelo exacerbado nacionalismo ainda reinante.

Por mais que as guerras tenham objetivos de conquista territorial e interesses comerciais, subliminarmente, contêm pre-



conceitos advindos da formação dos estereótipos sociais. São geradoras de estigmas sociais, também para aqueles que se intitulam vencedores. Quando o ser humano se transforma em matador de outro ser humano, ele conviverá com os horrores das criações mentais típicas de um predador. Sentir-se-á diferente de seus semelhantes, estigmatizando-se. Por mais que seu nacionalismo legitime sua atitude para com seu país, o *Self* lhe “dirá” que sua ação foi animalésca. O país ou povo subjogado sentir-se-á “desonrado”, vivendo na expectativa de algum acontecimento que lhe levante a autoestima, a fim de lhe devolver ao estado original. Compensações são naturalmente requeridas. O futuro, também pelo retorno dos mesmos personagens de antes, promove novos e melhores acontecimentos para o equilíbrio psíquico, individual e coletivo.

As conhecidas “cotas raciais”, utilizadas para o ingresso em universidades públicas, estabelecidas para compensar os equívocos cometidos contra minorias, principalmente por aqueles que escravizavam as pessoas como se fossem alimárias, numa demonstração do estágio de barbaridade em que se encontravam os conquistadores, são a confirmação da estigmatização coletiva, havida no passado. Essa estigmatização coletiva deixou marcas em cada pessoa, que, se não fosse a tradição do grupo, sentir-se-ia mais estigmatizada ainda. Essa tradição, construída pelos laços de família, tem sido responsável pelo fortalecimento da consciência do grupo oprimido (consciência negra, consciência judaica etc.), reduzindo a força discriminadora do estigma.

A expressão “politicamente correto” vem ao encontro da tentativa de eliminação de qualquer tipo de estigma, porém não deixa de contribuir para a discriminação quando se exige que se mude de epíteto. A escolha de como se pretende ser chamado pode, ou não, favorecer a autodiscriminação e a do outro. Num certo sentido, não é possível não haver discriminação.

Recentemente, em 2010, o governo francês expulsou ciganos romenos em clara atitude discriminatória, alegando ex-



cesso em suas cotas de imigração. A sociedade francesa, já irritada com a quantidade de turistas que assolam a capital, bem como com a migração coletiva dos povos do leste europeu em face da integração com a Comunidade Econômica Europeia, aplaudiu a medida. Isso é um pequeno exemplo de que a humanidade ainda continua produzindo discriminações e consequentes estigmatizações.

Da mesma forma, recentemente, o estado americano do Arizona, fronteira com o México, promulgou uma lei estadual de tolerância zero aos mexicanos e aos imigrantes ilegais por causa da morte de um policial, cidadão americano – o governo viu-se obrigado a declarar a lei inconstitucional. A discriminação era muito evidente para um povo que se diz democrático e respeitador dos direitos individuais.

As sociedades atuais ainda são os espaços geradores de estigmas em face de suas características culturais vigentes. São culturas marcadamente etnocentristas, geralmente baseadas na defesa de seus nativos, que se agregam com o nome de pátria. Ainda vigoram princípios que privilegiam certos grupos em detrimento de uma visão de totalidade, que considere todo indivíduo cidadão do mundo, filho de Deus e Espírito imortal.

São sistemas ainda vigentes no mundo atual, geradores de certos estigmas negativos:

- a falta da visão de unidade dos povos, como sendo todos iguais e pertencentes a um único *habitat* (Terra);
- a ausência de autoridade para criação de organismos internacionais que possam defender os direitos de cada um dos cidadãos do mundo, sem a tutela ou influência do governo de qualquer país;
- a política de imigração dos países, impedindo o livre trânsito entre as pessoas;



- a discriminação aos negros (e aos considerados não brancos), aos judeus, aos palestinos, aos árabes etc., e a outras minorias existentes no mundo;
- a discriminação aos cidadãos dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, a exemplo dos latino-americanos;
- a existência de sistemas que consideram que há privilégio a certas castas na sociedade;
- a manutenção dos sistemas monárquicos que contemplam, com privilégios, castas de realeza e de nobreza;
- as dinastias, os clãs, os privilégios a quaisquer grupos em detrimento da maioria;
- distinções religiosas, principalmente baseadas em pureza (iluminação) de qualquer natureza, entre religiões e nos pressupostos de cada uma delas;
- a existência de governos totalitários ou teocratas sem a participação popular para a eleição de seus governantes;
- a ausência de investimentos em programas mundiais de atendimento a todos os portadores de necessidades especiais;
- a supremacia do valor do capital sobre os valores do Espírito.

Por muito tempo, infelizmente, ainda conviveremos com a ocorrência dessas situações – consequência do patamar de evolução em que se encontra a humanidade. Somos vítimas de nós próprios.

Sistemas de classificação. As representações no Inconsciente

Classificação segundo a visibilidade: visíveis (evidentes) ou explícitos, e invisíveis (não evidentes) ou subjetivos. Na sua maioria, são estigmas físicos ou relacionados à aparência. Os primeiros são evidentes (perceptíveis pelos cinco sentidos) ao próprio indivíduo ou a outros e têm maior carga de energia em face de sua constante permanência na consciência; quanto aos segundos, o próprio indivíduo consegue camuflar, pois não são evidentes; nesse caso, incluem-se mesmo os que sejam externos, passíveis de uma percepção mais acurada, sem possibilidade de identificação pelos outros, salvo por quem convive intimamente com a pessoa.

Classificação segundo o grau de consciência: conscientes ou inconscientes. Os primeiros são do domínio da consciência do eu, como, por exemplo, um defeito físico visível a todos e impossível de ser camuflado; os segundos podem ou não se tornar conscientes ao eu, como por exemplo, filho oriundo de uma gravidez não desejada e não ter sido aceito intimamente pela mãe ou pai. Para alguns portadores de estigmas explícitos, tal ocorrência não parece lhe trazer qualquer incômodo ou inaceitação; ao contrário, provocam-lhes certo orgulho e prazer masoquistas em possuí-lo.



Estigmas conscientes: explícitos (visíveis), não perceptivos pelos outros e imaginários pelo próprio. Por exemplo: não gostar do próprio nome; imagem mental negativa do próprio corpo, diferente da real, que é socialmente aceita como normal; acreditar que tem uma “marca” qualquer que lhe inferioriza, sem comprovação de existência real.

Estigmas inconscientes: explícitos (visíveis), gestálticos (configuração) e espirituais. Por exemplo: ter o nome do pai; ser filho de alguém famoso; ter mediunidade explícita, sem entender de que se trata.

Estigmas pessoais e coletivos: os pessoais são mais difíceis do indivíduo aceitar e resolver. Eles não apresentam muitas características provenientes do meio; os que são coletivos, isto é, são comuns a uma sociedade ou grupo majoritário, têm suas consequências mais diluídas e as culpas que porventura causem dissolvem-se ou consolidam-se com a evolução da própria sociedade. Os estigmas coletivos podem ter distintas representações para cada indivíduo.

Classificação, segundo o valor: impulsionadores ou limitadores. Há estigmas, em sua maioria, que trazem dificuldades para seus portadores, limitando sua liberdade e cerceando seus direitos à normalidade. Muitos se deixam acomodar pelo estigma, autocompadecendo-se, adequando-se à própria limitação. Em geral são estigmas explícitos e conscientes; mas há indivíduos que, pelo mesmo motivo, impulsionam-se, instigando a criatividade, a resiliência e a superação para o novo. Consideram seu próprio estigma um marco e uma vantagem importante que lhes estimulam a se tornarem melhores. Estes últimos são raros. Um estigma, antes limitador, pode se tornar impulsionador, a depender do grau de maturidade do indivíduo e das experiências que venha a ter.



Classificação segundo a temporalidade: cármicos – são devidos à continuidade de experiências iniciadas em alguma época anterior à atual encarnação, cujas consequências ainda necessitam tornar-se conscientes; iniciados na atual encarnação – são decorrentes de circunstâncias geradas a partir de experiências sem conexão com o passado reencarnatório; acidentais – começam inesperadamente, decorrentes de eventos fortuitos, sem qualquer possibilidade de conexão com passado atual ou de outras vidas.

Segundo Goffman (1982) eles se dividem em três tipos: abominações do corpo, promovendo deformidades físicas; culpas de caráter individual, provocando discriminações diversas; raça, nação e religião, automaticamente transmitidos. Essa divisão feita por Goffman restringe a questão dos estigmas, diga-se de passagem, a um tema meramente sociológico, de caráter coletivo e relativo à vida social externa, sem apontar os fatores psicológicos envolvidos. Há uma predominância no foco aos estigmas físicos explícitos. É uma visão também seguida pela grande maioria dos autores que tratam do tema. Essa restrição deve-se à falta de interdisciplinaridade e da não percepção e discussão a respeito do Inconsciente, cuja percepção é motivo de estudos por toda Psicologia, sobretudo no trabalho clínico. Aliás, o Inconsciente tem sido desprezado pela maioria das ciências, em face de sua aparente subjetividade, pois sua natureza impede uma visão direta – atualmente, vem sendo objeto de interesse da Moderna Física Quântica, tendo em vista as observações a respeito da influência do sujeito sobre os objetos, sobretudo no mundo microscópico.

Tipos de estigmas

Tudo se passa na intimidade do Espírito. O mundo acontece na mente de cada um. A forma como se interpretam os eventos oriundos da relação entre a consciência e a realidade é a grande responsável pela construção do Universo que é compreendido pelo indivíduo e por todos. Os estigmas nascem visando apontar algo que necessita de algum tipo de equilíbrio na relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a realidade.

A mente é um aparelho, cujo sistema de funcionamento é aberto ao externo, emitindo e recebendo informações, estímulos e criações para que a vida se atualize em cada Espírito. Nossas criações mentais são o tecido em que a evolução acontece, mas que, felizmente, pode ser tingido de diferentes cores, ao sabor de seu proprietário.

A formação do estigma dá-se pelas criações mentais, materializadas ou não, cujas consequências atingem principalmente seu emissor. A ideia de se controlar a própria mente, sumariamente reprimindo conteúdos ou emissões mentais decorrentes de algum estigma, pode ter efeito contrário ao esperado, pois toda tensão necessita de alívio para que haja o equilíbrio geral da vida; portanto, a repressão dos desejos oriundos desse ou daquele estigma pode ser danosa, mas, quando sua realização é necessária, deve-se buscar algum tipo de alívio compensatório sem que reforce a manutenção do aspecto negativo envolvido.



São muitos os tipos de estigmas e, neste trabalho, não há a pretensão de abordar todos. A maioria dos que aqui são referidos foram percebidos em meu trabalho clínico – uma pequena parcela dos que se tornam visíveis ao estudo. A possibilidade de entendê-los à luz da Psicologia do Espírito é um difícil desafio. Torna-se ainda maior pela complexidade do tema e pela falta de estudos específicos nas áreas envolvidas. De um lado, a Psicologia Clássica não os reconhece em seus estudos e quando os analisa o faz superficialmente; do outro, o Espiritismo tem sido muito categórico em suas afirmações sobre a causalidade cármica, minimizando o entendimento.

Estigmas são experiências que promovem alterações na personalidade e que geram consequências, cuja importância não pode ser desprezada na análise do destino de uma pessoa. Eles influenciam direta e indiretamente nas escolhas, no sentido e significado da existência. Essa influência pode ocorrer à revelia da consciência, de forma gradual ou instantânea. Muitas vezes, mesmo que o indivíduo afirme não dar importância ao estigma, há uma influência indireta e inconsciente sobre a personalidade.

Anomalias físicas, desvios da estética convencional, alterações significativas na personalidade, diferentes configurações familiares e contextuais, estereótipos sociais (preconceitos para com indivíduos e minorias), concepções imaginárias ou criações psíquicas a respeito da realidade, necessidades arquetípicas, além de contingências *supra-arquetípicas*, são fatores determinantes para que se criem os estigmas. São como espaços de inserção oferecidos ao Espírito a fim de que a *Vida* proporcione experiências para seu desenvolvimento. Nenhum processo terapêutico deve desprezar os aspectos resultantes desses fatores bem como nenhuma autoanálise deve esquecer de considerá-los.

Estigmas pertencem ao Espírito; portanto, nem sempre a morte do corpo elimina sua existência, principalmente daqueles que não foram conscientizados e dissolvidos nas experiências vividas numa encarnação. Então, não é somente o Espírito en-



carnado que tem estigmas. Antes, durante ou depois da encarnação, ele carregará seus estigmas adquiridos ao longo de suas várias encarnações. Poderá eliminá-los, mantê-los, adquirir outros ou substituir alguns. Tudo vai depender de seu grau de consciência e determinação em dissolvê-los, ou modificá-los, utilizando-se das estratégias adequadas, antes de reencarnar ou mesmo durante a encarnação.

Verifico que, dos estigmas conscientes, os físicos explícitos, os provocados por preconceitos relativos a minorias e os referentes a estrangeiros ou com hábitos e costumes diferentes provocam maior dano social ao indivíduo do que outros, em face da necessidade cotidiana de convivência social.

Um dos preconceitos, cujas consequências abalaram sobremaneira a sociedade no Século XX, promovendo estigmas diversos de alcance ainda incalculável, ocorreu, contra os judeus, antes e durante a segunda guerra mundial. Sem que sejam uma diferente etnia, sem que apresentem qualquer característica que o difira de um cidadão como outro qualquer, apenas por se tratar de um povo que apresentou uma cultura distinta dos países em que se firmaram após a segunda diáspora, os judeus sofreram perseguições injustificáveis, causando sofrimentos, além de diversos estigmas.

Enquanto não nos virmos como Espíritos imortais, habitantes de um mesmo orbe, iniciando na evolução espiritual, passaremos por diferentes estigmas. As diferenças serão observadas em face da ignorância que ainda se tem a respeito de si mesmo.

Seguem-se alguns tipos de estigmas que merecem destaque.

Abandono materno

Provoca, invariavelmente, um sentimento de rejeição inconsciente e, posteriormente, tende a ser conscientizado a partir da adolescência. Esse abandono pode ser total quando a criança é de fato entregue oficialmente à adoção, ou parcial quando é



simplesmente entregue a parentes. Sem que seja por sua responsabilidade direta na atual encarnação, o abandono ocorre porque muitos espíritos, nesse caso, não mereceram ter a figura materna desde o parto – algo, em relação à maternidade, tem a necessidade de ser aprendido em decorrência da falta materna. O estigma, de alguma maneira, lhe será útil. Em seu psiquismo, a falta da figura materna, na qual projetaria a imagem arquetípica da Grande Mãe, promoverá modificações significativas no que diz respeito ao sentimento, ao afeto e ao acolhimento. Tenderá a transformar a figura feminina em mãe. A mãe exerce importante papel na formação de seus filhos, sobretudo no que diz respeito à construção dos modos de estabelecer relações afetivas. A forma como a mãe lida com suas emoções, conseqüentemente como as utiliza com os próprios filhos, norteará as futuras relações interpessoais deles. Sem ela, ou sem alguém que exerça verdadeira e integralmente esse papel, haverá um déficit emocional. Mães que entregam seus filhos para serem criados por outras pessoas, mesmo que seja para outra mulher, promoverão uma espécie de perda na mente deles. O problema afeta principalmente os homens, em face de sua pouca atenção aos próprios sentimentos, que passarão por um vazio, carecendo do afeto materno em algum tempo. Sua primeira imagem de *ânima* desaparecerá repentinamente. A substituição da mãe não se dá automaticamente, pois sua mente poderá interpretar a segunda como uma outra mulher, mesmo que esta lhe passe a tratar como filho, havendo ou não correspondência de sentimentos. Nos homens, deve-se avaliar a transformação da imagem arquetípica da *ânima* numa figura maternal. Na mulher, deve-se estar atento à imagem arquetípica do homem como salvador e protetor excessivo. Por outro lado, a ausência materna, pela falta de um interlocutor íntimo desde a infância, tende a promover a criação de entes imaginários que ocupem aquele lugar. Em certos casos, principalmente quando o abandono materno ocorre em tenra infância, ou nas ocorrências de orfandade materna, é comum a mitomania.



A consciência das consequências do abandono, bem como o cuidado para evitar ideias e posturas que eliciem a necessidade de abrigo materno, além da tomada, quando necessárias, de atitudes maternas para com os outros são caminhos que podem contribuir para a redução dos danos deste estigma.

Abandono paterno

Provoca, no indivíduo, a dificuldade em estabelecer um norte na vida, prejudicando ações efetivas de empreendimento pessoal. Se a mãe é a figura que aquiesce, acolhe, favorecendo o “sim”, o pai é a que nega, que diz o “não”, interditando e impedindo a relação “incestuosa” com o Inconsciente. A mesma consequência pode ser observada, na mulher, quando experimenta como abandono, a separação de seu cônjuge, tornando-se ex-esposa, ex-companheira, viúva etc.).

Psicologicamente, a figura paterna influencia positivamente a relação do indivíduo com o mundo, muitas vezes, promovendo as escolhas profissionais e a capacidade de “vencer” na vida. A figura paterna contribui para a disposição, a persistência e a autodeterminação para a conquista da autonomia do Espírito. O pai exerce capital influência sobre a personalidade dos filhos, sobretudo no filho homem. A influência diz respeito a autoconfiança ao lidar com os desafios comuns da vida, noção de limites, desempenho escolar, enfrentamento às naturais provas da vida. A falta do pai equivale ao sentimento de ausência de segurança e de poder sobre si mesmo.

Considera-se que o abandono paterno contribui para a baixa capacidade de realização do indivíduo no mundo, as frustrações profissionais, bem como outros fatores decorrentes do estigma, que podem ser aliviadas com a evocação do arquétipo do herói em todas as suas manifestações possíveis. É importante que o portador deste estigma compreenda que a superação do mundo corresponde à afirmação de sua identidade. O indivíduo deve ser levado a buscar conquistas (vitórias) em habilidades pessoais que lhe possam trazer melhores vantagens.



Aborto (intencional ou não)

Qualquer agressão ao corpo, próprio ou de terceiros, provoca o surgimento de imagens mentais significativas no psiquismo do Espírito. Quando essa agressão é carregada de intensas emoções, envolvidas em culpas, com importantes decisões relativas ao próprio destino e refere-se ao poder de gerar, o resultante disso deixa significativas marcas no perispírito. Por mais que a sociedade valide o ato de abortar, as marcas ficam impressas em função do repertório mental ligado à culpa, historicamente existente no Inconsciente. A consciência que a mulher tem de sua capacidade de ser mãe, confere-lhe autoconfiança, além do sentimento interno de poder no mundo. Em muitos casos, sua realização pessoal está relacionada diretamente à maternidade, por conta da cultura, pois cabiam ao feminino as tarefas maternas e os cuidados domésticos. Poder ser mãe lhe traz certa satisfação latente, uma espécie de gratificação referendada pela sociedade, enquanto sua impossibilidade, natural ou provocada, promove correspondente sentimento de impotência e de derrota. A ocorrência do aborto, legal ou ilegal, provocado ou não, necessário ou não, fere a condição reprodutiva naturalmente conferida ao corpo feminino. O poderoso arquétipo materno não é atualizado, promovendo sentimentos de impotência e menos valia. Quando o aborto é intencional e legal, o sentimento de derrota não desaparece. A mulher, mesmo inconscientemente, sente-se atingida em sua maior diferença do masculino: o poder de “fazer” outro ser, que lhe “pertenceria” mais do que qualquer “objeto”. Conscientemente, ela vai encontrar justificativas plausíveis para a ocorrência, considerando até mesmo que “não havia outra saída”. Quando seu parceiro também não quer ter “seu” filho, o sentimento de derrota é maior, uma vez que ela, em muitos casos, retroage sobre ele, na forma de raiva, uma parte daquele fracasso. De qualquer forma, ela própria se autoestigmatiza.



Muitas mulheres tentam compensar “o fracasso” tendo outro filho, ou mesmo adotando uma criança. Em outros casos, adotando animais de estimação para os quais transferem sua culpa com cuidados excessivos. Melhor seria a consciência de que a atitude de lesa-maternidade se trata de uma agressão à vida em geral, ou seja, um ato em contraposição ao fluxo natural do Universo. Uma forma de resolver essa situação psíquica é tornar-se uma pessoa esperançosa, principalmente em propostas e atitudes para que os outros sejam estimulados a viver, como também sempre promover a vida.

Abuso sexual

Em minha experiência clínica, tenho observado grande quantidade de mulheres que sofreram abuso sexual na infância, desde exibição sexual por parte de adultos, passando por toques eróticos e chegando a coações graves para obtenção de prazer. Na maioria das vezes, isso se deu dentro de casa, por parte de parentes mais velhos (tios, padrinhos, irmãos etc.); raros foram os casos em que a iniciativa partiu da criança e, pouquíssimas vezes, as vítimas eram meninos. Em geral, as vítimas de abuso sexual apresentam certa aversão ao sexo, muito mais do que exacerbação. Revoltam-se em face da coerção sofrida, o que pode provocar reações contra seus futuros parceiros sexuais. Nem sempre provoca anorgasmia ou rejeição total ao sexo. A inocência, a ingenuidade e a falta de consciência do significado do ato promoveram o esquecimento, a ponto de, em muitos casos, não conseguirem lembrar-se do fato ou de detalhes, o que não implica não haver danos psíquicos. Permanecem, nas vítimas, a indignação, a grave injúria e, por estarem indefesas, a consciência da vilania do agressor.

O estigma do abuso sexual pode ser mais grave quanto mais tempo e frequência tenha ocorrido o assédio à criança. Em muitos casos, o estigma tem continuidade com a ocorrência de outros fatos correlatos, como, por exemplo: a menina foi abusa-



da na infância, engravidou na adolescência, fez aborto voluntário, não conseguiu engravidar a segunda vez e tem dificuldades em sua relação com a mãe. Essa sequência de eventos pode ser compreendida como relacionada ao aparelho reprodutor e ao materno; portanto, deve ser analisada à luz dessas duas dimensões.

Uma forma de amenizar os efeitos do estigma é a consciência de que algo deve ter sua intensidade diminuída ou eliminada na área sexual, não somente no que diz respeito ao uso do sexo, mas também e, principalmente, quanto à sua finalidade. A compreensão de que a vida sexual de uma pessoa deve estar a serviço da construção da afetividade saudável deve ser o fio condutor da análise. É importante que haja consciência de que o abuso sofrido não se deu, para quem foi abusada, à pessoa, mas ao corpo. Essa consideração não deve servir como atenuante ao crime cometido pelo agressor.

Acidentes graves (sem sequelas físicas)

Pessoas que passaram por acidentes traumáticos (carro, trem, avião, desabamentos, terremotos etc.), cuja consciência anteviu de perto a morte, tiveram seu equilíbrio psíquico abalado de tal forma que lhes fragilizou os principais pilares de sua integridade. Muitas vezes, o trauma gerado atingiu a estrutura perispiritual, desalinhando suas ligações com o corpo físico, trazendo sérias consequências para a relação do *ego* com o *Self*. Seu estigma consiste na dificuldade em voltar à autoconfiança, bem como a se sentirem, constantemente, sob ameaça de perda da integridade física. Em alguns casos, a mente parece permanecer em estado de alerta constante, roubando *energia psíquica*, que estaria a serviço do desenvolvimento da personalidade. Esse estigma pode permanecer por muito tempo, até mesmo ultrapassando a barreira da morte física. Noutros casos, parece haver uma regressão da personalidade a um estágio anterior, quando o indivíduo se sentia protegido, dificultando sua progressão na vida. Parece que o *ego* permanece num constante



estado de medo, sem causa aparente, semelhante ao que ocorre com os portadores da *síndrome de pânico*. Ocorre como um retorno ao útero, isto é, ao Inconsciente. Nos casos em que o próprio indivíduo atua como agente deliberado do acidente, querendo viver a aventura, sabendo dos riscos inerentes, a análise deve ser diferente. Deve se enquadrar nos casos em que a contenção atual, por força do trauma, torna-se a primeira medida terapêutica a ser aplicada.

As tentativas behavioristas (terapia cognitiva-comportamental), que se utilizam de terapias breves para a dissolução dos sintomas, são paliativas, mesmo que eficazes, pois não resolvem a questão principal: *por que* e, principalmente, *para que* a morte teve de ser antevista precocemente? Por que alerta tão forte foi necessário ao Espírito? Talvez seja para alguma correção de “rumo”. O disparador interno pode ser algo que não tenha sido suficientemente bem resolvido no passado.

A mente deve ser levada a entender, pelos detalhes do acidente, assim como pelo veículo ou pelas forças envolvidas, quais as lições que podem ser extraídas no que diz respeito à própria personalidade. Todos os elementos do processo gerador do trauma devem ser entendidos como símbolos que apontam para o desconhecido a ser compreendido. O processo de retorno à normalidade psíquica pode demorar mais do que se queira, em face da obrigatoriedade da mudança de rumo na vida. Enquanto não possa, ou não consiga, entrar em contato de novo com os elementos componentes do acidente, devem ser adotados comportamentos que o façam aproximar-se gradativamente dos medos adquiridos, a fim de eliminá-los.

Alcoolismo (do pai ou da mãe)

O alcoolismo é doença grave que atinge todo o grupo familiar do qual o indivíduo adicto faz parte. Suas causas são diversas, do mesmo modo que os efeitos na mente de cada participante do grupo são difíceis de se prever. É um estigma pes-



soal e, simultaneamente, coletivo. O alcoolismo é um suicídio indireto, um desrespeito à própria vida, com consequências a longo prazo para a personalidade e para o perispírito, de quem tem o vício. O prazer de viver e a necessidade de desenvolver a personalidade são substituídos pelo entorpecimento dos sentidos, numa permanência perigosa nos limites da consciência. O vício é alimentado pelo constante desejo de fugir para a zona próxima ao inconsciente, onde se encontram conteúdos de fácil assunção à consciência, sem a exigência de ter de lidar constantemente com eles. Além dos prejuízos à saúde física e psíquica, os alcoolistas têm suas energias sugadas pelas companhias espirituais que atraem, num consórcio espiritual danoso para todos. São ex-viciados desencarnados que a eles se associam para sorverem os mesmos fluidos pestilenciais eliciados no consumo alcoólico.

Não só por causa dessas companhias espirituais, mas principalmente pelas projeções feitas no alcoolista, pela decepção por serem seus pais, que deveriam dar exemplo, o filho ou a filha tende a apresentar certa apatia diante da vida. Os que convivem com os alcoolistas, inconscientemente, neles projetam sua desesperança com a vida, suas frustrações e toda a revolta pela própria incapacidade de resolver-se a si mesmos. São propensos a enxergar obstáculos onde não existem, ou mesmo a aumentar a intensidade dos que aparecem. Veem dificuldades maiores do que são e têm, em geral, seus horizontes diminuídos. A personalidade parece sofrer certa apatia ou redução do tônus natural de *energia psíquica* para a vida. Muitas vezes, esse estigma é imperceptível, pois o indivíduo tende a acreditar que sua personalidade é assim mesmo, sem relacioná-la ao alcoolismo materno ou paterno.

A mente deve ser conduzida a essa percepção e ao atraso em que se encontra. Seu ritmo e sua determinação estão aquém de suas potencialidades reais. Necessário adiantar e seguir mais à frente, para retirar o atraso na encarnação. A terapia deve seguir o caminho de impulsionar o indivíduo a realizações e



a autoconsciência de suas possibilidades de realização desprezadas. Seus potenciais devem ser trazidos à consciência, além do desligamento das *imagos parentais*.

Altura

O corpo possibilita a representação da imagem do eu no mundo material. É ele o principal anteparo para o eu encontrar sua imagem no mundo. A autoimagem ocupa o lugar central no qual o *ego* se instala no campo da Consciência. O eu se representa em tudo que põe seu olhar, comparando-se. Essa imagem de si mesmo é determinante para todos os comportamentos do indivíduo e pode promover a deterioração do *ego*, caso não mais encontre referenciais no mundo em que se projete. Essa autoimagem é sempre comparada, desde a infância, com a imagem do ser humano idealizada pela mentalidade coletiva reinante. A diferença, para menor, pelo indivíduo, pode promover o estigma na forma de um *complexo* de altura. Esse *complexo* promove o surgimento de outro, o *complexo* paterno negativo, com maior carga de energia, que dificulta a determinação pessoal, além de expor o indivíduo a ter de mostrar certa superioridade em outros campos da vida. Conscientemente, muito embora visando compensar seu *complexo*, o indivíduo mostra-se mais ativo, mais dinâmico e mais ágil no cumprimento de outras tarefas, para a superação da inferioridade sentida. Isso é impulsionador, porém costuma enviesar o destino da pessoa e exigir maior quantidade de *energia psíquica* no cumprimento de tarefas básicas da vida.

A exacerbação de outras qualidades parece ser o caminho para reduzir os efeitos do *complexo*; porém pode não ser suficiente para que se resolva a questão. Sempre será necessária a pergunta, diante de toda questão que afete o equilíbrio psíquico, sobre as razões da altura. A personalidade precisa de respostas para estabelecer o equilíbrio psíquico, até o limite da estabilidade exigida pelo próprio eu. Conduzir a mente a enten-



der a importância de assumir a baixa estatura, como um sistema de compensação para uma personalidade potencialmente exigente e com a tendência de se aproximar perigosamente da inflação *egóica*, pode ser um bom caminho.

Anorgasmia

É a dificuldade ou impossibilidade de se obter prazer na relação sexual com um parceiro, decorrente de problemas orgânicos, ou não, fenômeno que ocorre com a mulher em maior escala do que se imagina. Sua dificuldade em ter prazer com seu parceiro lhe trará alguns problemas afetivos. Ela tenderá a acreditar que o problema é específico com aquele parceiro. Via de regra, inclina-se a experimentar sexo com outro ou outros parceiros, a fim de se testar. Quando descobre que o problema é seu, instala-se o *complexo de inferioridade*, levando-a a não se sentir suficientemente mulher. Sua dificuldade de real entrega e a autorização interna para ter prazer são os reais problemas. *Dioniso* não é acolhido como deveria. Parece que, inconscientemente, não consegue se entregar ao sexo com naturalidade. Muitas vezes, vem de algum processo no qual tem rejeição ao masculino como dominador ou como aquele que a autoriza a se tornar mulher. Parece não querer dar esse direito a um homem. Em alguns casos, o uso do sexo, em experiências de outras encarnações, lhe trouxe sofrimento, instalando-se, no Inconsciente, o receio em sofrer de novo. Em muitos casos, a mulher prefere não ir em busca de solução para o problema, camuflando seu prazer na cama, a fim de não contrariar seu parceiro, o que poderia, segundo seu julgamento, acabar com a relação amorosa.

A questão é levar a mente a se autorizar à entrega, à aceitação do prazer como algo natural e necessário ao Espírito, sem medos e repressões descabidas. O eu deve tomar consciência de que o prazer sexual, consentido e naturalmente buscado, liberta a mente para a conexão com as forças criativas da Natureza. Quando existe o parceiro afetivo e a relação está em equilíbrio, a solução torna-se



mais factível. Práticas e exercícios sexuais visando alcançar-se o clímax do prazer costumam ser danosas, pois tendem a estigmatizar mais ainda quando não se consegue solução imediata. Geralmente assim ocorre, pois não há mágica que resolva um problema de ordem tão íntima e muito delicado. A solução também passa por um “diálogo” maduro com o próprio *ânimus*, a fim de que, com ele, se encontre uma solução conjunta, uma aceitação do outro (um parceiro) como, de fato e legitimamente, aquele que a levará a tal estado de prazer – aceitar a natural complementação entre masculino e feminino, pois um legitima o outro.

Arquétipos básicos não vividos

São exemplos de arquétipos básicos: acasalamento, maternidade/paternidade, independência pessoal (profissional e financeira), sucesso nos estudos escolares, viver em família etc.. Cada fase da vida, como quer que dividamos os períodos, desde o nascimento até a morte, tem seus desafios, que creditam o indivíduo a alcançar a fase seguinte sem déficits. Dividamos a vida em sete grandes fases: infância; adolescência; adultez jovem; adultez; meia-idade; maturidade; plenitude. A infância termina por volta dos 12 a 13 anos de idade. A adolescência termina por volta dos 21 anos. A adultez jovem termina por volta dos 30 anos. A adultez termina por volta dos 40 anos. A meia-idade termina por volta dos 50 anos. A maturidade geralmente vai até os 60 anos. A plenitude deve ocorrer após essa idade. Em todas essas fases, o ser humano enfrenta diversas crises. Na infância, a dificuldade de diferenciar-se da mãe; na adolescência, a crise de identidade pessoal em relação ao meio; na adultez jovem, a crise de se posicionar profissionalmente; na adultez, a crise oriunda da estabilidade de sua vida amorosa e familiar, além da estabilidade financeira; na meia-idade, a grande crise de vida, na qual o indivíduo se questiona sobre a razão de sua existência no mundo; na maturidade, a crise sobre o declínio físico e o questionamento sobre a finalidade de sua vida no corpo; na plenitude, a crise a respeito do sentido e significado da vida, em face da morte.



Quando o indivíduo não alcança as metas normais para cada fase, previstas coletivamente, como também as próprias expectativas planejadas pelo Espírito para a vida na sociedade em que renasceu¹, instala-se um *complexo* e, vinculado a outras exigências, um estigma. A criança que perdeu um ou mais anos escolares, o adolescente que não se desvinculou da infância, o adulto jovem que não iniciou sua vida sexual e que não estabeleceu uma relação afetiva com alguém, o adulto que não se estabilizou numa profissão, sem curso técnico ou superior e sem uma habilidade útil à sociedade, o indivíduo que, na meia-idade, continua com comportamentos típicos das fases anteriores, sem amadurecimento real, indivíduos que, na maturidade, ainda não equacionaram processos familiares, afetivos e financeiros, comportando-se como *puer*, assim como outros que, saudáveis e na plenitude, permitem-se ser relegados a planos secundários na própria família que geraram, sem atitude nem discernimento para se imporem podem ser portadores de estigmas. Essas e outras situações semelhantes e correlatas, presentes em muitos indivíduos, denunciam a presença de estigmas ou sinais denunciadores de aspectos ainda não resolvidos na *psiquê*.

Todos os indícios de retardo, ou de precocidades exacerbadas, na vivência de experiências típicas de cada fase, servem como indicadores para a existência de estigmas. Sua identificação e tomada de consciência facilitam muito o encontro de solução e a dissolução do estigma. Esses indícios quando conscientizados e trabalhados intimamente, em meio a outros processos mais evidentes, principalmente os que trazem angústia e sofrimento ao indivíduo, são fundamentais para a redução ou eliminação do conflito principal.

Em alguns casos, os arquétipos básicos, mesmo que tardiamente, devem ser vividos pela primeira vez. Pode ser importante, para o desenvolvimento da personalidade, a atualização do arquétipo do herói. Postergar-lhes a atualização é como

¹ Ver mais adiante *neurose de desempenho*.



permanecer com uma bomba de efeito retardado, sem saber quando explodirá. Essa vivência a ser realizada deve ser cotejada com a pertinência e a necessidade real de ser revivida a experiência atrasada, de acordo com o estágio do processo de desenvolvimento em que se encontre a personalidade.

Atraso escolar

O atraso escolar, decorrente da incapacidade de vencer os desafios de cada ano letivo, ou mesmo, pela impossibilidade financeira, desencadeia o estigma da baixa escolaridade ante a uma sociedade cada vez mais exigente de qualificação. Promove um sentimento de inferioridade, aumentando a ansiedade de desempenho ótimo. Via de regra, leva o indivíduo a referenciar-se em grupos diferentes de suas expectativas, sem exigências de crescimento e de postulações sociais melhores, reduzindo seus horizontes evolutivos. Em geral, esse estigma está associado ao preconceito de classe social, que relega, a plano secundário, aqueles que são materialmente pobres e que não se enquadram no estereótipo de indivíduo bem sucedido.

O atraso escolar, principalmente quando o indivíduo não alcançou um Curso Técnico ou um Curso Superior (3º grau), deve ser compreendido como uma pausa ocorrida, mesmo que desnecessária, e que pode ser resolvida com a busca de capacitação. Essa busca pode ser estimulada, considerando-se a lembrança dos motivos reais do atraso e das impossibilidades existentes à época, para uma liberação da culpa, fator que dificulta o desenvolvimento da personalidade. Não se deve dispensar a possibilidade de se imputar aos pais a responsabilidade real pelo atraso havido. A estimulação a leituras, a assistir a filmes e a inteirar-se sobre o que acontece no mundo também são úteis.

Ausência de formação superior

Num mundo extremamente competitivo, não ter um diploma de curso superior é uma grande desvantagem, além de provo-



car um sentimento de inferioridade naquele que não o possui. A sociedade moderna cobra uma formação universitária a fim de avaliar a inteligência lógico-matemática e linguístico-verbal do indivíduo – um dos critérios mais utilizados de discriminação, pois limita o alcance da evolução de uma pessoa, principalmente numa coletividade que exige esforço, superação e competência para vencer na vida. Quando a pessoa é bem sucedida profissional e financeiramente, pode ocorrer um *complexo de inferioridade* consciente pela autoexigência de ter o que lhe falta para se sentir igual aos bem sucedidos e com curso superior. Em muitos casos, um curso técnico bem valorizado poderá suprir aquela falta.

Uma das saídas para o problema é o incentivo a que o indivíduo realize, mesmo que após a meia idade, um curso superior em sua área de trabalho. Quando a formação superior não é desejada ou é impraticável, deve-se levar o indivíduo à compreensão do valor de sua vida, com todas as realizações que experimentou, independentemente da conquista daquele título.

Complexo de poder

Pessoas cuja personalidade se aproxima da arrogância e do egocentrismo, muitas vezes associados à ocupação de cargos ou funções de grande destaque social, assim como a um forte magnetismo pessoal, além de um carisma que lhes levam a liderar, aproximam-se muito desse *complexo*. A identificação com uma *persona* poderosa também promove vários estragos na personalidade. Um dos prejuízos acontece quando há uma forte identificação do *ego* com o lado obscuro da *Imago Dei*, ou seja, com a própria *sombra*. Certa arrogância e prepotência vão aparecer, disfarçadas de uma vida correta, em fazer as coisas certas, em manter a ordem e os valores vigentes, entre outras respeitadas aparências. Esse estigma costuma advir de uma forte personalidade, cujas experiências progressas estiveram associadas a ocupações de destaque social no passado. As *personas* passadas, que consolidaram esse *complexo*, continu-



am a influenciar a personalidade presente, de tal forma que o indivíduo parece estar sempre falando para súditos ou seguidores. Na maioria dos casos, o indivíduo não percebe, porém é estigmatizado pelas pessoas à sua volta.

Não é fácil sair desse patamar psíquico (de quem olha tudo de cima para baixo), mesmo quando lhe é trazido à consciência o modo de ser. Muitas vezes, é preciso que a vida apresente uma forte experiência que abata diretamente a autoridade do indivíduo, para que ele se situe normalmente no mundo. Nem sempre essa possibilidade vai ocorrer, o que deve levar a terapia a promover essa queda, pondo em risco a manutenção da relação transferencial. Uma terapia poderá ser encerrada ou abandonada quando o terapeuta se impõe ao portador desse tipo de estigma.

Complexo materno negativo

Decorre da *imago materna*, projetada na mãe, não ter sido satisfatória ou não ter atendido às expectativas afetivas do Espírito. Experiências pregressas aversivas como mãe ou com mães podem levar a instalação desse complexo. Mães muito exigentes, pouco afetuosas, agressivas, castradoras ou irresponsáveis para com os filhos podem contribuir para a instalação do *complexo* materno negativo. Algumas vezes, mesmo que a mãe não apresente nenhuma das características negativas citadas, o *complexo* pode se instalar em face de experiências aversivas relacionadas ao materno em outra encarnação. O estigma se instala em face do distanciamento do materno, provocando, muitas vezes, fracassos nas relações amorosas e interpessoais.

Geralmente vamos encontrar o *complexo* em mulheres que, mesmo podendo ter filhos não o querem, que não têm qualquer afinidade com crianças, que não se permitem qualquer forma de auxílio ao próximo, com fortes tendências egocêntricas, além daquelas com grandes dificuldades de relacionamento com a própria mãe. Muitas vezes, não conseguem constituir família, restando-lhes uma vida solitária. Em



certos casos, quando adotam um filho, tentam compensar a aridez em que se constituiu suas vidas.

A solução é o retorno ao contato mais íntimo e afetivo com a mãe, quando ainda vive. Adotar um comportamento mais maternal com as pessoas também é uma providência oportuna. Porém, muito mais do que essas atitudes, é levar o paciente à reflexão a respeito de sua relação com a natureza, com o meio-ambiente, isto é, com tudo que diga respeito ao instinto e ao relacionado à terra. A natureza ctônica da pessoa está arranhada, precisando de adequação.

Complexo paterno negativo

Decorre da *imago paterna* não ter sido impulsionadora para o Espírito, seja por ausência ou por não ter tido, na sua avaliação, um pai suficientemente bom. A não superação desse estigma limita a vida e a reduz a pouco mais do que seria possível realizar, vivendo com o mínimo possível de recursos e de inteligência. Além dos horizontes serem pequenos, a própria capacidade de realização no mundo é comprometida. Há certo acanhamento, além da dificuldade em viver riscos. A pessoa não tem a mínima coragem de arriscar na vida: teme perder e fracassar. Quando pretende superar esse medo e viver riscos, é surpreendida com fracassos e perdas, além de incorrer em transgressões perigosas, com ameaça de perda da liberdade. Vive como uma alma pequena, para quem tudo pode ser ameaçador da integridade psíquica. O *complexo* influencia na relação com a autoridade e com a lei. O indivíduo apresenta certa dificuldade em cumprir obrigações e em assumir responsabilidades. Quando saem do *complexo*, são extremamente criativas e demonstram uma capacidade de superação invejável.

A mente necessita que o *ego* seja legitimado em seus desejos de correr riscos. Garantias mínimas devem ser oferecidas, bem como a consciência de que deve assumir, sem receios maiores, as consequências advindas, pois a *Vida* premia quem a



desafia, exigindo muito de quem a teme. Tanto o medroso e incapaz quanto o arrojado e inconsequente devem ser instigados a arriscar e assumir as consequências dos fracassos, insucessos, derrotas e perdas. Eles, os medrosos e os arrojados, equivalem-se, pois são polaridades em cujos extremos se encontram o mesmo medo e a mesma vontade de viver.

Corpo fora dos padrões de beleza coletiva

A sociedade exige coletivamente certo padrão estético para o homem e para a mulher. Esse padrão varia nas diversas culturas e nas distintas épocas. Aquele padrão tanto diz respeito às vestes como ao corpo em si, independentemente da existência, ou não, de defeitos físicos.

A imagem corporal dentro dos padrões de beleza socialmente exigida e maximizada pelo indivíduo pode contribuir para o autoestigma da feiura ou da inferioridade presumida. Como o corpo se confunde, em geral, com a autoimagem do *ego*, essa exigência tem a força de promover a forte necessidade de reparos ou de compensações para a personalidade. Quando não se carrega nos adornos que aparentam algo diferente, tenta se corrigir com cirurgias estéticas ou com modeladores artificiais do próprio corpo físico (substâncias químicas danosas à saúde ou pesados e constantes exercícios físicos).

A mente precisa ser conduzida à consciência do estigma, fazendo o *ego* entender que o *complexo* o distancia de si mesmo. O *complexo* tende sempre a levar o *ego* para o narcisismo, como se a imagem ideal do *Self* devesse ser materializada no corpo físico. Quando esse estigma aparece, deve-se pensar em fortalecer o *ego* com a quebra do ideal de beleza máxima, improvável e desnecessário, além da consciência de que se trata de uma compensação para algo que não foi alcançado. O narcisismo, contraditoriamente, parece ser a pista que sugere o deslocamento do foco do eu para o corpo. Parece também que o *ego* pretende evitar a relação, objetiva e direta, com sua contraparte sexual reprimida, cuja dificuldade



em ser projetada em alguém é exacerbada numa autoafirmação em si mesmo. Em todos os casos, deve-se levar o *ego* ao distanciamento do desejo em projetar no corpo a imagem idealizada do *Self*.

Cuidar do cônjuge ou de parente próximo

A árdua tarefa de cuidar de alguém cronicamente doente, idoso, incapaz ou terminal não é fácil. Implica na abdicação da própria vida em favor de outra pessoa. A ocorrência, sendo voluntária ou obrigatória, provocará, em algum tempo, estresse e questionamentos sobre os motivos pelos quais tem de passar por aquilo. Não importa o grau de parentesco, a intensidade do sentimento ou a boa vontade em fazê-lo por aquela pessoa, sempre será uma renúncia ao sentido e significado da própria vida. Quem cuida de alguém precisa de cuidados. Há uma suspensão da vida pessoal em favor da doença de alguém. Em paralelo, parece haver uma necessidade de despertar, em si, a empatia, aprendendo mais ainda a se colocar no lugar do outro. Parece também haver, em certos casos de cuidados excessivos, uma exacerbação do *complexo* materno quando o cuidador entrega-se em demasia ao ofício. Em outros casos, ocorre um reencontro cármico ou uma compensação expiatória ao se cuidar de doente crônico, principalmente quando é obrigatório.

O desabafo sobre o peso sentido ao cuidar de alguém, a necessidade de ser acolhida, a análise dos sonhos e dos projetos pessoais que ficaram pendentes, bem como tudo que diga respeito ao cerceamento da liberdade de escolha e de como viver a própria vida, devem ser trazidos à consciência para alívio da pessoa. O cuidador deve inserir, como parte integrante de sua Designação Pessoal, a atividade a que resolveu, compulsoriamente, ou não, dedicar-se.

Defeitos físicos visíveis

Trata-se do comprometimento de alguma parte do corpo físico para a realização, em plenitude, de determinada função.



Eles podem ser congênitos ou adquiridos. O corpo humano é o principal alvo de representação dos estigmas, pois sua identificação com o *ego* é mais significativa, facilitando a percepção do evento gerador. O indivíduo tem sua autoimagem comprometida, gerando baixa autoestima, diferenciando-o do padrão coletivo. Seu senso de pertencimento é, ao menos inicialmente, deslocado para a *sombra* da sociedade. Isso promove o aparecimento, com toda a força, do *complexo de inferioridade* consciente. Muitas vezes, o indivíduo, estigmatizado por causa de um defeito físico, sente, por força da cultura e dos preconceitos, que é o pior dos indivíduos e que é de sua responsabilidade o mal da sociedade. Pode-se notar, na maioria dos indivíduos, um sentimento de menos valia, achando-se discriminado pela própria divindade em que acredita. Sente-se uma criação imperfeita e execrada. Seu estigma, quando não escondido e tornado público, sem anuência ou sem que possa haver impedimento por parte de seu portador, obriga-o à resiliência coercitiva. O defeito físico revela-lhe as entranhas de sua *sombra*, exigindo conciliação e integração. Em certos indivíduos, ocorre um deslocamento para o materno, para o Inconsciente, como acolhimento necessário à sua “desdita”. Uma fuga perigosa, pois dificulta a resiliência, que deve reestabelecer o equilíbrio psíquico. O belo e o esteticamente aceitável são naturalmente renegados, pois exige uma impossível semelhança e imitação. Independentemente das considerações psicológicas, toda deficiência deve ser eliminada, pelo menos amenizada, em benefício do deficiente, ou portador de necessidades especiais. O estigma congênito tem a peculiaridade de se distribuir, isto é, de atingir aqueles que acompanharam as experiências do portador, desde o nascimento, sendo passível de também estigmatizá-las.

Denota o grau de evolução do Espírito a forma como vive o defeito físico. Se dele se utiliza para colocar-se como vítima ou acomoda-se na lamentação de sua desdita, certamente ainda não amadureceu com seu conflito. Quando compreende que seu defei-



to físico surge, numa nova encarnação, como um elemento de um processo educativo ao próprio Espírito, está a caminho do aprendizado necessário ao desenvolvimento normal de sua personalidade.

A mente deve ser conduzida à compreensão de que o corpo é uma extensão da consciência, mas não sua máxima e total representação. O corpo é um dos reflexos do eu, mas nele não está toda a representação de seus conteúdos e nem é toda a identidade do *ego*. Resumir-se o eu ao corpo é como tomar a praça central de uma cidade como sua totalidade. O indivíduo, além de tentar superar sua deficiência, deve quedar-se diante dela quando for impossível sua cura. Quando, na consciência, sua lembrança for sempre recorrente, deve buscar meios de retirá-la do ponto central de suas dificuldades a fim de não permanecer constantemente como vítima dela. Para a superação de seu defeito físico, deve buscar despertar sua criatividade, utilizando-a na busca de habilidades importantes a serem desenvolvidas. Deve entender que o defeito físico, em seu aspecto simbólico, é um sinal de alerta para o despertar de suas potencialidades adormecidas.

Desempregado ou quem nunca trabalhou

Quando a pessoa permanece muito tempo sem trabalhar, isto é, sem conseguir se recolocar no mercado, pode se sentir estigmatizada, envergonhada por não estar ativa. Há também indivíduos que, por causa de heranças ou por terem recebido indenizações vultosas por antigos processos ou mesmo por terem sempre vivido às custas de negócios familiares dos quais são beneficiários, sentem-se discriminados. Parecem viver sem se implicar na dinâmica social e nem sempre se sentindo parte dela. São, muitas vezes, vistos como acomodados ou como quem não se esforça para obter o que usufrui. Há ainda os que vivem diretamente trabalhando com dinheiro, sem produzir nada para a sociedade. Recebe-o a partir de transações bancárias, lícitas, mas sem desenvolver atividades produtivas. Parece que o in-



divíduo deixa de interagir com outros, sem viver experiências relacionais, sem absorver o resultante das emoções naturalmente havidas em ambientes profissionais. O mesmo também ocorre com aqueles que optam pelo trabalho do tipo *home office*, pois não interagem diretamente com pessoas nem conseguem estabelecer facilmente rotinas e simples atividades comuns da vida. Há também os que se aposentaram, por idade ou por invalidez, e que ainda têm vitalidade para trabalhar, pois, mesmo podendo desenvolver novas atividades, optam pela perigosa ociosidade.

De todos eles, o estigma rouba a alimentação da parcela da personalidade que recebe as contribuições das interações coletivas. Sua linguagem, seu raciocínio, sua disponibilidade à escuta, bem como sua habilidade em conviver, sofrem consideráveis déficits, pois se comportam como se vivessem a sós. Muitas vezes, a construção das ideias acontece num circuito fechado de pensamentos que não recebem o alimento das contraposições estimuladoras de outras formas de pensar.

A mente deve ser conduzida ao convívio social, ampliando os relacionamentos, estabelecendo novos vínculos para a expansão do repertório de possibilidades de ação e de resolução de conflitos. A sugestão de buscar desenvolver novos e pequenos projetos que alterem a estagnação pode ser uma boa solução para uma mente que se adequou e limitou seu universo. Envolver-se, atritar e enfrentar desafios parecem ser o combustível para que se desenvolva a personalidade.

Doenças graves

A doença grave leva o *ego* ao encontro direto com a ideia da morte. Muitas vezes, por conta do tempo estimado de vida e da gravidade da doença, a morte é companheira sempre presente na consciência do indivíduo. O *ego* convive, diariamente, com a forte possibilidade de sua própria destruição. Essa condição leva o indivíduo a pensar nos limites das ideias e, geralmente, a esperar soluções repentinas ou mágicas para seu proble-



ma. A solidão, a autocompaixão, as promessas e propostas de mudanças na personalidade são frequentes. Há aqueles que, por causa da consistência das ideias de mudança, durante a vigência da doença, acreditam de fato terem se transformado. Essa “transformação” ocorre no campo teórico e, muitas vezes, no ambiente em que todos sabem de sua doença. É um arremedo de transformação, uma vez que não se dá no campo da experiência real. O medo da morte, escamoteado pelo altruísmo e estimulado por uma conversão religiosa, pode ser enganoso. A doença grave, terminal ou não, é uma preparação para a morte e, em todos os casos, um exercício de desligamento da excessiva valorização da vida material. O indivíduo é “convidado” ao exercício da transcendência e da compreensão da existência da vida espiritual.

Os portadores de doenças graves são estigmatizados pela sociedade, na mesma medida em que se estigmatizam, cedendo a uma aceitação conformista. A doença deve ser tratada clinicamente, buscando-se todos os recursos possíveis da Medicina, enquanto o doente dá continuidade à sua vida. Tudo que o indivíduo fazia antes de adoecer e que é possível ter continuidade, em face das prováveis limitações orgânicas, é oportuno, salvo quando o *ego* chegou à conclusão da necessidade de mudança de atividade e seus desejos e interesses tenham se modificado. Quando a doença grave leva o indivíduo à condição de paciente terminal, a morte será o tema central de seu estigma¹.

A mente deve ser conduzida a não temer a morte e até mesmo a analisar essa possibilidade real; a, sem medo, pensar como ficariam as pessoas com sua morte. Quais as expectativas do doente quanto à sua morte, no que diz respeito ao depois? Esse raciocínio não deve ser evitado, pois o *ego* já conta com essa possibilidade desde o primeiro diagnóstico. Ele deve ser levado a depurar o que pensa a respeito e, conseqüentemente o terapeuta deve ter isso resolvido em si mesmo. Encarar a ignorância sobre o que de fato acontece após a própria morte talvez

¹ Ver o capítulo Estados psíquicos dos estigmatizados.



seja necessário – o doente deve ser levado a sair da fantasia para a realidade que não é aquela alardeada pelas religiões nem mesmo pelos adeptos do Espiritismo, cujas propostas são divulgadas por cada um de acordo com suas próprias subjetividades. O doente deve entender que o nada (o indeterminado, porém mantendo a consciência do *ego*) lhe espera e que, nele, tudo cabe para si, até a possibilidade de ter ele mesmo que decidir sobre o que vai encontrar. Deve também ser questionado a respeito da vida dos que ficam, sobre o destino de cada um deles, sobre o patrimônio e seus haveres, diferentemente das suas expectativas sobre esses temas. Deve ser conscientizado da importância da percepção da dimensão espiritual como a origem de sua própria essência e de sua verdadeira natureza.

Esse estigma costuma transformar maus em bons, pecadores em santos. Todo cuidado, para não se deixar enganar para uma condução do processo à aceitação e conformismo, é pouco. A doença grave costuma promover “milagres” no tipo de ideias, de sentimentos e de perspectivas do indivíduo, além de levá-lo a recontar sua própria história como de alguém que sempre foi bom e vítima do destino.

Epilepsia desde a infância

É um dos estigmas que mais causa retraimento social, além do grande receio de correr riscos ou de morrer. Seu portador vive sob constante tensão e ansiedade pela possibilidade, mesmo que remota, da ocorrência de uma crise. O medo que sua mãe, ou responsável direto, tem de que isso ocorra também aumenta sua ansiedade. Sente-se discriminado, tem vergonha de si mesmo e, muitas vezes, desqualifica-se. Geralmente age de forma tímida, sempre buscando a compreensão dos outros. Aproxima-se de pessoas que demonstram compaixão e que sabem lidar com o estigma. A descarga elétrica abrupta e intrusa que se assenhora de sua mente, impedindo-o de agir preventivamente, ocorre geralmente quando suas emoções atingem um determinado limiar; mui-



tas vezes, esse limiar emocional é incontrolável, o que gera ansiedade, levando a mente a entrar em colapso. A parte motora do cérebro, por causa da descarga, geralmente é a mais afetada. Outras vezes, ocorrem ausências ou estados alterados de consciência sem que o próprio indivíduo tenha se dado conta.

A mente deve ser conduzida para a consciência do processo orgânico, psicológico e espiritual envolvidos, mesmo que isso se dê com uma criança. A consciência das características das crises, convulsivas ou não, deve ser muito útil ao indivíduo. Há processos epiléticos cujas causas são espirituais, pois decorrem de presenças desagradáveis de espíritos desencarnados no campo mental do indivíduo, que recebe descargas fluídicas danosas ao cérebro, provocando as crises. Nesses casos, como nos outros, o tratamento médico deve ser o mesmo; porém deve ser acrescentado o tratamento espiritual, que consiste em desobsessão (diálogo com o espírito desencarnado que provoca o dano cerebral), passes (aplicação sistemática de fluidos curativos) e esclarecimento a respeito das questões relativas ao Espírito imortal. Essa proposta não se trata de busca religiosas de conversão ao Espiritismo, mas de intervenção espiritual para quebrar a ação do obsessor. Tornar-se, ou não, espírita é uma questão de foro íntimo do indivíduo. A mente deve ser conduzida a se inteirar dessas características e das reais consequências das crises. Há casos em que o processo decorre de experiências vividas em vidas passadas, cujas consequências lesaram o cérebro físico e, conseqüentemente, o perispírito, aparecendo na atual encarnação. O cérebro atual pode apresentar, ou não, lesões ou tumorações responsáveis pelas descargas elétricas causadoras da epilepsia.² Em seu livro *Muito além dos neurônios*, Núbor Facure relata vários casos de epilepsia com sintomas semelhantes aos da mediunidade e da projeção do corpo espiritual.

² FACURE, Núbor. *Muito além dos neurônios*. 3. ed. São Paulo: FE Ed. Jornalística, 2002. p. 98.



Num outro plano, o da terapia, o indivíduo deve ser orientado a perder o medo e a encarar seu estigma como um sintoma de um processo ainda desconhecido, e que deverá ser debelado.

Estrangeiro

O estigma do estrangeiro é viver num país que não é sua pátria, sentindo-se deslocado ou intruso. O sotaque, os costumes diferentes e os motivos que fizeram a pessoa mudar de país são componentes dos sintomas desse estigma de nacionalidade. Naturalmente, por se sentir diferente e necessitar do acolhimento cultural, em muitos casos, o estrangeiro contém-se a fim de não sofrer censura ou sanções coletivas. Quando o país de origem protagonizou atitudes condenáveis à luz da história, pode ocorrer o autopreconceito, promovendo o sentimento de inferioridade e de culpa. Diante de outra cultura ou em outro momento histórico, pode-se carregar o peso de equívocos cometidos por antepassados, transportando o peso da culpa. Fica sempre aquele desejo de retorno triunfal ao país de origem, como uma demonstração de vitória, desfazendo a possível imagem deixada, do herói que fugiu por não querer enfrentar o dragão. Muitos estrangeiros que se instalam num outro país obedecem a uma espécie de mobilidade *supra-arquetípica*, retornando ao lugar de origem, onde viveram por muito tempo em outras encarnações.

A mente deve ser conduzida à percepção de que as fronteiras físicas devem ser respeitadas, mas são circunstanciais e referentes a um mundo velho, em que a nacionalidade determinava o caráter de uma pessoa ou lhe eram atribuídas responsabilidades pela história de seu país. A opção feita por morar em outro país deve promover a aceitação e integração, sem restrições, da cultura do novo local e morada, mesmo que provisoriamente. Deve-se ter em mente que todos são cidadãos do mundo, do Universo e não de um pedaço de terra, por mais bonito e por mais belas histórias que seu habitantes tenham protagonizado.



Excessivo interesse sexual na infância

Há crianças que despertam muito precocemente para o uso da própria sexualidade. Costumam explorar o próprio corpo como objeto de prazer já na primeira infância, além de, em alguns casos, instigar outras crianças à mesma prática. Parecem já retornar à reencarnação com a libido sexual à flor da pele, por tê-la vivido prioritariamente. Em muitos casos, sua primeira relação sexual dá-se também precocemente. Mostram-se compulsivas e têm tendência a agir de forma sensual, insinuando-se naturalmente ao sexo. Quando adultos, mostram-se muito carentes de afeto e, como compensação, possuem uma intensa atividade sexual. Quando mulher, nota-se um traço voluntarioso sobre os homens, manipulando-os com relativa facilidade, porém com dificuldade em amar verdadeiramente. Quando homem, nota-se, nas relações amorosas da vida adulta, um traço de indiferença à mulher como pessoa, tratando-a, muitas vezes, como objeto de mero prazer sexual.

Em alguns casos, enjoam do sexo, perdendo o sentido do prazer sexual, banalizando-o e, às vezes, adotando a prática do uso de fetiches por não mais conseguirem, de forma natural, chegar ao orgasmo. Necessitam de novo estímulo para a vida, de tal forma que possa promover um efeito retroativo ao desejo sexual. Tal estímulo deve trazer um prazer de natureza subjetiva que se imponha ao físico. O prazer exclusivamente sexual é decorrente de um desejo de retorno ao útero, ao Inconsciente, de onde vieram, tal qual um entorpecente ao desafio de viver e enfrentar as naturais adversidades da vida. Fogem da vida, anestesiando-se pelo prazer sexual, merecendo outro sentido e motivo para enfrentar e construir seus próprios destinos.

Filho(a) adotivo(a)

O filho adotivo é aquele que foi assumido e educado como seu e que considera como mãe ou pai alguém que não o é biologicamente. Os pais adotivos, em geral, são espíritos que bus-



cam atender necessidades cármicas para com o adotado, aliviando-se de culpas inconscientes referentes à maternidade ou paternidade. Esse estigma pode ocorrer não só em casos de adoção desde o nascimento como também após alguns anos de nascida a criança. O fato de ser adotivo, pode causar, mesmo que de forma inconsciente, certa revolta no indivíduo. Sente-se não merecedor, abandonado e rejeitado pela mãe biológica desde o nascimento. Sua autoestima é quase sempre baixa, provocando o *complexo de inferioridade*. Na adolescência, mesmo já sabendo, desde cedo, que foi adotado, tendo recebido todo amor que se pode dar a um ser humano, pode apresentar vários tipos de conflitos; entre eles a rebeldia, o uso de drogas, a irresponsabilidade com dinheiro, a dificuldade de aprendizagem, o retraimento social, a dificuldade em estabelecer-se profissionalmente, a hiperatividade, a dificuldade com limites, a necessidade de ser valorizado, e outros. Não saber de suas origens reais permite a manutenção de uma angustia latente, inconscientemente abrigada. Por outro lado, a consciência de uma nova história, quando contada após a puberdade, pode provocar grande revolta e retrocesso na personalidade.

É preciso fazer com que o adotado conheça totalmente sua história, desde os motivos pelos quais sua mãe e seu pai biológicos os deixou e até, quando possível, um contato pessoal. É necessário saber onde eles vivem, o que fazem e, quando possível, um encontro entre eles. Mesmo que os pais biológicos não queiram, eles devem ser contatados para esse encontro; por outro lado, mesmo que o adotado não queira o contato, ele deve ser conscientizado de sua importância. Saber sua origem real poderá fazê-lo sofrer, mas será uma alforria psíquica, mesmo que inconsciente.

Filho(a) caçula

É o filho mais novo ou aquele escolhido como o afetivamente preferido de um dos pais, principalmente da mãe. Muitas vezes, é o filho que a mãe “reserva” para ela, como compa-



nhia em sua velhice. Ele parece ser sua grande alegria e satisfação, reduzindo sua possível solidão, interna ou externa. Enxerga fragilidades nele que, ao seu olhar, necessitam de atenção e cuidados. Inconscientemente, a esse filho ela destina uma cota maior de atenção e de amor, compensando o eventual desinteresse do marido por ela. É dele que o pai pode vir a ter maior ciúme. Quando é filha, o pai desenvolve uma maior preocupação por ela, tornando-se mais suscetível aos seus caprichos – é dela que a mãe pode vir a ter, igualmente, maior ciúme. Por ter sempre maior atenção e por merecer cobertura de caprichos, o caçula torna-se voluntarioso, bem como dominador nato. Sua personalidade é enviesada pelo destaque recebido. Quando é relegado a segundo plano pela família, por ser menor e ter menos autoridade que os irmãos mais velhos, pode adotar postura semelhante à anteriormente descrita, para compensar seu sentimento de inferioridade – nesse caso, apresentará uma personalidade igualmente voluntariosa e dominadora. Em geral, o caçula se sente proprietário dos pais, muitas vezes, demonstrando ter esse controle, enciumando-se quando da aproximação de estranhos ou de novos amigos deles.

Em alguns casos, quando os irmãos são bem sucedidos, o caçula pode apresentar uma personalidade frágil e submissa, tornando-se incompetente para muitas habilidades. É importante salientar que esse estigma gera um *complexo* que atinge duas polaridades: ora se apresenta como de inferioridade, ora como de superioridade. Em certos casos, o caçula comporta-se como se fosse filho único.

De qualquer forma, o caçula deve ser estimulado a realçar suas melhores qualidades, a serviço do desenvolvimento de sua personalidade, dosando a vaidade e o *complexo de superioridade* para não acabar se isolando por onde transite.

Filho(a) cujo pai deixou a mulher durante a gravidez

Em muitos casos desse tipo, a própria mãe contribuiu para que esse estigma se instalasse, na medida em que ela, conscien-



te ou inconscientemente, descarrega sua raiva, referente ao parceiro, no filho, por ter-lhe abandonado desde que se iniciou o processo de gestação – sentiu-se rejeitada “por causa da criança”, tornando-a não quista; ou, desenvolve, pelo filho, um sentimento de posse muito grande por conta de sua solidão. Por sua vez, o filho sente-se, conseqüentemente, rejeitado pelo pai, revoltando-se contra ele por causa da mãe e, naturalmente, é a ela solidário. Desenvolverá, possivelmente, pensamentos e sentimentos que poderão dificultar sua capacidade empreendedora na vida – formarão, ele e a mãe, um “casal psíquico”, unindo-se como um indissolúvel par, o que é prejudicial a ambos. O estigma se manifesta de maneira semelhante no filho ou na filha.

Ao filho ou filha, a necessidade futura de desligar-se psicologicamente da mãe será um grande desafio. Aparecerão sentimentos controvertidos em relação a um possível novo parceiro da mãe, com presumíveis atos de oposição e de rebeldia, como uma transferência inconsciente dos sentimentos em relação ao pai. Pela relação íntima que desenvolveu com a mãe, consolidando uma imagem idealizada do feminino ao longo da vida, ele tenderá a ser exigente com o sexo oposto. Maiores detalhes nos tópicos “Mãe solteira” e “Forte ligação com a mãe”.

Nesses casos, é necessário que a mente seja conduzida para uma condição de “diálogo” maduro com sua *ânima* (no homem e na mulher), pois, por força do hábito, ela estará intensamente presente na consciência, enviesando o olhar sobre o mundo e sobre as relações do *ego* com o outro. Seu domínio será tamanho que a realidade ficará totalmente contaminada pelo olhar materno.

Filho(a) de relação anterior não aceito pelo novo(a) parceiro(a)

As separações geram novas relações entre os ex-casados e seus respectivos familiares. Numa nova relação em que os filhos tenham que conviver com um(a) novo(a) parceiro(a) nem sempre tudo ocorre de forma natural. Muitas vezes, a mulher



não aceita os filhos do casamento anterior do novo companheiro. Em outros casos, os filhos dela não aceitam o novo companheiro, muito menos os filhos dele. Os filhos dos casamentos anteriores não aceitam o novo filho do casal atual, promovendo uma verdadeira guerra de ciúmes e de demonstrações de posse. Esses filhos estigmatizam e são estigmatizados nos diversos tipos de configurações. O pior deles é não ser aceito por ser filho(a) apenas do outro(a). Quando esse filho ou filha é obrigado a conviver com um padrasto ou madrasta não se sentindo querido, considerando-se um intruso e sendo rejeitado, cresce como um “cão sem dono”, sem pertencimento. O estigma leva a uma dissociação com o pai ou com a mãe, conforme seja o caso.

Conduz-se o processo para a consciência da importância da emancipação psicológica das *imagos parentais* forçada pela rejeição, mas que pode ser útil a qualquer tempo. A rejeição contribui para uma tomada de posição sobre várias questões da vida, com o ônus da geração de raiva e da construção de imagens mentais destrutivas. Isso deve ser trabalhado de forma a ser dissolvido em face da influência que pode exercer na construção de novas relações afetivas. A rejeição, mesmo que ocorra de forma inconsciente pelos pais, ou por um deles, afetar a personalidade do filho(a) diante da sutileza das emissões mentais que ocorrem na intimidade emocional da cada um. Essa provável consequência atinge todo o universo das relações afetivas, principalmente as amorosas, de quem foi rejeitado.

Filha do pai

A fixação no pai decorre de um *ânimus* ideal, que aprisiona a mulher em sua imagem arquetípica masculina. Essa imagem acaba por constelar-se, porém dificilmente ocorre um desejo homoerótico. Na maioria dos casos, ela assume uma personalidade autossuficiente, com um *logos* bem apurado, intelectual e, aparentemente, como uma pessoa bem resolvida. Parece que a sociedade moderna tem conduzido a mulher a se



aproximar bastante desse lugar, o que tem dificultado, sobremaneira, suas relações amorosas. Suas exigências para com seu companheiro têm aumentado, principalmente para que ele demonstre aspectos femininos, dos quais ela própria tem se distanciado. Isso seria desejável se ele estivesse preparado para tal, mas parece que isso o assusta, dificultando o acasalamento psíquico. A filha do pai já inicia um relacionamento em uma das duas polaridades: ou exige imediatamente uma postura feminina para o homem, ou a ele se submete totalmente; porém, nessa segunda opção, ele terá de corresponder, integralmente, à imagem paterna idealizada. Em alguns casos, por força de uma negativa imagem paterna, a filha do pai poderá ter um viés masculino agressivo na personalidade, o que é uma ameaça à constituição de uma família.

A mente deve ser conduzida à compreensão dessa personalidade que “supervisiona” (personalidade *supraordenada*) as atitudes da mulher, fazendo que o *ego* domine, de fato, sua *ânima*, submissa ao *logos* paterno. A visão de que existem dois opostos na *psiquê* e que eles se assemelham a dois “*egos*” que disputam a primazia, pode ser útil. O *ego* mais feminino, menos autossuficiente e mais sensível aos apelos da amorosidade deve assumir o lugar central da consciência.

Filho(a) mais velho(a)

Normalmente ele(a) assume um caráter mais autoritário, muitas vezes, com um maior *complexo* de poder consciente. É dele(a) a primeira atenção e a maior expectativa dos pais. É ele(a) que é mostrado(a) à sociedade, pelos pais, como sendo o melhor, sua obra prima, a quem atribuem valores e uma moralidade pertencente ao clã, muitas vezes desejada e nem sempre correspondida. Sobre ele(a) paira a cobrança de desempenho e de sucesso, tanto por parte dos pais quanto da sociedade. Inevitavelmente, é educado(a) em condições afirmativas de que deve corresponder e, por força dessa pressão, passa a integrar a ideia de que tem de retribuir os sacrifícios



materno e paterno em seu favor. Em geral, a família, principalmente os pais, apostam na continuidade e melhoria das condições socioeconômicas do grupo ou clã com base na ascensão do filho(a) mais velho(a).

Diffícil a esse filho ou a essa filha conseguir pensar diferente dessa condição, pois internalizou que lhe cabe o dever de progredir e atender ao apelo do grupo familiar. Sua personalidade terá, de forma mais acentuada, o desejo de atender ao herói interior que lhe exige sucesso, seriedade e continuidade das aspirações familiares. Seu *complexo de herói* está sempre pronto a constelar, nas mínimas situações, pois isso o(a) remete a um sucesso que deve ser sempre conquistado. Em muitos casos, ele(a) se sente o(a) substituto(a) do cabeça da família. Em substituição ao pai, ou a quem manda nos destinos da família, atua como se tal fosse, mandando nos irmãos ou respondendo, perante terceiros, pelo destino de seu grupo. Sua personalidade é conduzida para mandar, liderar e decidir. O *ego* é contaminado por esse perfil de atuação. Aprende que tem de honrar o sobrenome de família e a defender as tradições familiares.

Filho não desejado pelos pais

O filho não desejado, que poderá vir a ser querido e amado após o nascimento, ou no decorrer da infância, geralmente advém de uma relação difícil, complexa ou de encontros fortuitos. Pela dificuldade em ser legitimado, bem como pelas circunstâncias em que foi concebido, muitas vezes, à revelia do pai, passará pelas consequências aversivas enfrentadas pela mãe. Em geral, terá a tendência à baixa estima em face de seu senso de pertencimento prejudicado. É candidato a uma forte tendência à carência excessiva, requisitando, na vida adulta, maior quantidade de demonstrações afetivas para si. Sua orientação, quanto às relações afetivas, será a de ser acolhido como filho pelo sexo oposto. Muito raramente terá consciência de que não foi desejado.



Deve-se torná-lo consciente de que as circunstâncias em que uma pessoa é gerada é parte especial de seu processo de evolução e de que, por esse motivo, não há um padrão coletivo para tal. Todos querem uma relação de amor ideal entre os pais quando de sua geração; porém ninguém sabe o que se passa no íntimo de cada um. Se uma pessoa foi gerada e não desejada, deve considerar que essa condição não foi criada diretamente contra si, mas uma circunstância proposta pelo destino, a ser vencida. Deve entender as consequências disso e modificar o viés que terá a tendência de seguir.

Filho único

Por ser o filho único, principal testemunha dos acontecimentos domésticos e das disputas naturais da relação homem x mulher, ele ocupa lugar central na vida do casal. Por estar em posição privilegiada, para quem as atenções são naturalmente voltadas, ele se torna o filho que manipula os pais. Essa condição enviesa a personalidade, facilitando a inflação de seu *ego*. Como recebe dupla atenção exclusiva, sendo disputado pela necessidade dos pais em demonstrar quem faz mais e melhor por ele, torna-se hábil manipulador e estrategista na arte de dissimular, para obter seus desejos inconfessáveis. Inconscientemente, os pais elegem-no como juiz que decide quem, o pai ou a mãe, é melhor pessoa. Quando consciente de seu poder, visando, ou não, manipular, torna-se excelente argumentador e convincente altruísta. Tem dificuldade, na idade adulta, de deixar a casa dos pais, sob o argumento de compaixão por ambos. Sua condição de hábil manipulador, coloca-o como dominador e, muitas vezes, ditador. Egocêntrico, nem sempre considera as opiniões alheias, sobretudo quando é criticado em suas atitudes. Talvez, por não ter tido irmãos, não aprendeu a disputar para conquistar as coisas, o que poderá limitar-lhe os horizontes. Quando quer algo, alia-se a um dos pais, sempre que a parceria lhe é favorável, jogando de um lado para outro, ao sabor de



seus interesses. Essa sistemática acompanhá-lo-á nas relações que estabelecer, principalmente quando forem triangulares, tendo facilidade em criá-las. São “reizinhos” que se acostumam a mandar; nem sempre, porém, encontram súditos que lhes queiram obedecer. Por outro lado, são sociáveis quando fora da presença dos pais; gostam de fazer alianças e de ter bons e sólidos amigos.

Seu caminho seguro, na direção do desenvolvimento da própria personalidade, passa pela renúncia à forte tentação de manipular nas relações que estabelece. Deve tomar consciência dessa habilidade, além de ser convidado a desenvolver a empatia.

Forte ligação com a mãe

O *complexo* materno é inerente ao ser humano, pois o desejo latente de ser acolhido, compreendido, aceito e amado é inato a todos. Não é incomum, portanto, uma maior ligação com a mãe do que com o pai, pelo natural desejo de proteção e nutrição. A forte ligação materna promove, no filho, uma assimilação da personalidade da mãe, isto é, de sua forma de pensar e de sentir, influenciando-o, principalmente, na maneira de estabelecer relações afetivas. Ocorre uma natural contaminação psíquica que os tornam semelhantes na forma de observar e de analisar a realidade. Quando filho, torna-o mais próximo do pensar feminino; quando filha, torna-a mais dominadora, forjando uma personalidade mais prevenida contra o poder do masculino. A fixação maior na figura materna torna o filho homem mais suscetível a sua *ânima*, e a filha mulher mais carente do que o natural. A personalidade da mãe retroagirá sobre aquele filho, tornando-se *supraordenada*, influenciando decididamente na condução de suas relações afetivas. O filho será guiado pelos anseios, medos e desejos não realizados da mãe. Em alguns casos, atua em função da *sombra* materna. A personalidade dela dita o viés que vai prevalecer na personalidade dele; o modo como a relação dela com o sexo oposto acontece será sutilmente copiado por ele(a). Em muitos casos, essa convivência muito intensa e



simbiótica gera tensões entre eles que acabam em brigas que, por vezes, fazem-nos adoecer. São interdependentes e vivem como um casal inconsciente, um manipulando o destino do outro e nele interferindo a ponto de gerarem escolhas nem sempre adequadas, de parceiros amorosos.

A forte ligação dificulta a necessária independência psicológica que todos os filhos devem realizar, na adolescência, em relação às opiniões e preferências dos pais. Sem esse desligamento psicológico, os filhos se situam nos limites dos anseios familiares, dificultando o desenvolvimento da personalidade. Em muito, os pais colaboram com a manutenção dessa limitação, na medida em que acreditam sempre saberem o que é melhor para eles. Não consideram que são Espíritos e que também trazem suas bagagens de conhecimento de outras encarnações, além de terem seus próprios projetos de destino.

É a intensidade e a qualidade das ligações do filho ou filha com a mãe que ditam as relações amorosas deles. Quanto maior a independência psicológica da mãe, mais livre estará para fazer as próprias escolhas de seus parceiros amorosos. Essa forte ligação favorece certa flexibilidade e insegurança quanto a decisões, contribuindo mais para o uso da introversão.

Repensar a personalidade da mãe, analisando os pontos de convergência com a própria, distanciando-se de sua maneira de ser, fará a diferença para a solução de conflitos da vida amorosa do filho(a). Deve-se investir na dimensão paterna da personalidade, tornando-se mais assertivo(a) e mais decidido(a).

Forte ligação com o pai

A assimilação do pensamento do pai, do caráter e da maneira de ser é a mesma em relação ao que ocorre com a mãe. O pensamento cartesiano, a seriedade e a forma objetiva de ser são passados de forma sutil, enviesando a personalidade do(a) filho(a). Em geral, os filhos muito ligados ao pai herdam sua inabilidade em lidar com o mundo emocional, afetivo e amoroso.



Agem objetivamente, ocupando-se, principalmente, da vida profissional e da independência financeira. São mais radicais e têm tendência à extroversão. Mesmo que, às vezes, tenham medo e estejam inseguros, não demonstram, camuflando seu verdadeiro estado de espírito. Demonstram segurança, poder de decisão e autocontrole quanto ao que querem e ao que almejam. Têm dificuldade em lidar com as próprias emoções e com o sofrimento. Em muitos casos, isso tem um efeito positivo, levando o indivíduo a conquistar espaços, dominar ambientes, vencer desafios e obter sucesso na vida profissional. Nem sempre são bem sucedidos na vida conjugal, optando por um casamento estável, em detrimento de uma relação em que prevaleça o sentimento de amor.

Esse viés pode enrijecer a personalidade, dificultando seu desenvolvimento, uma vez que, infantilmente, não se aventura a lidar com a afetividade. A vida é vivida pela metade, sem envolvimento significativo nem transformações no campo afetivo. A evolução do Espírito, nesse importante campo, é adiada. Torna-se necessário um investimento real no lado oposto da personalidade, algo difícil de ser vivido, mas imprescindível a uma vida saudável.

Frequentes fracassos amorosos

Há indivíduos que possuem esse traço na vida. Não conseguem vincular-se com objetivo matrimonial, isto é, manter uma relação para levá-la ao desfecho, naturalmente desejado, do acasalamento. Têm namoros curtos com termos sumários, ou namoros longos sem saberem como levá-los à vida a dois na construção de uma família. Muitas vezes, não sabem a causa dessa dificuldade. Acreditam que só atraem pessoas difíceis, sem perceberem que é sua própria maneira de ser e de reagir ao outro que delinea o formato da relação. Quando percebem, não sabem como mudar, pois cristalizaram uma maneira de proceder que envia as relações amorosas. Muitas vezes, não sabem usar ade-



quadamente a sensualidade, a amorosidade, a entrega e tampouco amar alguém. São permissivos e submissos para obterem algo, o que desperta desconfiança no outro, ou são autoritários e excessivamente controladores, dificultando uma relação afetiva.

Querem um companheiro(a), o que lhes facilitaria os planos de família e filhos. O caminho é o aprendizado da convivência com o outro de forma autêntica, transparente e sincera, em que medos e inseguranças são expostos a serviço do compartilhamento de fragilidades. O desenvolvimento da personalidade passa pela exposição do que se é sem medo de não ser aceito, ou rejeitado, pelo outro.

Gagueira

A gagueira, ou tartamudez, caracteriza-se por pausas na fala, em face da dificuldade de pronunciar uma ou outra palavra. Geralmente, seu portador esforça-se muito para evitar a gagueira, o que gera ansiedade e aumenta a dificuldade. Procura sempre sinônimos para certas palavras que sabe não vai conseguir pronunciar corretamente. É um estigma extremamente constrangedor que dificulta a socialização de quem o porta. O *complexo de inferioridade* e a irritação consigo mesmo são a marca desse estigma. Seu portador apresenta um alto grau de ansiedade e de decepção em relação à sua pessoa. Tem dificuldade em se relacionar, dificultando sua vida amorosa, restringindo seu mundo a pequenos grupos em que é aceito após grandes dificuldades de entrosamento. Demora para buscar tratamento devido à vergonha em expor sua explícita dificuldade. Torna-se desconfiado quanto à aceitação de sua pessoa e passa um bom tempo ensimesmado com sua dificuldade. Por saber que é alvo de piadas, sua personalidade torna-se arredia e mais séria do que o comum. Geralmente, adota uma postura mais austera diante da vida, evitando o escárnio popular.

O caminho para o desenvolvimento da personalidade é o relaxamento, a meditação, a redução dos níveis de ansiedade,



as técnicas de concentração e de educação dos impulsos e das emoções. O uso de medicação posterga uma cura e mantém o viés característico do estigma. Uma terapia é imprescindível para o entendimento da existência do estigma. Imprescindível a consulta a um profissional da área de fonoaudiologia.

Gêmeo idêntico

Nascer e crescer com um espelho ao lado, a todo momento, não parece ser algo útil, principalmente quando se nota que o outro também tem sua própria personalidade. A sociedade oferece uma conduta nem sempre adequada para os gêmeos, pois os iguala perigosamente. Para os outros, eles parecem objeto de admiração, pois quanto mais parecidos mais despertam a curiosidade. Os gêmeos acabam por fazer disso um motivo para esquecer que são de fato diferentes e que gostariam de ser singularidades. São tratados quase como celebridades, pois são interpelados, admirados, elogiados e constrangidos a dizerem que se parecem em tudo. Gostam de contar histórias que relatam fenômenos ocorridos à distância e que afetaram um e outro. Por muito tempo, sentem-se bem com as semelhanças, até que sintam falta de sua própria individualidade. Conhecem suas diferenças e gostariam que elas prevalecessem sobre as semelhanças. Inicialmente, desenvolvem um prazer por serem especiais para a sociedade; porém, posteriormente, fazem um esforço muito grande para mostrar suas diferenças. São vítimas de sua própria vontade infantil de se mostrarem iguais. Intimamente, desenvolvem competição para a superação do outro, na tentativa de mostrar ser o melhor ou o mais bem sucedido. Em poucos casos, é possível encontrar gêmeos idênticos que se tornam desafetos. Nesses casos, trazem processos cármicos (velhas e ferrenhas inimizades) que exigiriam aproximação afetiva não consumada.

A necessidade de que cada gêmeo encontre sua própria identidade é fundamental para o desenvolvimento da personalidade. Isso é retardado pelo período em que se satisfazem ao se mostrarem



iguais para a sociedade que os admira nas semelhanças. De qualquer forma, a personalidade também será enviesada pela competição velada com o outro irmão. Trata-se de um par de opostos, reprimido pelas contingências em atender ao coletivo.

Hybris cometidas, ou não

Hybris, em grego, significa desmedida, transgressão, provocação aos deuses, sempre pagas com punições. A transgressão sempre foi um grande atrativo para o ser humano, que deseja superar suas limitações e as imposições do *supra-arquetípico*. Como essas transgressões são vividas, bem como suas consequências na personalidade, ou os motivos que impediram que o indivíduo vivesse alguma, com respectivas sequelas, pode provocar o surgimento de um estigma. Num certo sentido, transgredir é sinal de inteligência, pois são as experiências que superam limites, nas quais a criatividade está presente, uma vez que alcançam algo novo. Limites estabelecidos são como dogmas, que apontam para algo misterioso e que trazem o desejo de ultrapassar suas barreiras.

Hybris comuns é fazer algo proibido pelos pais, é a primeira relação sexual, é negar algum preceito religioso, é fazer algo contrário às leis sociais, é xingar, mentir, dar o primeiro beijo em alguém, é omitir-se, copiar algo que não é de sua autoria sem citar a fonte, viver o proibido, faltar ao trabalho, desafiar a autoridade etc..

Ter cometido uma dessas *hybris*, ou outras, de acordo com a escolha feita, revela aspectos da personalidade da pessoa. Quem nunca cometeu nenhuma delas, ou evitou qualquer uma, também denuncia determinado aspecto da personalidade. O estigma acontece quando se cometeu, ou não, uma *hybris*, cuja experiência tornou-se significativa para a pessoa, a ponto de se tornar inesquecível e altamente valorizada na vida. Busca-se desmistificar a experiência, levando o indivíduo à percepção



de seu significado oculto ou de sua irrelevância. Em muitos casos, o indivíduo deve ser levado a cometer a *hybris* evitada.

Homossexualidade

O estigma da homossexualidade tem relevância em face do preconceito social que o indivíduo é obrigado a enfrentar. Em muitos casos, quando há a natural aceitação pelo indivíduo, o estigma se dissolve ao longo da vida.

Eis, por exemplo, como ele pode aparecer nos sonhos de uma mulher jovem, 28 anos, empresária: “– Sonhei que eu tinha casado e, quando me dei por conta, era o segundo dia do casamento e pensei: ‘Quando chegar em casa, vou começar a beijar porque este *trabalho* é meu, já que eu sou... o homem da relação!’ Só que, na verdade, eu não era homem, eu era mulher. Meu marido não era marido, era uma mulher também. Daí me toquei que havia casado com a pessoa errada! Fiquei pensando: ‘meu Deus, casei com uma mulher! Não achar que sou gay.’ Eu nem a amava nem nada e me toquei que havia casado com a pessoa errada.”

Nota-se o próprio preconceito no mundo onírico, quando, na Consciência, no que diz respeito à identidade sexual, nada se revelava como inadequado ou rejeitado. O estigma da homossexualidade torna-se negativo na medida em que não há aceitação (*ego*-distonía), principalmente a partir da idade adulta, do desejo por pessoa do mesmo gênero. Viver numa sociedade com padrões sexuais e amorosos de comportamento, em que se exclui aquele que é diferente das convenções estabelecidas, constitui um preconceito, portanto, um estigma, mesmo que seja velado ou não explícito. Sabe-se que não cabe “tratamento” para a homossexualidade, mas, em certos casos, terapia para a compreensão do estigma e para uma vivência homoafetiva saudável numa sociedade preconceituosa.

É fundamental a compreensão e o respeito aos desejos e sentimentos daqueles que se reconhecem homossexuais. Uma vida autêntica passa pelo próprio reconhecimento e respeito ao



que o indivíduo pensa, sente e deseja fazer com sua vida. Hoje, no Brasil, já é lícita a união homoafetiva com efeitos semelhantes ao que consta no §3º do artigo 226 da Constituição Federal para a união entre um homem e uma mulher na formação de uma entidade familiar.

Identidade acentuadamente feminina

O estigma da identidade acentuadamente feminina compreende pessoas que, independentemente do gênero e de qualquer conotação sexual, apresentam um psiquismo marcadamente feminino. Com características psíquicas (modo de pensar, de conceber a realidade, de agir etc.) tipicamente femininas, enviesam a vida. Agem, muitas vezes, inconscientemente, como mulheres altamente sensíveis. Colocam-se como receptivas, sensíveis à vida emocional, priorizam a dimensão afetiva em detrimento da vida funcional/profissional, são mais afeitas aos juízos de valor (julgamentos) em detrimento aos juízos racionais, adotam a subjetividade em lugar da objetividade, têm gosto estético apurado etc.. Muito embora se possa viver bem com essas características, trata-se de um psiquismo marcadamente polarizado no aspecto feminino de ser, enviesando o olhar e a vivência no mundo. A depender da influência do direcionamento da libido sexual, o viés poderá trazer algumas consequências negativas para a personalidade.

A solução está na busca pelo polo oposto, integrando as qualidades psicológicas do modo de ser masculino, sem necessariamente partir-se para mudanças radicais. Nos casos em que há influência da direção da libido sexual, deve-se estar atento para o respeito a essa direção.

Identidade acentuadamente masculina

O estigma da identidade acentuadamente masculina compreende pessoas que, independentemente do gênero, sem qualquer conotação sexual, apresentam um psiquismo marcadamente



masculino. Com características psíquicas tipicamente masculinas (modo de pensar, de conceber a realidade, de agir etc.), enviesam a vida. Agem, muitas vezes, inconscientemente, como homens.

Colocam-se como pessoas assertivas, pouco afeitas à vida emocional, que priorizam a dimensão objetiva em detrimento da vida amorosa, são mais afeitas aos juízos racionais (análises lógicas e funcionais) em detrimento aos juízos de valor (julgamentos afetivos), adotam a objetividade em lugar da subjetividade, têm gosto estético secundário etc.. Muito embora se possa viver bem com essas características, trata-se de um psiquismo marcadamente polarizado no aspecto masculino de ser, enviesando o olhar e a vivência no mundo. A depender da influência do direcionamento da libido sexual, o viés poderá trazer algumas consequências negativas para a personalidade.

É necessária a busca pelo polo oposto, integrando as qualidades psicológicas do modo de ser feminino, sem necessariamente partir para mudanças radicais. Nos casos em que há influência da direção da libido sexual, deve-se estar atento para o respeito a essa direção.

Idoso

A sociedade privilegia a juventude, a força e o empreendedorismo. Os espaços públicos são construídos para os que se movimentam mais rápido, os que são ágeis e decididos. A vida urbana requer velocidade e capacidade de decisão instantânea. O mundo moderno não tem sido afeito à experiência dos mais velhos. A memória que guarda a experiência passada já não é mais procurada na mente dos mais velhos, mas no mundo cibernético. Quanto mais se tente valorizar propostas compensatórias para agradar aos idosos, mais se discrimina sua importância na sociedade. Além disso, ainda há a própria discriminação, na medida em que o idoso, antecipadamente, a partir de certa idade, programa-se para a ociosidade, principalmente quando se aposenta. A crença popular é de que a vida, no cor-



po físico, deve acontecer de tal forma que se estude, se trabalhe, se divirta e se aposente para o descanso na velhice. Trata-se de uma exclusão do idoso e de sua importância para a sociedade – parece que ela não o quer ou nem precisa dele.

Por conta de um maior cuidado com o corpo, que apresenta problemas de saúde inerentes à idade, ir a médicos e farmácias é rotina do idoso. Quando não tem esse comportamento, é criticado como desleixado em relação à sua saúde. E por se cuidar com maior frequência, sofre o preconceito como se fosse menos útil à sociedade. Fora os problemas de saúde decorrentes dos desgastes orgânicos, a depressão tem-lhe sido companheira sorrateira.

É preciso passar pela reavaliação do significado da morte do corpo. Por mais que se postergue o tempo de vida do corpo físico, um dia a morte virá, obrigando o Espírito a lidar antecipadamente com suas implicações. O idoso deve passar a entender que a continuidade de seus propósitos existenciais independem da morte do corpo, tendo que rever conceitos e objetivos estabelecidos para a atual encarnação, ultrapassando-a. Deve fazer novos projetos, considerando a continuidade da consciência após a morte do corpo físico, estabelecendo para si mesmo, que, na dimensão espiritual, poderá dar prosseguimento ao que faz, com pequenas alterações, ou desenvolver outras atividades. Essa consciência não implica em alterações da religião adotada nem de conversões confessionais.

Infertilidade no homem

O homem sempre foi educado para ser macho e, por isso, a ser fértil. Sua infertilidade nunca foi objeto de discussão, salvo quando presente na contingência de não conseguir ter filhos. A possível infertilidade na mulher é questionada, em primeiro lugar, quando o casal não consegue ter filhos. Como o homem raramente cuida de sua saúde no que diz respeito à capacidade reprodutiva, o tema surge sempre com uma descoberta tardia.



Com a informação, surgem decepções, sentimentos de impotência, *complexo de inferioridade* e, em paralelo, o enfrentamento às cobranças veladas por parte da mulher. O homem sente-se menor, menos capaz, menos potente. Sentimento semelhante ele tem quando descobre, porventura, que sua parceira não consegue ter orgasmo com ele. Afeta a autoestima e reduz a autoconfiança. Em muitos casos, o homem desdenha a incapacidade de ter filhos, considerando uma questão menor para si. Só quando entende a relevância e a repercussão que isso tem na mulher, dá-se conta de sua responsabilidade. A questão, desse quase descaso, também envolve o pragmatismo masculino a respeito do custo pessoal e financeiro para educar filhos, tornando-se, a impossibilidade de tê-los, num fator quase psicologicamente irrelevante.

Não poder ter filhos, diferentemente de não os querer, afeta a criatividade do homem, interferindo também em sua relação com a *ânima*, muitas vezes inferiorizando a mulher por projeção, creditando a ela sua impossibilidade. A saída, caso haja de fato o desejo de ter filhos, é adotar. Não havendo o desejo, deve-se buscar uma maior aproximação da *ânima*, integrando suas qualidades. Ter filhos, biológicos, ou não, é escolha e não obrigação.

Infertilidade na mulher

Trata-se da impossibilidade, via relação sexual, de engravidar. A impossibilidade, por diversos fatores, de ter filhos, mesmo por via artificial (fecundação *in vitro*), torna a questão mais complexa no psiquismo consciente da mulher. Mesmo que a dificuldade, ou o problema, esteja em seu companheiro, ela se queixa e pergunta a si mesma sobre o porquê de acontecer logo com ela. De qualquer forma, essa dificuldade atinge em cheio a realização do feminino em sua função procriativa. Frustra a mulher, levando-a a um sentimento de menos valia e de que está sendo punida em face da culpa que lhe acomete. Sofre muito com isso, pois foi educada para ter e cuidar de filhos, questio-



nando-se em que errou e por que isso se deu em sua vida e não na de outras pessoas reconhecidamente ruins. Seus pensamentos a condenam e chegam a culpar Deus por não livrá-la dessa “maldição”. Sua vida perde uma parte do sentido, obrigando-a a repensá-la em outros moldes e com outros objetivos. Em geral, ela procura elaborar respostas adequadas às cobranças sociais sobre a maternidade.

Importante é a compreensão de que a maternidade é uma possibilidade de realização, e não uma obrigação. Por mais que a sociedade exija, cabe-lhe avaliar a necessidade de ter de ser mãe nessa encarnação. O Espírito, quando renasce num corpo feminino, não se realiza apenas na maternidade, muito embora a quantidade e a qualidade das experiências afetivas envolvidas sejam muito grandes e intensas quando ela se torna mãe. A depender da intensidade do desejo de ser mãe, a questão pode ser mais profunda e mais traumática ao psiquismo feminino. Pode ocorrer que haja, inconscientemente, o desejo de realização oriundo de outras encarnações, mal sucedidas nesse campo, pressionando a Consciência. Ampliar as experiências relacionadas ao materno, não necessariamente sendo mãe biológica, é premissa básica para o equilíbrio psíquico.

Iniciação sexual precoce ou retardada

A sexualidade é a dimensão maior para o desenvolvimento da afetividade e das relações amorosas. Nas primeiras experiências sexuais, o ser humano desenvolve sua capacidade de amar. Trata-se, também, da realização de atividades pertencentes às experiências arcaicas de todo ser, pertinentes às trocas energéticas importantes, naturais e necessárias ao desenvolvimento psicológico do ser humano. Sexo é atividade antiga e de grande poder de condicionamento e motivação. A maturação dos órgãos sexuais, a consciência de suas implicações e a relação de consentimento são condições básicas para sua prática e para a iniciação adequada.



Quando se observa uma iniciação precoce, isto é, quando um daqueles fatores não está adequadamente desenvolvido, há um estigma. A preocupação será identificar que consequências e que outros estigmas podem estar associados a essa precocidade. O desejo de prazer, a ansiedade pela descoberta do próprio corpo, a hiperatividade, a compulsão, bem como a necessidade de esconder o que faz, estão sempre presentes nesse estigma. O indivíduo, geralmente na infância, próximo da puberdade, demonstra uma excessiva preocupação com sexo e com o prazer encontrado na descoberta de seu próprio corpo. Interessa-se por tudo que diz respeito ao assunto, não raro, buscando, furtivamente, observar comportamentos sexuais dos adultos. Imagens ligadas a sexo lhe causam especial interesse, como se estivesse em constantes buscas de explicações sobre seus significados. Interessa-se, sobremaneira, pelo órgão sexual, masculino ou feminino, projetando sobre sua imagem toda curiosidade de que são portadores. Mais tarde, já adultos, podem ser vistas atitudes sexuais diferenciadas, seja em pensamentos perversos persistentes, seja na prática inadequada da própria sexualidade com vícios infantis. São facilmente atraídos pela culpa, escondendo-se por detrás de uma máscara de seriedade e de conservadorismo, adotando uma *persona* reativa ao sexo. Em alguns casos, dedicam-se à religião como forma de aliviar a consciência. Em outros casos, fazem parte de clubes clandestinos que se dedicam à prática sexual não convencional. Banalizam o sexo e, conseqüentemente, reduzem sua capacidade afetiva genuína. Sentem-se energeticamente ligados aos seus parceiros, confundindo essa conexão com amor, não sabendo viver sem estar ligado àquela pessoa, mesmo que seja à distância. O corpo foi usado como objeto de exclusivo prazer, dificultando a conexão essencial com a dimensão afetiva e com a dimensão espiritual. Aquela precocidade parece ser um indício de que o Espírito já reencarnou trazendo antigos vícios do passado que, pela intensidade vivida, não foram aplacados pela união com um



novo corpo físico. As práticas sexuais do passado, impregnadas no perispírito, provocam comportamentos precoces nesse campo, que demonstram a fragilidade do Espírito. Os pais devem observar sinais em seus filhos que denunciam essa precocidade; como exemplo, temos a masturbação na primeira infância, o excessivo interesse, desde cedo, por temas sexuais, o visível interesse em tocar os órgãos genitais dos pais e de irmãos, fazer muitas perguntas relacionadas a sexo como se fosse um adulto, bem como namoro ou vontade de vivenciá-lo ainda na puberdade.

Por outro lado, há aqueles que retardam a iniciação sexual, postergando-a por vários motivos: religiosos, medo de rejeição, imaturidade sexual, imaturidade afetiva etc.. Demonstram um excessivo valor negativo à prática sexual, ignorando como educá-la ou sacralizando-a de forma perigosa. A ignorância tanto quanto a sacralização parecem estar relacionadas à dificuldade em lidar com a intensa energia gerada numa relação sexual, que, muitas vezes, elicia ideias e imagens arcaicas não muito bem assimiladas pela pessoa. Tem sido, ao longo dos milênios, a prática do sexo, catalizadora de fortes emoções e sentimentos que construíram civilizações, bem como tem trazido diferentes motivações ao ser humano. Sua força não pode ser desprezada nem seu uso negligenciado. Em geral, o desdém e a dificuldade para a prática sexual levam o indivíduo a abrigar a desconfiança de si e dos outros, à insegurança afetiva, ao sentimento de incompetência para constituir família, à menos valia de si mesmo e à consciência de ser diferente das demais pessoas.

No caso da iniciação precoce, o recurso é, desde a infância, o diálogo esclarecedor sobre a temática, respeitando o grau de maturidade da criança para a compreensão do assunto; para o adulto, vale a pena a consciência do viés imprimido na vida por causa da excessiva valorização do sexo, além da perda da qualidade afetiva nas relações amorosas. Geralmente, os conflitos que surgem dizem respeito à vida amorosa, pela inversão do valor entre o sentimento e o prazer sexual. No caso do retardo



à iniciação sexual, o caminho geralmente passa pela terapia a fim de educá-lo à vivência da prática sexual saudável.

Integrante de minorias sociais (etnia, sexualidade, religião etc.)

Todo preconceito pode ser o fator desencadeador de um estigma, principalmente numa sociedade tão desigual como a que vivemos. As minorias sociais, aprisionadas pela exigência de normalidade oriunda da maioria, são sistematicamente estigmatizadas até que uma nova onda de ideias que considere seus comportamentos como legalmente e moralmente aceitos os legitime. São preconceitos oriundos da inferioridade espiritual em que ainda se encontra boa parte da humanidade, gerando estigmas diversos. Muitas guerras entre países foram provocadas exatamente por causa desses preconceitos.

Impor-se diante da maioria, sustentando suas idiosincrasias, evitando modismos e imitações por rebeldia, é o que deve buscar. Lutar contra esse estigma é mais do que uma questão individual, pois implica em colocar-se contra o atraso e a inferioridade da própria sociedade. Pode ser útil a interferência de organismos multilaterais, de instituições de defesa dos direitos humanos, bem como de organizações internacionais de apoio a causas humanitárias.

Internação psiquiátrica

A internação psiquiátrica é um estigma quase que permanente. O preconceito social é muito grande e costuma se estender à família do paciente. A lembrança de ter passado por uma instituição que abriga “loucos” promove um sentimento de menos valia e de inferioridade em relação aos outros. Deixa uma lacuna na mente do indivíduo, que sempre o fará temer a possibilidade de nova ocorrência. Suas lembranças são como disparadores de alerta à saúde mental, inibindo, muitas vezes, a criatividade, as naturais transgressões, as ideias arrojadas, as



intuições e a assimilação livre dos conteúdos do Inconsciente. Promovem filtros limitadores do fluxo das invasões do Inconsciente, que poderiam aliviar tensões geradas pela rigidez da Consciência, tendendo a serem relegadas ao esquecimento em face do quão doloroso foi admitir que sua própria mente chegou àquele ponto, ultrapassando a barreira da integridade psíquica.

Tem-se de analisar a importância da internação como fator que contribuiu para o equilíbrio psíquico e para a sanidade da pessoa. Deve-se levar o indivíduo à naturalidade em falar do assunto como uma vitória sobre a doença e sobre o Inconsciente, em face do retorno à integridade psíquica. A internação psiquiátrica é uma forma temporária de contenção das invasões abruptas do Inconsciente, cuja intensidade não foi suportada pela Consciência, ou melhor, pelo *ego*. Aceitar sua necessidade e considerar sua pertinência sem preconceitos infantis, admitindo a fragilidade ocorrida, é fundamental para que se reduza sua influência negativa. Quando se aceita a *sombra*, a energia gerada para suportá-la é liberada para outras atitudes, aliviando o eu do ônus da tensão.

Irmão, pai ou mãe esquizofrênico

Muitas vezes, surge uma culpa inconsciente, oriunda da vergonha, de se ter um parente próximo esquizofrênico ou que tenha algum tipo grave de doença mental. Jung já se referiu a uma culpa individual semelhante em pessoas, cujo determinado membro da família tenha algum processo condenável, como um crime, uma acusação grave, um caso de loucura na família e outros. A pessoa se envergonha, sentindo-se inferior por ter um parente naquela condição condenável, ou discriminatória, pela sociedade, que parece estender à família o mesmo mal. Nos casos de doença psiquiátrica, ocorre uma autodiscriminação, estigmatizando o próprio indivíduo que se sente inferiorizado, além de se colocar como se fosse o próprio portador da doença. Se a doença psiquiátrica é grave, como a esquizofrenia, e



ocorre por muito tempo, principalmente expondo o parente saudável desde a infância, os sinais de sua influência serão mais visíveis. Há uma real assimilação da morbidade ambiente, influenciando a personalidade de quem convive com o doente, dotando-a, muitas vezes, de melancolia e de tristeza persistentes. Viver em ambiente de sofrimento pode promover a baixa imunidade orgânica, bem como a queda da disposição de uso da *energia psíquica* a serviço da própria vida. A convivência, carregada ou não de afetos, em uma *psicosfera* mórbida reduz os horizontes psíquicos, muitas vezes, impossibilitando a formação de imagens e ideias que eliciem disposições de viver. É como viver respirando um ar impuro, lutando por um pouco mais de oxigênio. Noutros casos, quando a convivência não existe ou é temporária, advém a vergonha que, em muitos casos, promove o silêncio, quando se fala naquele parente.

O importante é tornar consciente tal influência, é a pessoa entender que os processos pertencem, prioritariamente, a quem os sofre e, indiretamente, àqueles que convivem com os doentes. Fundamental é o trabalho de reconstruir cenários psíquicos adequados à manifestação das potencialidades do Espírito, destruídos pela morbidez ambiente. O saudável, em ambiente mórbido, acaba por contaminar-se pela convivência intensa, mas é preciso ter o cuidado de não se colocar como vítima dos outros. O indivíduo deve ser levado a entender seu papel e a analisar como se situa na configuração familiar. Sua responsabilidade vai além do ajudar ou cuidar dos outros; é avaliar até que ponto essa configuração é também sua responsabilidade em face de compromissos cármicos.

Mãe solteira

Esse estigma já teve maior carga de energia em tempos anteriores à década de oitenta do Século XX. A liberação sexual, a ampliação dos direitos da mulher, o processo crescente de emancipação e de autonomia do indivíduo na sociedade, a per-



cepção do direito de escolha do próprio destino, a reação à opressão do feminino, entre outros motivos, reduziram o *complexo* da chamada mãe solteira. Algumas mulheres, explicitamente, passaram a aceitar ter filho sem um marido (produção independente), atendendo, instintivamente, ao arquétipo materno. O *complexo*, por força das mudanças dos costumes e da moral social, mudou seu perfil, fazendo com que o problema passasse a ser o fato de não se ter um companheiro, e não, de ter um filho sendo solteira. Tem sido comum as mulheres reclamarem que não encontram homens que queiram compromissos; não analisam, porém, que, na verdade, não os querem com seus problemas e conflitos.

O recurso é a aceitação de sua independência, de suas escolhas sem que sejam julgadas como certas ou erradas, mas como um dos muitos caminhos do Espírito. Ter um companheiro deve ser compreendido como uma presença que amplia o leque de experiências que podem ser vividas ao lado de alguém e que não são imprescindíveis, numa encarnação, para que o Espírito evolua. De fato, a presença de alguém para se trocar experiências, para se amar e juntos aprenderem é muito rica e gratificante; mas não se deve ter uma única alternativa para se viver e ser feliz. Enquanto a vida ideal não acontece, vive-se a vida real, fazendo dela o melhor para si.

Mediunidade ostensiva desequilibrada

Em muitos casos, a mediunidade desabrocha na vida da pessoa, trazendo-lhe inconvenientes e dissabores. Quando não aparece de forma abrupta, como um surto, surge, de forma sutil, incomodando o indivíduo. Muitas vezes, desde a infância ocorrem experiências inusitadas, tais como visões, premonições, audição de vozes, bem como sonhos relacionados com mortos, denunciando que a mediunidade está presente; mas a ignorância do que se trata, o preconceito e o medo instalam o estigma, enviesando o destino da pessoa. Outras vezes, a faculdade



mediúnica desabrocha, trazendo consigo a obsessão espiritual, fazendo com que psiquiatras e psicólogos sejam acionados para, sem sucesso, resolverem a questão. O resultado, muitas vezes nefasto, em alguns casos mais graves, é a internação em clínicas especializadas no tratamento de transtornos psíquicos. Na adolescência, os sintomas assemelham-se aos da esquizofrenia. Há casos em que ocorrem em conjunto, isto é, o que é considerado alucinação visual na esquizofrenia, é, de fato, uma manifestação mediúnica. O que distingue se é uma alucinação ou se é uma manifestação mediúnica está no indivíduo que possui um *ego* estruturado para lidar com o espiritual sem que o *ego* sucumba ao Inconsciente. Independentemente dessa estrutura segura do *ego*, a manifestação mediúnica, quando vem com a obsessão, promove o estigma. Na idade adulta, o estigma é menor, pois já existem algumas válvulas de escape ou alternativas de solução, proporcionadas principalmente pelo Espiritismo, com sua rede de Centros Espíritas cada vez mais procurados. Mesmo assim, o medo que o indivíduo sente ao se deparar e ter de lidar com fenômenos que fogem de seu controle, que não consegue evitar e que não entende, provoca insegurança e instabilidade psicológica.

Não é só encaminhá-lo para conhecer o que é mediunidade, via de regra, num Centro Espírita; portanto, não apenas desobsessão, mas também a busca das razões, na própria personalidade, da instalação do processo aversivo e do conteúdo dos problemas trazidos. Em geral, quem conhece um pouco do Espiritismo, recomenda a desobsessão, como se tudo pudesse ser solucionado com essa providência. É necessário que o portador, adulto, de transtornos provocados pela mediunidade desequilibrada seja tratado psicologicamente, pois o ataque psíquico provocado pela obsessão espiritual dá-se por via de um ou mais *complexos* psicológicos. É preciso trazê-los à consciência e dissolvê-los. Como o medo é outro componente que aparece, deve-se trabalhar sua integridade e autonomia em face do embate com outro *ego* (desencarnado).



Morte de filho ou de parente muito próximo³

A morte de alguém, cuja intimidade se desfrutou, provoca diferentes emoções, dependendo dos sentimentos que foram cultivados. Culpas, mágoas, arrependimentos, medos e saudades surgem quando da ocorrência da morte. A própria pessoa que passou pela morte de um ente querido vai construir o estigma, provocado pela nova configuração de vida sem ele. Constrói uma imagem de como é vista pela sociedade – aquela pessoa, cujo filho ou parente morreu. Ficará conhecida como mãe, pai ou outro grau de parentesco da pessoa que faleceu, atraindo uma espécie de comoção ou “pena”. Em muitos casos, reprime sua natural espontaneidade, bem como se acautela da crítica social a respeito de seu próprio comportamento. O receio de ser tomada como uma pessoa insensível e desrespeitosa às tradições familiares e sociais inibe a alegria e o prazer naturais.

Deve-se conduzir a pessoa à percepção da vida artificial que leva, além de libertá-la do compromisso inconsciente com quem já morreu. Muitas vezes, a pessoa conserva o compromisso que havia com o desencarnado, como se nada tivesse ocorrido. Deve-se entender que a morte modifica os compromissos, formais, ou não, que se tinha com alguém. Depois da morte, o desencarnado irá compreender que os compromissos cessam, mas os sentimentos, não. Uma terapia deverá contribuir para a devolução do direito da pessoa em ser ela mesma, independentemente do tipo de relação que estabelecia com a pessoa que morreu.

Obesidade

A obesidade é a condição geral do corpo de uma pessoa em que o Índice de Massa Corporal (IMC = peso em quilos dividido pelo quadrado da altura em metros) é superior a 30, indicando excesso de peso e que, geralmente, está associado a doenças cardiovasculares, diabetes e apneia do sono. A socie-

⁴ Ver o estigma da vividez.



dade privilegia uma determinada estética, que, de acordo com a época e a depender da qualidade atribuída à autoimagem, provocará o surgimento do estigma. Hoje, a pessoa magra leva vantagem em relação à obesa quando se privilegia aquela imagem. Desde criança, busca-se uma imagem idealizada de si mesmo relacionada às exigências sociais. É voz comum que não se deve engordar além da conta, o que interfere na condição geral de saúde. Um corpo na condição de obesidade inibe as ações de uma pessoa, expondo-a à crítica coletiva, provocando retraimento social com reflexos na vida profissional e amorosa. A obesidade na infância é um dos grandes motivos de *bullying* nas escolas. Esse retraimento, oriundo do *complexo* consciente, que decorre da autoimagem negativa, é fator estruturador do estigma, obrigando as pessoas a constantes tentativas de adequação. Cirurgias corretivas, dietas milagrosas, modificações no figurino, nada, de fato, resolverá o *complexo*, cuja influência permanecerá se não for dissolvido adequadamente. Mesmo para aqueles que conseguiram, seja com dieta, seja com cirurgia estomacal, reduzir significativamente o peso, o *complexo* teimará em permanecer até quando as exigências estéticas prevalecerem absolutas. A angústia, gerada para não retornar à condição anterior de obesidade, equivale ao sofrimento de quando se estava na situação anterior. Além disso, a vigilância para não retornar à obesidade consome *energia psíquica* que seria utilizada para outras experiências na vida.

Independentemente do emagrecimento, é preciso a compreensão dos fatores psicológicos causadores da obesidade. Em geral, a recompensa do prazer em se alimentar advém da ansiedade gerada por processos a serem vividos no futuro, sem que a pessoa tenha certeza de sua ocorrência e de seu desempenho satisfatório. Noutros casos, advém de traumas, conscientes, ou não, que afetam psiquicamente a pessoa, promovendo a necessidade de compensações, nesse caso, compulsão alimentar. A obesidade na mulher, psicologicamente, pode ser uma reação incons-



ciente à vivência plena do feminino; parece que há uma rejeição inconsciente a ser mulher, à consecução da comunhão com o masculino, como se houvesse um medo de insucesso. Dois temas devem ser trabalhados: a ansiedade e a aceitação do feminino. O primeiro tema está na Consciência, e o segundo, no Inconsciente.

Orfandade materna

A orfandade materna, aqui caracterizada como perda da mãe até antes da adolescência, promove uma série de consequências no psiquismo e no destino da pessoa. A perda da mãe é sentida como um desligamento do mundo que nutre, protege e acolhe o ser humano. Parece que a pessoa não nasceu, isto é, não tem raízes no mundo. A falta do carinho daquela que o gerou leva o indivíduo a questionar-se: por que eu não mereci ter uma mãe? O que fiz para não ter tido seu carinho e cuidados? As perguntas latejam por muito tempo, influenciando as ações da pessoa por toda sua vida, sem que haja sempre consciência desses questionamentos. Mesmo que essa mãe seja substituída por outra pessoa (tia, madrasta, avó ou irmã), o sentimento de perda permanecerá. Costuma provocar uma prolongada e intensa carência afetiva, que balizará as relações interpessoais, afetivas e amorosas da pessoa, muitas vezes, evocando sentimento de pena dos outros. A tendência a fantasiar o retorno dessa mãe manifesta-se na idealização de que todos têm o dever de acolhê-la e entendê-la. Aparece também como uma tendência à vitimização. Em alguns casos, a mitomania, por causa do desejo permanente de ser compreendida, aceita e acolhida, estará presente como uma compensação à falta do materno. Mentir, colorindo uma fala, inserindo uma ideia delirante, poderá ocorrer a fim de suprir a falta da conexão com a realidade que a mãe, certamente, lhe possibilitaria.

Precisa tornar-se consciente das consequências que a orfandade provoca na personalidade, principalmente no que diz respeito aos vínculos afetivos, e do conhecimento dos reais



motivos da ausência materna. A necessidade de acolhimento e de afeto, nem sempre atendida na infância, retroagirá sobre os outros como exigência fundamental. Assim, também ocorre com o parceiro na vida amorosa. Naturalmente, desabrochará uma criança sofrida, não atendida em sua necessidade básica de carinho, atenção e acolhimento. Em contato com aquele que não teve o direito de ter sua mãe biológica, a pessoa é instada a uma postura mais maternal do que o comum, penalizando-se com o outro.

Orfandade paterna

Os “estragos” na personalidade por causa da orfandade paterna (entendida aqui como ausência do pai até a adolescência) não são tão graves quanto na materna, mas causam muitos prejuízos, sobretudo nos homens. É o pai que dá os limites e a noção de controle dos impulsos ao ser humano. Quando não presente, contribui para a não educação dos instintos naturais humanos. O filho homem, na ausência de um pai, tem grande dificuldade para estabelecer seus próprios limites. Em alguns casos, nota-se a inflação do *ego* e a identificação perigosa com o *Self*. Toda criança precisa ser “interditada” na sua relação incestuosa com o inconsciente. Muito facilmente pode se tornar um *Puer*, isto é, um adulto que não cresceu, tendo atitudes infantis e, muitas vezes, inconsequentes. Nas mulheres, o prejuízo à personalidade é menor, mas mesmo assim registra-se certa inaptidão profissional. A orfandade paterna produz alguma deficiência na ambição natural que todos possuem, que se traduz em estagnação no enfrentamento aos desafios que o mundo adulto exige.

Precisa também tomar consciência dos arranjos na personalidade, bem como dos motivos da orfandade. É importante que, após verificada a falta de noção de limites, seja conduzida à necessidade de certa disciplina na vida. Quando for detectada a falta de aspiração em ascender socialmente, deve-se fortalecer a natural ambição que norteia o desenvolvimento humano.



Pobreza

A pobreza material talvez seja o estigma mais perverso que uma pessoa pode enfrentar. Não ter acesso aos bens materiais, a uma boa educação formal, aos serviços básicos de saúde, a uma moradia digna, ao direito a aspirar à ascensão social, entre outros, põe a pobreza como um estigma permanente para a grande maioria que nasce naquelas condições. A maioria, mesmo em condições socioeconômicas inferiores, discrimina quem é mais pobre, privilegiando os mais favorecidos entre os pobres. Em todos os lugares, por nem sempre estar esteticamente bem apresentado, por não usar roupas “de grife”, por não ostentar este ou aquele adereço, por não se utilizar de uma linguagem mais rebuscada, o indivíduo é enquadrado como pobre e sumariamente discriminado. Ele se autodiscrimina por não conseguir ser aquilo que lhe é exigido a todo momento, tendo que, para compensar, discriminar aquele que esteja na sua mesma condição, ou abaixo, projetando sua *sombra*.

A solução está no estímulo natural ao ter e a busca pelo ser, visando superar sua sórdida condição. Adotar e estimular a pobreza é sadismo, além de opressão social. Oferecer-lhe a religião como consolo, salvação ou refúgio é quase um assassinato ao seu legítimo direito de viver, de ascensão social e de encontro consigo mesmo. Ter bens materiais não é crime nem significa inferioridade moral. É direito legítimo de todo ser humano. Só poderá aprender a desapegar-se quem sabe utilizar; para isso, terá que ter.

Presidiário ou ex-presidiário

Ter sido condenado, ou preso por certo tempo, tendo, ou não, cometido algum delito, estigmatiza a pessoa, gerando, nela, desconfiança, medo e repúdio independentemente de qualquer absolvição legal. O preconceito vem da crença de que o indivíduo nunca seria capaz de mudar, tendo que carregar a pecha de malfeitor por muito tempo. Mesmo que algum delito tenha sido



cometido, por ter passado por uma espécie de “escola do crime”, chamada prisão, é difícil a recuperação do apenado; por isso, em consonância com a sociedade, o ex-presidiário autoestigmatiza-se, considerando-se um pária. Nos casos de injustiça comprovada, a prisão ocorreu por força de processos culposos vividos em encarnações passadas e não resolvidos adequadamente.

Deve ser buscado o trabalho digno que o faça se sentir legítimo cidadão; deve voltar-se, em horas vagas, a uma atividade filantrópica que lhe supra a necessidade de redenção, ao menos no presente, mesmo que paliativa. É importante que o indivíduo, nessa condição, busque entender as razões espirituais que o levaram ao cerceamento de sua liberdade de movimentar-se.

Rejeição ao contato com o sexo oposto

Há pessoas que demonstram certa rejeição e dificuldade em lidar com o sexo oposto, sem que se identifiquem como homossexuais. Demonstram inabilidade e pouco desejo de acasalamento, postergando uma vida marital, ou evitando-a, as mais das vezes, inconscientemente. Preferem realizar atividades mais afeitas à sua identidade sexual, bem como buscar a convivência cotidiana com pessoas do mesmo sexo. Em alguns casos, a dificuldade é tão grande que desenvolvem amores platônicos por figuras do mesmo sexo, sem se permitirem uma relação amorosa concreta. Nesses casos, observa-se um modo de vestir e de proceder típico do sexo oposto. Aproximam-se de figuras do mesmo sexo, principalmente mais velhas, como se quisessem absorver-lhes todos os predicados. Parece que, inconscientemente, sacralizam ou satanizam por demais a atividade sexual.

É claro que a tomada de consciência dessa característica é o início da possibilidade de mudança do viés. A pessoa poderá viver sua vida assim, pois não se trata de nenhuma patologia e, por isso, nada a obriga a mudar. Apenas se trata de uma vida que apresenta características que a limitam em determinadas



experiências. Para alterar esse viés, aconselha-se a vivência de experiências de contato e confronto com o sexo oposto, integrando ao psíquico aquilo que é característico de sua identidade sexual. Quando há indiferenciação sexual, ou bissexualidade, da mesma forma, não há uma patologia, o que permite que o indivíduo possa escolher a vivência de experiências típicas de um dos sexos, inclusive a homossexualidade.

Síndrome de Down

O defeito físico sempre sofreu discriminação nas diversas culturas da humanidade. Em alguns casos, era lícito matar a criança que nascesse com qualquer defeito físico. A aceitação desse estigma tem se modificado ao longo da história. A sociedade tem sido mais acolhedora e menos preconceituosa com a criança portadora da Trissomia do Cromossoma 21, como também é chamada a síndrome. Um reflexo disso é o aumento da expectativa de vida dos portadores, bem como sua maior inserção social. Em tempos remotos, os pais eram aconselhados a entregá-los a instituições públicas que cuidavam de crianças deficientes. Muitos pais sentem-se discriminados quando acompanham seus filhos, pois os olhares recaem sobre eles e sobre o filho que é Down. No íntimo, sabem que o estigma é familiar. O Espírito se sente discriminado em face das características marcantes, físicas e psicológicas, da síndrome.

A terapia deverá centrar-se no avanço cognitivo possível e na consciência das possibilidades de aprendizagem. Para os pais, a quem deve ser estendida, na consciência de que se trata de um Espírito, cuja síndrome traz avanços significativos na consolidação da paciência, da paz interior e no equilíbrio das emoções.

Solidão e orfandade social

Não ter se consorciado numa sociedade que cobra a constituição da própria família é um estigma, pois, além da solidão que se tem de suportar, provoca uma espécie de déficit



afetivo e incapacidade de se comunicar bem com o outro. Quem vive só, contracenando pouco com alguém, ouve apenas os ecos das próprias ideias, perdendo um pouco do próprio senso crítico que deve ter de si mesmo. Ouvir o outro, tomar consciência da presença de alguém que lhe ouve, disputar um espaço em torno de si provocam o Inconsciente para a descoberta de si mesmo. Aguentar essa solidão e esse isolamento social exige certas âncoras psicológicas para o suporte das tentativas de invasão dos conteúdos inconscientes na Consciência. Em geral, o indivíduo desenvolve certa rigidez nas próprias ideias, pois não adquiriu o hábito de confrontá-las com as de outra pessoa com quem conviveria. Uma necessidade de controle e, ao mesmo tempo, uma fragilidade apresentam-se sempre que as situações exigem flexibilidade e compartilhamento de ideias. É muito comum que essas pessoas se apoiem em adotar animais, transferindo seus afetos, em alguns casos, de forma excessiva.

É obvio que a convivência com outra pessoa, mesmo que fora de uma relação marital, seria oportuna, porém nem sempre isso é possível. Talvez a solução seja o terapeuta colocar-se no contraponto das ideias de seu paciente, mediante um acordo formal.

Suicida (ter tentado o suicídio)

É um sério estigma que persegue o indivíduo a vida toda. Quem já passou pela terrível experiência de ter tentado suicídio sente vergonha de revelá-la a alguém. Não se expõe nem gosta de se referir aos motivos que o levaram ao gesto insano. A fragilidade do pensamento, a inconsistência do raciocínio, a perda da integridade do *ego* e a invasão do Inconsciente fizeram com que o desejo de sucumbir fosse abrigado. Muito raramente, quem tentou suicídio admite em público o que houve. A vergonha de ter sido fraco e inconsequente impede a pessoa de se abrir aos outros. É mais comum o arrependimento do que uma segunda tentativa.



Somente com a remoção dos motivos, ou seja, com a solução dos conflitos que conduziram a mente à proposta do colapso da consciência de si, isto é, do *ego*, o estigma pode ser superado. É preciso, de fato, abrir a questão, reavaliar as circunstâncias, rever o raciocínio na época da tentativa e as possíveis soluções não adotadas nos momentos que antecederam ao ato inconsequente.

Ter o mesmo nome dos pais

Herdar o nome do pai ou da mãe traz sempre inconvenientes ao processo de constituição da identidade de uma pessoa. Em princípio, a criança sente-se pertencida e envolvida pelas características atribuídas ao “dono” do nome. Na adolescência, começa a perceber o fardo que carrega, pois, sendo pressionado veladamente a apresentar características atribuídas ao “dono” do nome, deseja sua própria individualidade. Quando o “dono” é famoso, o indivíduo alimenta-se dos adjetivos que lhe são atribuídos, mas chega um tempo, na vida adulta, que se torna imperioso livrar-se daquele personagem que não é ele. Descobre que viveu em um mundo da *persona*, sem que o *ego* tivesse oportunidade de se mostrar como de fato é. Em muitos casos, o indivíduo revolta-se contra o próprio nome, renegando-o, excluindo-se dos ambientes em que seria reconhecido. Passa a querer fazer sua própria história, em alguns casos, por caminhos opostos, que lhe trazem muitos inconvenientes. Em certos casos, adota apelidos ou acrescenta um sobrenome ao nome.

Além de incluir o segundo nome quando tiver de se apresentar, diferenciando-o do nome do “dono”, é preciso marcar sua própria personalidade que o difere da pessoa. A afirmação da própria personalidade e a marcação de experiências a ela relacionadas são fundamentais para a diferenciação. Permanecer com o nome, evitando mudanças legais que possam fortalecer ainda mais o *complexo* de identidade é uma saída. Passar a utilizar apelidos que tendem a desviar o indivíduo de sua real



identidade pode ser uma medida inócua do ponto de vista de quem quer de fato encontrar sua própria identidade. É comum àquele que não gosta da associação do nome ao pai ou à mãe querer mudar a maneira das pessoas tratá-lo, citando seu “novo” nome, como se o problema estivesse com as pessoas. Encontrar a própria identidade faz parte da busca pelo significado da existência, isto é, da realização pessoal.

Usuário de drogas

O usuário de drogas ilícitas se autoestigmatiza. A consciência, sempre presente, de ser considerado um infrator o leva, quando pretende usar droga, a se esconder ou se excluir socialmente, buscando redutos ou guetos para expressar parte de sua natureza. Tendo que gastar energia para esconder algo que lhe dá prazer, mas que afronta a sociedade, consome drogas ansiosamente, num processo de retroalimentação persistente e angustiante. Não sabe que, o problema não são só os males que a própria droga causa, mas principalmente a descoberta do conflito real que o leva a consumi-la. A droga o faz esquecer que há um ou mais conflitos na Consciência ou no Inconsciente que o leva a querer fugir. A droga o tira da consciência do real problema, numa tentativa de aliviar-se da pressão exercida para que resolva seus conflitos íntimos que jazem no Inconsciente, ou que estão na Consciência. A fuga para o Inconsciente, como quem quer permanecer no útero, sempre é a alternativa mais fácil para quem não consegue solucionar seus enigmas. Não sabe o viciado que a evolução do Espírito se dá pelas experiências vivenciadas quando está consciente, pois é o *ego* o senhor do processo a ser vivido.

Precisa descobrir o conflito que o levou, consciente ou inconscientemente, à droga. Mesmo que o entorpecente seja tolerado legalmente, o problema permanecerá exigindo solução. Assim é com o consumidor de álcool, que entorpece os sentidos, aliviando-se do estresse ou pensando estar resolvendo seus



problemas. É preciso enfrentar-se a si mesmo, sem o que não há saída para a saúde mental.

Viuvez

O estigma da viuvez provoca o sentimento de perda e de solidão, que altera o psiquismo da pessoa. Viver com o “fantasma” da pessoa que morreu, como um eterno presente, consome *energia psíquica*, mesmo que, a qualquer tempo, inicie-se outro relacionamento amoroso. As pessoas, querendo ou não, enxergam o(a) viúvo(a) como se ele(a) andasse com seu antigo cônjuge, tendo constantemente de lidar com a dor da perda, lamentando-a ou querendo esquecê-la. Antigamente, mas ainda atualmente em algumas culturas, a viúva devia se guardar, não tendo o direito a outro relacionamento. O viúvo tinha todos os “direitos” de constituir nova família, mas a viúva, não. Essa ideia ainda jaz no Inconsciente das pessoas.

O(a) viúvo(a) tem de conscientizar-se da real separação amorosa, considerando que deve continuar com a própria vida, tendo direito a seguir seu destino; e quem retornou à dimensão espiritual também o tem. Pode-se considerar que houve uma interrupção provisória da relação sem a separação marital definitiva, ficando-se no aguardo, durante a viuvez até a morte, de um reencontro no Mundo Espiritual; algo possível, mas não com certeza. Essa opção é arriscada, pois o “morto” pode, após a morte, querer de fato o término do casamento. Melhor considerar que houve o término do casamento, dando continuidade a seu novo destino sem aquela pessoa, liberando-se para refazer sua vida. Isso em qualquer idade. Deve-se considerar que, após a morte, cessam os compromissos formais adquiridos no corpo físico.

Esses são alguns tipos de estigma sem querer esgotar o imenso universo de possibilidades, a depender da mente de cada um. Os exemplos citados podem ser sentidos de distintas maneiras por cada pessoa, dependendo da maturidade e do re-



pertório de experiências vividas na atual e em outras encarnações. Minhas observações são meros apontamentos, cabendo outras interpretações, bem como outras formas de cada um lidar com suas configurações. A maioria dos estigmas não é definitiva. Podem ser resolvidos na atual encarnação, ou cessar de uma para outra. A mente é a grande usina que os gera, cabendo ao *ego*, a qualquer tempo, modificar as configurações em que se envolve.

PARTE III

Visão junguiana dos estigmas

*Ninguém escapa do preconceito da condição humana.*¹

A condição humana tem sido um fator ao qual se atribui erro, instinto, atraso, em face da exigência divinizante existente. A exigência da perfeição é uma foice sobre a cabeça do humano. O deus “Wotan”², da mesma forma que “Jeová”, assim instituiu. Séculos de medo e tortura sobre a consciência humana, principalmente a partir da Idade Média, não foram eliminados. Ainda pesa sobre o pobre ser humano a obrigação de ser perfeito e sublime, divino e transcendente, tudo ao mesmo tempo. Nem o Cristianismo, que se propunha a libertar consciências, conseguiu a leveza necessária para aplacar a “ira divina”, claro, instituída pelo próprio ser humano. De fato, nesse sentido, ser um humano torna-se um estigma. Todo mundo exige, independentemente da ideia que se tenha de Deus, que todos sejam melhores e mais bondosos do que simplesmente humanos. Muitos estigmas decorrem dessa terrível situação. A Função Transcendente leva conteúdos do Inconsciente à Consciência geran-

¹ JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par. 129, p. 75.

² Um dos deuses da Mitologia Nórdica, também conhecido como *Odin*, o maior de todos. Wotan, entre outras características, é tido como deus da sabedoria, da guerra e da morte. Guarda semelhança com *Zeus*, da Mitologia Grega, tido como deus todo poderoso.



do símbolos. Nesse sentido, isto é, como um símbolo, todo estigma pode ser considerado oriundo dessa função atualizadora da vida, a serviço do processo de individuação e desenvolvimento da personalidade.

Modificar significativamente a vida humana, perceber que o ser humano nasce inconsciente de tudo que constitui a realidade à sua volta, o Universo e o que se convencionou chamar de leis de Deus, além de entender que se lida com ideias sobre Deus e não com o possível significado atribuído à palavra. Tudo seria mais leve, pois não haveria um “julgador externo” sobre a consciência humana, atribuído por ela mesma. Vale salientar que “julgador externo” funciona como um poderoso e útil mecanismo psíquico de contenção ao *ego* e de direcionamento adequado da *energia psíquica*. Conseguir não se submeter a esse “julgador externo” requer um *ego* maduro para suportar sua ausência, substituindo-o por algo dotado de tamanha quantidade de energia quanto a agregada à ideia de Deus.

Jung estabeleceu que os *complexos* são a via régia de acesso ao inconsciente, em oposição a Sigmund Freud, que atribuía essa condição aos sonhos. Ele disse “*A via régia que nos leva ao inconsciente, entretanto, não são os sonhos, como ele (Freud) pensava, mas os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas.*”²⁷. Não é simples a descoberta, ou melhor, a identificação de um *complexo*. Para isso, é preciso que ele esteja muito evidente, isto é, constelado na Consciência. Tanto o *complexo* quanto o sonho carecem de melhor compreensão e interpretação em face da simbologia de que se revestem. São vias indiretas de acesso ao Inconsciente, portanto, ao fato gerador do processo a ser conhecido. Particularmente, considero que existem outros meios de acesso ao Inconsciente. Um deles é o estigma, pois se apresenta de forma imediata, como uma pista direta ao que o constituiu. As correlações que podem ser

³ JUNG, C. G. *A dinâmica do inconsciente*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. par. 210, p. 104.



feitas com cada tipo de estigma são muito mais admissíveis pela consciência do que as interpretações, mesmo que oportunas, feitas pelo *ego*. O estigma apresenta uma espécie de síntese do problema ou questão a ser desvendada pelo indivíduo. É a representação mais adequada e perfeita para que o próprio indivíduo entenda a si mesmo, exigindo-lhe um mínimo de esforço de interpretação. O estigma é uma parte do Inconsciente que se mostra na Consciência para que o *ego* atue, de forma mais objetiva, no processo de desenvolvimento da personalidade.

Não considero que todos os estigmas sejam resultantes de *complexos*, pois há configurações, a exemplo do filho único, que não resultam de mecanismos de defesa, de repressões, de rejeições ou de símbolos criados pelo Inconsciente⁴. O que o estigma promove na vida da pessoa, ao contrário, pode gerar *complexos*. A não ser que consideremos os *complexos* do Inconsciente como superestruturas que alteram configurações exteriores na vida de uma pessoa e que lhes daria um caráter extremamente absoluto. É preferível pensar que os estigmas tanto podem gerar *complexos* quanto ser causados por eles. De qualquer maneira, a existência de um ou mais estigmas não só atrai a formação como também a interligação de *complexos* do Inconsciente. Da mesma forma, certos *complexos* podem atingir de tal forma a Consciência que acabam por gerar estigmas. Seria mais adequado considerar que os estigmas incluem os *complexos*, considerando a perspectiva reencarnatória.

Há estigmas que resultam de *complexos*, porém não são todos. Creio também que a origem dos *complexos* não está necessariamente na repressão e na utilização inconsciente de mecanismos de defesa, pois sua formação ocorre por associação de conteúdos emocionais, natural e automaticamente, no

⁴ Buscando uma definição científica de *complexo*, Jung escreveu: “É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência.”. JUNG, C. G. *A dinâmica do inconsciente*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. par. 201, p. 99.



Inconsciente, por força das semelhanças vibratórias ou frequenciais. Emoções diversas, geradas pelas várias experiências, nas sucessivas encarnações, por semelhança, associam-se no Inconsciente, gerando *complexos* funcionais. O Inconsciente ainda é algo desconhecido; portanto, cabem-lhe muitas teorias, inclusive a que oferece a respeito dos estigmas. Assim, estigmas são marcas ou configurações, carregados de energia emocional, oriundos ou não de *complexos*, geradores, ou não, deles.

Por se materializarem, geralmente na parte física da Consciência, os estigmas compõem a autoimagem factível, ou possível, do indivíduo, requerendo adequações e reflexões sobre o mito pessoal e sobre a condução do próprio destino. São importantes sinalizadores e marcadores das transformações a serem conduzidas pelo *Self*, real condicionador da formação dos estigmas. Quando não consciente, o estigma apresenta-se também na forma de algum símbolo ou viés para que o *ego* adote uma condição ativa de compreensão, de tal maneira que seja percebido e se torne objeto da atenção consciente.

O *Self*, arquétipo direcionador do *Processo de Individuação*, propositor da formação do estigma, mediará a relação do *ego* com as consequências geradas na vida do indivíduo. Sejam consequências de adaptação social ou consigo mesmo, novos sinais serão gerados para que o indivíduo se harmonize interiormente.

Não faltarão avisos exteriores, ou por intuições e sonhos, bem como compensações aleatórias para se reequilibrar a dinâmica psíquica, agora artificialmente estabilizada pelo estigma. Trata-se de um sistema energético, em que um ou mais elementos que o formam, foi corrompido, necessitando de reparos.

A energia psíquica, normalmente, flui na direção do Inconsciente para a Consciência, materializando-se em experiências geradoras de aprendizado e crescimento pessoal. Esse fluxo, que visa o desenvolvimento da personalidade, foi desviado ou paralisado por um ou mais estigmas, com ou sem a contribuição de *complexos*.



O estigma é uma espécie de redesenho do ideal do *ego*, cuja função é reestabelecer o desequilíbrio psíquico promovido por algum fator contrário ao *Processo de Individuação*. O propósito é a autopercepção de si mesmo para que o indivíduo realize o encontro com sua íntima natureza, isto é, com o *Si-mesmo*.

Os estigmas não são isentos da influência dos arquétipos, pois são modelados pelas características daqueles que devem ser atualizados. São os arquétipos os modeladores das contingências que envolvem a formação dos estigmas, dando-lhes um caráter específico de acordo com sua natureza. O caráter particular, adequado a cada indivíduo, é dado pela influência dos *complexos* de cada um. No homem, quando o estigma se relaciona com sua *ânima*, tende a ter conflitos de natureza sexual. Na mulher, quando o estigma se relaciona com seu *ânimus*, tende a ter conflitos de ordem profissional ou relativos a limites.

É evidente, pela natureza da maioria dos estigmas, que eles vão refletir parte da *sombra* do indivíduo. A *sombra* contém aquilo que é negado ou negativo na pessoa, representando, também, tudo o que lhe é inconsciente. Em face dessa condição, sendo o estigma porventura inconsciente, quando tornado consciente, carrega consigo ideias e pensamentos aversivos e inerentes ao indivíduo.

A *persona*, formada com a influência direta dos estigmas, deve ser considerada como contaminada por tudo que deles decorre. Quanto mais consciente do estigma, mais a *persona* se deforma para lidar com um mundo sombrio e decorrente das consequências por ele geradas na personalidade. Todas as experiências vividas até sua consciência foram enviesadas pela influência, direta ou indireta, do estigma, merecendo *ressignificação*. Tal providência requer um longo período e reflexão, silêncio e planejamento para que o passado seja revisto, repensado e reavaliado, considerando a sutil influência do estigma. O mundo do estigmatizado é moldado visando livrar-se do incômodo causado pelo estigma, tornando-o centro da dinâmica psíquica, quase formando uma perso-



nalidade *supraordenada*. A *persona* contém grande parte da energia gerada para conservar o equilíbrio da relação entre o *ego* ideal e o real, visando uma melhor adaptação ao mundo.

O processo de desenvolvimento e amadurecimento da personalidade passa pela consciência das consequências geradas pela permanência e influência do estigma no modo de ser e no comportamento do indivíduo e também pela compreensão do porquê e para quê de sua instalação. Seu portador deve entender que se trata de um importante sinal, cuja utilidade deve aproveitar na busca de sua realização pessoal.

O estigma é, antes de tudo, uma marca psíquica, como se fosse uma seta de mão dupla apontando para o passado e para o futuro. Sem sua decifração, a alma fica paralisada, consumindo a *energia psíquica* necessária para a *Individuação*.

Analisar terapeuticamente uma pessoa requer identificação dos estigmas existentes, como símbolos de uma vida que se carrega, de uma história que se escreve e de um destino que se pode modificar. Não estar atento a eles é o mesmo que olhar para um céu estrelado e não enxergar ou se incomodar com as estrelas.

Visão espírita dos estigmas

A morte do corpo não cessa a continuidade da personalidade. O Espírito prossegue seus processos e continua com seus desejos de realização. Algumas de suas diversas marcas, estigmas ou não, desaparecem ao dar cumprimento à sua função enquanto o Espírito está no corpo físico, ou permanecem até que seus significados sejam alcançados. O Além é uma continuidade para o *ego* da mesma forma que a encarnação o é para o ser espiritual.

É importante considerar a existência de estigmas que atravessam várias encarnações, até que o Espírito tenha apreendido seu significado. Muitos, deixam suas marcas físicas como um testemunho à relevância de seus significados. São poderosos gravames no perispírito que alcançam a modelagem do corpo físico no momento das divisões celulares que estruturam sua formação. Estão a serviço do aprimoramento e do desenvolvimento da personalidade. Excelente trabalho escreveu, em 1997, Ian Stevenson sobre as marcas de nascença em seu livro *Where Reincarnation and Biology Intersect*.

Há estigmas que se formam e cuja causa decorre de experiências vividas no período de intermissão (tempo entre uma encarnação e outra). São frutos da vida que não cessa nunca, pois não é possível ao Espírito o não existir. Sua existência real não é uma escolha, sendo, portanto, viver a vida uma condição *supra-arquetípica*. Assim como estigmas desaparecem, novos



e diferentes se formam a todo tempo, em face das experiências vividas pelo Espírito.

A maioria dos espíritas considera o estigma algo resultante de atitudes inadequadas em outras encarnações ou de configurações que visam o aprendizado do espírito. São considerados como resultantes de provas ou, na maioria dos casos, experiências. Analisam em cima de uma ideia fortemente considerada – “lei de causa e efeito”. A lógica cartesiana da causalidade absoluta absorve toda possibilidade de se pensar diferente. Não são consideradas as contingências *supra-arquetípicas* nem a possibilidade de se tratar de uma primeira condição imposta aos Espíritos para que se consolide um referencial dimensional.

Evoca-se a existência da tal “lei” por conta de raciocínios constantes em *O Livro dos Espíritos*. O primeiro, assinalado nos Prolegômenos: “A razão diz que um efeito inteligente deve ter como causa uma força inteligente”; e o segundo, na resposta à questão número 4: “*Em um axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa.*”²⁹

Ora, em nenhuma das duas citações está claro que se trata de uma lei. São argumentos lógicos, porém não deveriam ser considerados suficientes para se estabelecer uma regra absoluta. São considerações sobre uma ideia que não trata da causalidade em si, mas a respeito da existência de Deus. Se, à época em que Allan Kardec escreveu o livro (1857), os princípios, matematicamente demonstrados, da Moderna Física Quântica, que postulam a substituição das ideias causalistas pelas probabilísticas a respeito dos eventos do Universo fossem conhecidos, ele não utilizaria o mesmo raciocínio.

A ideia da causalidade é um condicionamento psíquico, uma espécie de crença coletiva que promove a formação de uma realidade aparente, mas forte o suficiente para atingir e gravar o destino da pessoa. Esse condicionamento se apoia em

¹ KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Salvador: Harmonia, 2007. p. 51 e 57.



evidências nos movimentos observáveis dos objetos, que não devem ser considerados como absolutos. As três leis de Newton (Inércia, Dinâmica e Ação e Reação), referentes ao movimento dos corpos, não se aplicam ao mundo subatômico, portanto, não são válidas para todo o Universo. Há experiências em laboratório que divergem das observações normalmente feitas a respeito da causalidade. Só uma diferenciação do coletivo pode levar o indivíduo a desgarrar-se dessa crença aprisionante. Ela forja a percepção falsa de que há uma dimensão em que a causalidade no Universo funciona de forma absoluta. O estigma, muitas vezes, resulta desse mecanismo autocondicionador. Em certos casos, o processo pode ser corrigido de forma instantânea, como, por exemplo, quando uma pessoa que sente intensa dor, acreditando que a merece, como resultante de um mal que executara, à medida que dissolve conscientemente a culpa, suporta de forma simples e tranqüila seu sofrimento, modulando sua intensidade.

Estigmas são marcadores úteis ao Espírito, na medida em que são compreendidos como elementos constituintes de sua personalidade e balizadores de seu destino. Não são irremediavelmente instalados por um mecanismo absoluto de punição ou em consequência direta de um mal feito.

É uma forte e intensa marca feita pelo próprio Espírito em face do valor atribuído à experiência. Nem sempre é uma escolha consciente do *ego*, pois há mecanismos automáticos de fixação de uma marca perispiritual. A existência de tais mecanismos não se refere a uma lei de causalidade, mas a possibilidade de uma interferência arquetípica do próprio *Self*, visando a evolução do Espírito. A causalidade é um mecanismo psíquico de marcação, isto é, um provável condicionante do futuro relativo aos fatores que determinam a evolução de um Espírito.

O estigma é a marca não pontual, simbólica, como uma demarcação de uma inflexão que a *Vida* exige do Espírito. É um sinal característico de um acontecimento significativo nem sempre a gosto e presente na Consciência de seu portador. Necessaria-



mente, não é uma marca pontual, física, ou exclusivamente externa, mas um conjunto de fenômenos que denunciam uma predisposição a um possível prognóstico. Essa predisposição, geralmente, é inconsciente e forjada por uma necessidade evolutiva.

O estigma, quando tem um componente espiritual mediúnic, pode, a qualquer tempo, desaparecer, independentemente da ação direta de seu portador, graças a intervenções de outros agentes envolvidos, de fatores psicológicos do Inconsciente, bem como de certas condições *supra-arquetípicas*; portanto, temos, agindo sobre o estigma, ações de terceiros, ações decorrentes de automatismos psicológicos e decorrentes de intervenções divinas.

A reencarnação traz consigo o passado do Espírito como condicionante de seu presente e de seu futuro, porém, a qualquer tempo, os fatores cármicos podem deixar de exercer influência, eliminando-se completamente e não só, necessariamente, por uma mudança consciente de atitude, mas por desígnios ainda inalcançáveis ao ser humano.

Os estigmas “se tornam”. Vão tomando forma de acordo com a identidade do Espírito, pois este se posiciona como “alguém” no acúmulo das *personas* construídas em sua jornada. A consolidação de uma identidade, atingida pelo encontro com a Designação Pessoal e pela consciência de si mesmo, promove a conscientização de qualquer estigma ou mesmo sua dissolução.

Estigma é uma configuração que insere o Espírito num contexto particular no qual a vida acontece, oferecendo-lhe pistas para o conhecimento de si mesmo e para um melhor desempenho a cada encarnação. O estigma é uma diferença significativa; portanto, pessoal, que contribui para o encontro consigo mesmo.

Gravação perispiritual

Filtro das frequências geradas no perispírito e condicionador da materialização do que aparece no corpo físico, o gene é a usina modeladora do fluido vital. Além de ser a unidade cromossômica, é uma estrutura que tem a capacidade de receber ou captar determinada frequência e emitir uma resposta ao organismo físico, condicionando-o a emissões de substâncias químicas. Sua influência é exercida diretamente sobre as células e sobre o Sistema Nervoso Central. É o elemento que condiciona, diretamente, o funcionamento das células e de determinadas funções orgânicas. Sua função é transmitir características hereditárias, ou não, determinantes para a modelagem do corpo físico. Tais características originam-se de outra estrutura chamada perispírito, em que se situam as informações psíquicas conscientes e inconscientes. O gene, muito embora seja uma estrutura material, emite e recebe uma frequência vibratória que, quando sintonizada com o perispírito, direciona a frequência captada para uma área específica do organismo.

É o perispírito o grande armazenador e processador das experiências do Espírito ao longo de sua trajetória, desde que iniciou seu processo de individualização até alcançar o estágio humano. Desde sua criação, o Princípio Espiritual, automaticamente, forja uma estrutura auxiliar de contato com a matéria que se forma graças às propriedades *a priori* do Espírito. O perispírito



é essa estrutura auxiliar que, ao longo da evolução, vai constituindo e desenvolvendo funções necessárias à conexão Espírito-corpo físico, utilizando-se dos fluidos inerentes à vibração de cada dimensão em que se constitui.

A constituição do perispírito, que provém do Fluido Cósmico Universal (FCU), é material (energia num estado vibracional diferenciado, variando do denso ao sutil) e, ao mesmo tempo, suscetível à influência da natureza do Espírito. Tem propriedades ainda desconhecidas e pouco estudadas, que tornam a realidade perceptível pela consciência factível de:

- tornar-se denso, materializado, servindo de representação do mundo psíquico do Espírito;
- apresentar-se nas diferentes modalidades de Energia (Elétrica, Mecânica, Térmica, Nuclear ou Atômica, Radiante, Gravitacional, Elástica, Cinética etc.);
- possibilitar a manifestação da vida (Fluido Vital) junto com a matéria, que abriga o Princípio Inteligente;
- permitir-se à manipulação pelas faculdades do Espírito.

Essas propriedades, ou funções, facultam as diferentes manifestações no Universo, que podem ser apercebidas de forma particular pelos implementos do corpo físico. Certamente, o que vemos e sentimos pelo corpo físico é apenas uma configuração entre infinitas possibilidades de manifestação inerentes ao binômio Matéria x Espírito. Os órgãos de percepção, tanto do perispírito quanto do corpo físico, delineiam o que o Espírito entende como realidade.

À medida que o Espírito evolui, em face das experiências que absorve, grava, no perispírito, novos aprendizados, além de novas capacidades que são embriões de novas funções. Certa-



mente, cada função que se incorpore ao perispírito fará surgir um novo sentido que permitirá novos prodígios ao ser humano e possibilitará a percepção de uma nova realidade. O Universo não mais será visto de forma exclusivamente tridimensional nem se limitará aos restritos sentidos do corpo físico.

As experiências gravadas no perispírito constituem-se de pensamentos, ideias e emoções, suscitando vontades e desejos futuros que promoverão resultantes nos corpos que o Espírito envergará nas novas encarnações. Tudo que é gravado no perispírito se refletirá no corpo físico de forma a que chegue à consciência do eu – essa é a razão do aparecimento de alguns estigmas físicos.

A resposta do que foi gravado no perispírito pode estar representada por configurações, isto é, por situações em que se vive; portanto, nem sempre por marcas físicas. Os diversos estigmas, anteriormente citados, resultam do que é gravado no perispírito, para que a consciência do eu possa promover outras experiências de aprendizado.

É sempre importante entender que esse processo de absorção pelo perispírito é cumulativo, isto é, os conteúdos de cada encarnação e o que é vivido no período entre uma encarnação e outra são gravados. Aquilo que foi vivido como *personas* das anteriores encarnações influencia também na formação dos estigmas. As influências das *personas* reencarnatórias na definição do estigma decorrem da necessidade da autopercepção do eu no encontro com o *Si-mesmo*. É um processo alquímico de longo curso, no encontro do Espírito com o Divino que o criou.

O ser humano não nasce tábula rasa nem sua capacidade de compreensão e seu caráter advêm exclusivamente da união dos gametas maternos e paternos, tampouco do meio em que é educado. Seu psiquismo contém matrizes, alicerçadas nas várias reencarnações, que determinam sua personalidade no meio em que é criado, além de receber, em pouca intensidade, contri-



buições dos genes maternos e paternos. Sua individualidade essencial, suas *personas* reencarnatórias, as contribuições genéticas e o meio em que é criado compõem os vetores que forjarão sua apresentação no mundo, mas, mesmo assim, está submetido às contingências *supra-arquetípicas*. Esses vetores vão gravando numa contraparte material que o acompanha a cada encarnação e que também recebe o resultante de cada experiência vivida. No Espiritismo, essa contraparte chama-se perispírito; em Psicologia, chamamos de mente, aparelho psíquico, psiquismo ou simplesmente *psiquê*. Sem a compreensão dessa contra-parte não é possível entender o funcionamento dos processos psíquicos. Colocá-los tão-somente na dimensão cerebral é subestimar, sobremaneira, a inteligência humana, reduzindo-a a um punhado de sinapses físico-químicas, cuja mutilação nem sempre causa dano. Ademais, a ciência sempre encontrará, no cérebro, sinais resultantes dos processos psíquicos oriundos do perispírito.

É esse psiquismo que contém a maioria das causas das doenças e dos estigmas humanos, pois nele está gravada toda a história pregressa do Espírito imortal.

A terapia

A Psicologia surgiu, como ciência, na tentativa de conhecer as razões das motivações humanas, descobrir e explicar as funções mentais e encontrar um elo entre o corpo físico e o comportamento volitivo. A passagem para uma ciência aplicada, com uma proposta terapêutica baseada na catarse, veio com a Psicanálise. Foi no terreno fértil, promovido pela Psicologia do Inconsciente, que a terapia se desenvolveu. A direção da Consciência em querer conhecer-se, obedece a um propósito *supra-arquetípico* para o *ego* assenhorar-se da realidade à sua volta, a caminho de sua autodeterminação.

No propósito *supra-arquetípico*, o eu ou *ego* caminhou, desde a própria ignorância, pelo Racionalismo (aprendizado do raciocínio lógico-cartesiano), pelo Iluminismo (consciência dos próprios potenciais e do domínio do Universo para o bem coletivo) alcançando a percepção de que a Consciência é produto do Inconsciente e o *ego* é o protagonista de tudo, a serviço do Espírito.

É exatamente a ideia de que há algo além da Consciência que, atualmente, mais norteia a Psicologia Clínica em sua proposta psicoterápica. A maioria das Escolas da Psicologia vem considerando que a base da psicoterapia é a existência do Inconsciente, bem como a relação dinâmica com a Consciência. É importante salientar que a possibilidade de se conter o avanço das influências do estigma sobre o Inconsciente é nula, pois ele



próprio inicia-se em camadas profundas da alma (do Espírito) e ali vai se instalando como um hóspede em seu hospedeiro.

O olhar da psicoterapia deve partir do Inconsciente para a Consciência. Enxergar o indivíduo, primeiramente, pelo que é conhecido pela Consciência é como partir da foz para a nascente, na tentativa de descobrir de onde vem a água.

Como dizia Jung,

[...] não significa que a fonte gera, isto é, que a água nasce exatamente no lugar onde se vê a fonte do rio; ela provém da profundidade da montanha, passando por caminhos secretos, até chegar à luz do dia. Quando digo 'Aqui está a fonte' quero significar apenas o lugar onde a água se torna visível.¹

A visão do terapeuta, necessariamente, deve ser do Inconsciente para a Consciência, em face do poder impulsionador e incomodativo do próprio Inconsciente. O terapeuta deve situar-se no Inconsciente de seu paciente para melhor entender as motivações encobertas pela Consciência, a influência dos arquétipos, o domínio dos *complexos autônomos*, bem como a atuação do *Self*, no intuito de acompanhar o *ego* em seu desenvolvimento. Esse posicionamento deve levá-lo também a uma maior aproximação da percepção do ponto de vista do Espírito, isto é, enxergando-se o ser humano, em terapia, como a individualidade imortal.

Tudo isso nos leva a atentar sobre o psiquismo humano como algo ainda embrionário, em processo de constante aperfeiçoamento de seus dinamismos, bem como se apresentando como algo ainda incipiente, novo e constituído de probabilidades. O *ego* é como uma criança que engatinha, necessitando de acompanhamento para se sentir segura e protegida. Certamente, com a evolução constante do Espírito, novas estruturas surgirão alterando o dinamismo psíquico.

¹ JUNG, C. G. *A vida simbólica*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par 1586, p. 284.



A terapia é uma proposta de revisão da percepção de si mesmo e do mundo, a fim de se estabelecer uma relação Inconsciente-Consciência de forma equilibrada para o *ego*. Esse equilíbrio garante a integridade psicológica do indivíduo. Para o *ego*, senhor da consciência e representação mais real do Espírito, tudo que lhe afeta é novo, misterioso e, inicialmente, ameaçador. A terapia, com a entrada de outro *ego*, o do terapeuta, com sua compreensão dos processos e da dinâmica psíquica, visa tornar-se um guia seguro para que se possa lidar com os conteúdos do Inconsciente. A confiança que o terapeuta tem na sua capacidade de promover isso é fundamental para uma boa relação transferencial, que se torna possível quando o terapeuta faz seu próprio caminho, submetendo-se ao mergulho em si mesmo, numa psicoterapia profunda.

Muito comum que o indivíduo, por medo, insegurança e por autoproteção, esquive-se de fazer esse mergulho. Teme expor-se, sucumbindo ao outro, isto é, ao coletivo, demonstrando fragilidade e incompetência para dirigir sua própria vida. Quando há um estigma que exponha sua fragilidade, tentará encobri-lo de forma a se proteger do mundo, que o julgará incapaz. A terapia, em determinados casos, deve tentar devolver-lhe a identidade perdida, desde quando incorporou seu estigma à sua natureza, num processo de coletivização redutível. Noutros casos, quando o indivíduo manipula ou encobre seu estigma, a terapia deve retirá-lo do desejo de viver uma personalidade idealizada e infantil.

O portador do estigma, antes de querer a todo custo superá-lo ou eliminá-lo, deve entender sua existência e com que propósito apareceu, o hiato que representa, o significado que sintetiza e a *sombra* que se tornou exposta. A imediata superação, com propostas mágicas de autoajuda, muitas vezes, superficializa ou minimiza o autoconhecimento. No estigma, a terapia encontra um grande manancial de trabalho, por onde se penetra no Inconsciente e se entrevê sua riqueza.



O questionamento sobre o estigma, a fim de se situar no Inconsciente do seu portador, deverá conter: A serviço de que o estigma existe? O que pretende levar à consciência de seu portador? Que princípio intrínseco ele contém? O que ele indica que está em falta? Que excesso apresenta? Que configuração ele sinaliza? Quais as consequências manifestas? Tem o portador a necessidade de aprender algo com sua manifestação? Além disso, é preciso que o terapeuta avalie sua própria relação com aquele estigma, para não particularizar a questão, trazendo-a inconscientemente para si.

Identificar um estigma, a fim de se colocar no Inconsciente de seu portador, é percebê-lo como um ponto de síntese de sua personalidade. Compartilhar com seu paciente essa identificação promove uma *participação mística* com ele. Ele se sentirá compreendido e inserido no universo do terapeuta. Falar de forma tranquila e natural sobre o estigma do paciente contribui para a consolidação da Transferência, elemento sempre presente nos processos terapêuticos.

No entender de Jung,

A transferência é usualmente um processo que se dá entre duas pessoas e não entre o sujeito humano e um objeto físico, embora haja exceções, onde seus mecanismos mais gerais podem estender-se a objetos físicos. A projeção – onde quer que os conteúdos subjetivos sejam transportados para o objeto, surgindo como se a ele pertencessem – nunca é um ato voluntário. E a transferência como um tipo de projeção não pode fugir a essa regra. Ninguém pode fazer projeções intencionais e conscientes, pois aí a pessoa saberia que estava projetando os seus conteúdos subjetivos, e por conseguinte não poderia localizá-los no objeto, pois saberia que eles são próprios da pessoa e não do objeto. Na projeção o fato aparente ao qual você está confrontado no objeto na realidade é uma ilusão; mas presumimos que aquilo que observamos no objeto não é subjetivo, mas inerente ao objeto. Eis por que essa ilusão é abolida quando se descobre que os fatos aparentemente objetivos são realmente



conteúdos subjetivos. A partir de então tais elementos tornam-se associados com a própria psicologia do indivíduo, não se podendo mais atribuí-los ao objeto.²

Considerando que a Transferência também ocorre entre uma pessoa e um objeto, o estigma ocuparia esse lugar recebendo a carga da projeção de conteúdos inconscientes. Tais conteúdos não se referem apenas ao que diretamente diz respeito ao estigma, mas também a outros que com ele guardam semelhança emocional também oriundos de experiências ocorridas em vidas passadas.

A identificação do estigma para o paciente promove o disparo de um mecanismo psíquico de alerta que poderá remetê-lo ao fato gerador do passado, seja oriundo de um trauma da atual, seja de outra encarnação. Sempre que o paciente dele toma consciência, seu psiquismo o alerta para essa relação na forma de um pensamento desviante. Uma tentativa de fuga do pensamento a respeito do assunto surgirá. O contato consciente com o evento gerador não é por si só suficiente para a eliminação do estigma; algumas vezes pode até intensificá-lo.

A identificação do estigma possibilita um enquadre terapêutico provisório, como ponto de partida, na prospecção da personalidade que se sobressai. A tomada de consciência de um estigma associa, inconscientemente, o *ego* ao fator gerador de sua existência. A possibilidade de se alcançar o fator gerador é um dos grandes desafios da terapia, o que se torna possível em face das conexões psíquicas entre eventos, vividos ou não, de igual qualidade emocional. O estigma é a representação de um grande fluxo energético emocional concentrado no Inconsciente.

Outra forma de se identificar um estigma é com a *Imaginação Ativa*. Para Jung, trata-se de “*uma sequência de fanta-*

² JUNG, C. G. *A vida simbólica*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. par 314, p. 145.



sias que é gerada pela concentração intencional.”³. Seu uso permite o sequenciamento de imagens espontâneas segundo uma lógica própria, desde que não haja interferência da Consciência. Começa-se pela concentração num ponto de partida, a partir de uma imagem conhecida, identificada como elemento disparador do acesso ao inconsciente. Utilizando-se da imagem do estigma, ou de algo que diretamente lhe diz respeito, parte-se para o sequenciamento natural de novas imagens, que trarão aspectos complementares à compreensão do significado porventura oculto. Sobre a técnica da *Imaginação Ativa* e seus inconvenientes, Jung afirma:

Essas ‘visões’ não são de modo algum alucinações ou estados extáticos, mas sim de fantasias visuais espontâneas, ou aquilo que chamamos de *imaginação ativa*. Este último é um método de introspecção indicado por mim e que consiste na observação do fluxo das imagens interiores: concentra-se a atenção em uma imagem onírica que causa impacto, mas é ininteligível, ou em uma impressão visual, observando-se as mudanças que ocorrem na imagem. Evidentemente, devemos suspender todo senso crítico e o que ocorre deve ser observado e anotado com absoluta objetividade. É óbvio também que as objeções como: isso é ‘arbitrário ou inventado por mim mesmo’, devem ser postas de lado, pois surgem da ansiedade da consciência do eu, que não tolera nenhum senhor a seu lado na própria casa; em outras palavras, é a inibição exercida pela consciência sobre o inconsciente.⁴

Em terapia, é necessário e muito útil identificar as culpas do paciente que, muitas vezes, não reconhece sua existência. Muitas culpas formam-se pela necessidade de se encontrar um equilíbrio entre o moral e o ético – culpas oriundas das proibições arcaicas, mesmo de outras encarnações, alicerçadas no Inconsciente Pessoal, ainda reverberam na

³ JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. par. 101, p. 59.

⁴ Idem, idem. par. 319, p. 189.



mente atual. Costumes que hoje são admitidos e que antigamente eram moralmente condenáveis, quando revividos, podem lembrar antigas culpas ou castigos porventura recebidos. Elas ainda ecoam, da mente inconsciente, na Consciência, de tal maneira que, quando não promovem estigmas, são geradoras de *complexos*.

Em passado não muito remoto, principalmente na época medieval, todo julgamento sobre o mal era atribuído a “ira divina” ou ao seu rival, o “demônio”, que puniam os seres humanos pelos desvios de conduta. Isso ainda perdura na mente de muita gente, que não consegue se livrar da culpa decorrente desse pensamento. Quando se consegue extirpar esses julgadores externos, assumindo as responsabilidades pelo que faz ou deixa de fazer, as culpas transformam-se em necessidade de reparar ou resolver o que se fez a partir de uma *ressignificação*. Quando isso ocorre, modifica-se a ideia de culpa para a consciência da responsabilidade pessoal.

Toda sociedade passa por fases nas quais o pensamento dominante se altera. Longas ou curtas, elas marcam as pessoas, modificando comportamentos de gerações inteiras. Aquelas culpas medievais provocaram medos e perseguições religiosas; marcaram as gerações futuras de tal forma que, até hoje, o imaginário popular lida com “demônios”, bruxas, duendes, além de porções mágicas para afastá-los, sem falar nas perseguições e brigas religiosas contemporâneas. A interligação comercial e cibernética que ocorre atualmente no mundo, por um lado, contribui para dissolver as culpas, uma vez que convida o ser humano ao novo, mas, por outro, o aliena cada vez mais de si mesmo. A terapia, ao contrário, o devolve ao seu mundo interior, para que não fuja de si mesmo, independentemente das atuais modernidades tecnológicas.

A identificação e afirmação, pelo terapeuta, do estigma, quando desconhecido pelo paciente, provoca reflexões sobre os *complexos* a ele relacionados; elicia suas passagens do In-



consciente para a Consciência; provoca a necessidade de mudanças e a curiosidade em se autoperceber melhor. O olhar do outro, com a permissão do paciente, será bem vindo. A afirmação categórica, com precisão, isto é, que vai ao ponto central da existência do estigma, representativo de um conjunto de vetores formadores da personalidade, promoverá o sentimento de ter sido tocado, compreendido, percebido e identificado. A instalação da Transferência será quase imediata. *A participação mística* estabelecer-se-á pela leitura feita.

Mesmo que não se consiga compreender como o *ego* de uma criança poderia lidar com a invasão das consequências de um estigma, sempre haverá uma possibilidade de terapia, principalmente não convencional, baseada na perspectiva espiritual. Mesmo que não totalmente estruturado, o *ego* perceberá o estigma sem que registre, conscientemente, suas reações a ele, que atingirão o Inconsciente, promovendo alterações imediatas com consequências futuras. A criança é um Espírito, cujos implementos psíquicos da Consciência estão em processo de maturação. Quando adulto, perceberá as influências que se processaram por conta do que foi vivido na infância. Por esse motivo, ir à infância do paciente sem que haja uma compreensão de que a causa não está necessariamente naquele período, mas que vai além dele, pode ser improdutivo, tanto quanto sofrível.

Estigma e subpersonalidade

Um Núcleo Afetivo inconsciente é um elemento psíquico de alto poder sobre o *ego*, é como uma subpersonalidade. É mais do que um *complexo*, constelado ou não, pela densidade das associações existentes. Como exemplo, cito o que ocorreu com o famoso personagem “Corcunda de Notre Dame”, do romance *Notre-Dame de Paris*, editado em 1831, do célebre escritor francês Victor Hugo (1783-1859), cujo estigma explícito lhe sobressaiu mais do que suas origens e o nome (Quasímodo). Filho rejeitado em face das graves deformidades



congênitas, foi adotado pelo pároco da igreja, que, mais tarde, veio a ser seu rival na disputa pelo amor de uma cigana. Os muitos estigmas de Quasímodo proporcionaram a formação de uma subpersonalidade calcada em cima das características anormais de seu corpo. Essa subpersonalidade forma-se como uma espécie de *persona* com identidade autônoma, como um outro eu. Não se trata de uma aceitação consciente nem tampouco se pode afirmar que se trata de um *complexo* constelado, mas de uma identidade auxiliar que se tornou a alternativa mais viável do eu. O estigma, consciente ou não, pode, a depender de sua importância para o *ego*, promover a formação do Núcleo Afetivo inconsciente em torno do Eu (subpersonalidade).

A existência dessa subpersonalidade pode ser o motivo de serem observadas transformações efetivas (não conversões) repentinas, decorrentes da assunção da personalidade real após a compreensão e aceitação do estigma, dissolvendo o Núcleo Afetivo inconsciente. Parece haver uma verdadeira mudança após algumas sessões de terapia. Depois de algum tempo, o paciente retorna afirmando que a terapia tem mudado sua maneira de ser, com a falsa impressão de que houve uma efetiva autotransformação quando, na realidade, houve apenas a dissolução de uma subpersonalidade.

Como no Mito da Caverna, de Platão, pode-se entender a percepção do terapeuta a partir de diferentes perspectivas. Por exemplo, ele pode pensar que seus pacientes são apenas vozes que ele escuta, que são só formas corporais que respondem a estímulos, ou que são tão-somente processos psicológicos a serem conscientizados. Além disso, numa perspectiva espírita, pode pensar que são apenas processos mediúnicos, ou ainda que são processos espirituais reencarnatórios. Na realidade, seus pacientes são Espíritos, tal qual o próprio terapeuta, que andam a procura de um entendimento a respeito de si mesmos, bem como de descobrirem qual a razão de estarem no mundo e de serem como são.



Uma terapia, numa abordagem segundo a Psicologia do Espírito, é útil a todo ser humano, pois pode contribuir para o amadurecimento do *ego* na sua saga de entender o processo em que foi constituído e para que existe. Utilizando-se do estigma como portal de acesso ao Inconsciente e da terapia como guia condutora, certamente avançará de forma mais consistente naquele processo, conhecendo-se e compreendendo-se melhor.

Técnica de identificação do estigma (TIE)

A melhor via para se chegar ao processo que se desenvolve no psiquismo inconsciente é a técnica de identificação do estigma. Como o estigma pode estar muito mais próximo da Consciência do que do Inconsciente, torna-se mais acessível ao *ego* utilizá-lo de forma a se entender e se conhecer melhor. A técnica implica tentar o enquadre provisório do psiquismo do paciente em algum sistema compreensível.

Eis alguns exemplos de possibilidades de abordagem e compreensão do psiquismo do paciente:

- Enxergar o indivíduo a partir de algum mito conhecido. Por exemplo: relacionar, preliminarmente, com Prometeu, o indivíduo que vem com a queixa de rivalidade com o pai.
- Enquadrar seu processo em algum arquétipo que esteja sendo atualizado, de acordo com a queixa principal. Por exemplo: relacionar com a *ânima* o homem que esteja em conflito conjugal.
- Identificar os aspectos sombrios e de *sombra* na personalidade. Por exemplo: identificar e apontar a *sombra* quando o indivíduo apresenta sucessivos fracassos, doenças e perdas na atual fase em que vive.



- Encontrar os processos de difícil solução na vida da pessoa, principalmente os que se repetem. Por exemplo: mostrar a simbologia por detrás de sucessivos fracassos amorosos ou profissionais.
- Identificar o estigma (TIE) segundo os tipos aqui explicados, buscando variantes aplicáveis àquele indivíduo.
- Solicitar que o indivíduo verbalize como seus pais separadamente o apresentaria, isto é, que adjetivos acrescentariam ao seu nome, caso ali estivessem. O terapeuta deve interpretar as respostas como projeções do paciente.
- Solicitar que a pessoa relate sua principal transgressão, sua principal culpa, sua mais antiga lembrança da infância, seu mais forte sentimento de inadequação e seu principal medo.
- Utilizar técnicas de expressão do Inconsciente, tais como: Interpretação dos Sonhos, Caixa-de-Areia, *Imaginação Ativa*, aplicação de Testes Projetivos etc..

O repertório de perguntas e observações a serem feitas pode variar de pessoa a pessoa, a depender do estágio da relação transferencial, sendo mais fácil quando se tem maior número de sessões. Cada sessão poderá suscitar diferentes perguntas, cabendo ao terapeuta confiar também em sua intuição, bem como na manifestação de seu próprio Inconsciente, provocado pelo que diz e pensa seu paciente. Vale salientar que muitos processos de pacientes são acompanhados por um ou mais Espíritos desencarnados, interessados em sua evolução. Portanto, há sessões que se parecem muito com reuniões mediúnicas, semelhantes ao que ocorre nos Centros Espíritas,



mas sem que o terapeuta e o paciente tenham consciência do que está a ocorrer.

Uma sessão de terapia é mais do que uma escuta, pois também entra a percepção da subjetividade do paciente, cuja fala vem sobrecarregada de símbolos. Sua fala embute anseios, frustrações, medos, aspirações, necessidade de aprovação, de compreensão, de alívio, além da procura de caminhos e soluções para seus processos.

Por muito tempo, pensou-se que atender pessoas era apenas escutá-las em suas angústias. Isso norteou a Psicologia Clínica por várias gerações de terapeutas. A habilidade foi se desenvolvendo na direção do controle do paciente sobre o processo, sem que houvesse reação clara por parte do terapeuta; talvez, pelo encantamento inicial, acreditando-se curador do outro ou que o outro a si mesmo se curaria pela fala (catarse). A fala espontânea passou a ser dirigida pelo Inconsciente do paciente para o poder sobre o outro, seu terapeuta. Isso não é cura, mas cronificação de sintomas não manifestos. O monólogo, aparentemente aliviador, ecoava dentro da insipiente *psiquê* do paciente, fazendo-o pensar na cura, porém sem a percepção de que estava havendo apenas a satisfação do desejo de ser ouvido, deleitando-se com a própria voz, falando para si mesmo. Terapia é, de fato, mais do que escuta e do que diálogo sobre mudanças havidas e sucessos alcançados.

A escuta deve ser seguida de respostas e de novas indagações. Deve conter propostas, desafios e exemplificações. Deve levar o paciente ao seu próprio Inconsciente. De fato, deve conter a possibilidade de levá-lo ao seu mundo interior, aonde ele nunca foi e nem sabia que existia. Deve-se deixá-lo à vontade, incitando-o à fala espontânea e natural, sem que o terapeuta conclua por ele, devendo ser entrecortada por intervenções para que ele não circunvaguei sem objetividade e com repetições desnecessárias.



Atitudes terapêuticas:

Personalidade – A personalidade do terapeuta, seu caráter, sua Designação Pessoal, seu sentido de vida, sua postura diante de si mesmo e dos desafios da vida são responsáveis por grande parte do processo de atendimento terapêutico. Sua vida consciente e inconsciente são fundamentais para a compreensão do mundo interior de seu paciente. Uma personalidade que se apresente segura, autoconfiante, madura, muito embora ciente de suas limitações, promove o desejo de entrega pelo paciente. É importante que o terapeuta identifique e tenha trabalhado seus próprios estigmas.

Segurança – Sua segurança e firmeza da fala, seus argumentos e questionamentos claros e firmes possibilitam a projeção do arquétipo do *Si-mesmo* de seu paciente, facilitando o processo de conexão *ego-Self*. Estar seguro de seu papel de guia e facilitador do acesso ao Inconsciente, tranquilizando o paciente, é parte muito importante do trabalho do terapeuta.

Olhar firme nos olhos – Esse processo proporciona um melhor contato com o outro, estabelecendo-se uma ligação mais profunda e sincera. Esse olhar diretamente no olho (em um dos olhos) do paciente possibilita uma maior transparência e confiança no terapeuta. O paciente se sente fortemente ligado, compreendido, como se sua alma estivesse sendo vista. Ele também se sente desnudado pelo olhar do terapeuta.

Espera consciente – A redução dos níveis de ansiedade do terapeuta, muitas vezes demonstrado por uma fala suave, é desejável em terapia. O terapeuta não deve falar pelo paciente, muito menos concluir por ele. Deve aprender a esperar o momento certo para quebrar um silêncio, porventura instalado na sessão.



Postura – A postura também permite que algo esteja sendo dito, mesmo que, conscientemente, não seja registrado pelo paciente. O corpo é, naturalmente, um grande elemento de comunicação entre as pessoas. Não há uma postura padronizada, assim como não existe uma decoração modelo para a sala de atendimento. Espera-se que, conscientemente, o terapeuta “fale” utilizando seu corpo e com seu gestual.

Seriedade – Uma sessão de terapia pode ser um espaço de relaxamento, mas é, principalmente, um momento de tensão psíquica, no qual duas mentes se conectam, promovendo uma alquimia interna em que trocam informações, nem sempre conscientes, que irão interferir na vida de ambos. A seriedade consiste na identificação, por parte do terapeuta, da importância desse ou daquele tema citado pelo paciente, isto é, em estar atento a tudo que é dito.

Acolhimento – Acolher significa entender e compreender o processo do outro, tentando torná-lo consciente para que, a partir dali, haja transformação. A Consciência é o que existe de mais atual na jornada do Espírito, razão pela qual toda transformação deve acontecer de forma consciente para o eu. Ela é seu ponto de apoio para evoluir. Em casos muito especiais, deve-se verificar se o desejo de acolhimento não é mais uma tentativa de cooptação por parte do paciente, conduzindo o processo terapêutico e boicotando sua própria transformação. A camuflagem da *persona* pode chegar ao ponto de o paciente se vitimizar, valendo-se da certeza de que será acolhido. O acolhimento deve ser seletivo.

Todo ser humano quer saber o que se passa em seu mundo interior, pois nem sempre tem uma ideia precisa a respeito de si mesmo e da dinâmica do Inconsciente. Todos querem se compreender, se entender para seguir com a consciência em equilí-



brio ao encontro com o *Si-mesmo*. O *ego* deseja estar em estabilidade permanente, sem qualquer elemento de preocupação. Nenhuma tensão é aceita ou requerida voluntariamente. Para isso, muitas vezes, contenta-se em não mergulhar no que jaz nas profundezas de seu Inconsciente, arquetipicamente erigido e mantido sob grossas camadas de informações da vida consciente, porém não limitado por elas, razão pela qual a identificação de um estigma parece ser uma saída normalmente aceita pelo paciente. Identificar as marcas, para quem as possui, representa uma alforria. Terapia é uma entrega para que se desvende um enigma, para que se posicione o farol da vida psíquica de quem a busca.

Curar-se não é necessariamente erradicar o estigma, mas reconhecer, por sua causa, sua diferença e singularidade manifestas no tipo característico. O desejo de cura ou erradicação de um estigma vem do próprio preconceito, do indivíduo e da sociedade, em não aceitar a diferença. Quem gostaria de estar sob o guante de uma discriminação qualquer? O aceitar significaria sentir-se fora do contexto, excluído, estereotipado e estranho ao seu meio. O fato é que o estigma aponta, paradoxalmente, para uma possibilidade de autocompreensão e de percepção da Designação Pessoal. Entendê-lo como resultante de uma face ou parte de seu próprio ser, como uma pista para o *Si-mesmo*, como um fator gerado pela própria experiência interior, seria salutar. Com o estigma, o indivíduo pode remontar sua história pregressa, sua trajetória e seu processo de aquisição de saber. Muito embora não seja agradável a ninguém ter um estigma, principalmente aqueles que causam sofrimento imediato e forte discriminação social, eles devem ser compreendidos como sinais favoráveis ao encontro consigo mesmo.

Psicologia do estigma

Um olhar mais perscrutador sobre os tipos humanos pode esclarecer muito sua singularidade. O humano é uma extensão do desejo do Espírito em ser reconhecido e legitimado no mundo, o que talvez se deva à imagem da forma física, à primeira vista, o meio mais rápido de identificar a espécie, mas não o indivíduo que é muito mais do que uma imagem, conceito ou nome. A identificação de uma pessoa é algo bastante complexo e de difícil parametrização.

A configuração ou cenário em que alguém se situa torna-se elemento importante para descoberta de seu estigma relacionado ao meio. De que modo foi inserido no contexto humano torna-se uma excelente pista para entender-se melhor. Como, quando, onde, em que circunstâncias, com que características físicas e psíquicas específicas, junto com quem, bem como uma gama imensa de detalhes, quando analisados no seu conjunto, representam uma macroconfiguração para avaliação do indivíduo e seu estigma.

Tenho que concordar com Baudelaire³⁴ quando diz que “como foi a imaginação que criou o mundo, ela o governa”.³⁵ Depois dele, Jung afirma que “(a fantasia) [...] é a mãe de todas as possibilidades onde o mundo interior e exterior formam uma

¹ Charles Pierre Baudelaire (1821-1867) poeta e crítico de arte francês.

² Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frases_baudelaire/>. Acesso em: 25 set. 2011.



unidade viva, como todos os opostos psicológicos.”³⁶. Bem que ele, Baudelaire, poderia ter dito que “a relativização na vida contribui para a singularidade da pessoa.”. Se não disse, talvez porque via o mundo como Matrix, filme também inspirado em suas ideias. Quanto mais se sonha, imagina-se, coloca-se o pensamento a viajar pelas estrelas como se fossem ventos sussurrantes, mais se penetra no mundo real, que governa o mundo dos sentidos. É exatamente pela possibilidade de fantasiar que o ser humano forja o saber. É por essa fantástica capacidade de criar, transformando o imaginário em possibilidades de concretização, que a vida acontece a cada dia. É essa capacidade que deve ser utilizada para entendimento do estigma. Uma marca, um estigma, pode ter muitos significados, graças à fantasia, que sempre vai procurar na realidade uma forma para se manifestar como um símbolo. Sem entender seu significado real, sua origem e causas, o ser humano dá-lhe um sentido simbólico, direcionando sua vida de acordo com seu entendimento meramente *egóico*.

Nada de fato impede o processo narcísico de formação e amadurecimento do eu singular. O ser humano caminha para o amadurecimento do *ego*, máxima representação possível de sua individualidade. Nesse percurso, cria e recria a realidade de acordo com certa força e direcionamento interior; essa ordem interna que o direciona não é estática e parece ter um embrião predefinido, que vai se ampliando e se tornando cada vez mais rico e complexo.

Nada se compara ao incomensurável mundo do Inconsciente, que poderia ser chamado de Matriz da Vida e espelho particular das experiências de contato do ser em si com o Universo. Verdadeiro caldeirão fervente em que o ser forja a representação de si mesmo numa constante e profunda alquimia. Essa representação, o *ego*, torna-se sua mais recente identificação ou identidade na dimensão em que as experiências ocorrem.

³ JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. par. 73, p. 64.



O que ali ocorre é, em todos os aspectos, inacessível diretamente. São as representações no campo da Consciência que permitem ingerências a respeito do que é o Inconsciente e, de fato, o espírito humano e sua individualidade. A materialidade do *ego* que, ao olhar para dentro, tenta ver a sua matriz geradora, que, cada vez mais, se distancia.

A negação de algo não exige provas nem argumentos, porém a afirmação de sua existência requer a apresentação de mínimos indícios. O Inconsciente não é um simples depósito do que não cabe na Consciência, mas o útero gerador e nutridor do que acontece em relação ao eu. Entender sua existência é como tentar enxergar o fundo dos oceanos sem mergulhar, mas, simultaneamente, molhando-se em suas águas.

O estigma é a ponta do iceberg que existe nas profundezas do Inconsciente, mergulhado e flutuando em suas águas à procura de um lugar seguro para se instalar. Para dissolver o estigma, é preciso olhar mais para baixo e enxergar seu tamanho e procedência. Sua constituição de baixo é a mesma de cima, mudando apenas a densidade e a forma. O material de que se constitui vem do Inconsciente, requerendo compreensão, integração e complementariedade.

Por mais que se queira negar ou ocultar, o mistério é ainda o que existe de mais atrativo ao saber humano. Nele, a Consciência deseja confrontar a imaginação com a realidade no intuito de eliminar a ansiedade. A ânsia é pela compreensão; porém, o que mais se evita, mais acontece: o surgimento de novos mistérios. Novos estigmas formar-se-ão, estimulando novas descobertas numa constante espiral de crescimento.

O ser humano cada vez mais se abre para o mundo, escancara-se para experimentar tudo que lhe foi proibido. A era do puritanismo, em matéria de comportamento sexual, passou, muito embora ainda existam resquícios na mente inconsciente, deixando marcas profundas no psiquismo. Os arquivos do Inconsciente são incomensuráveis. Nada lhe escapa à sanha



devoradora de registrar tudo, automaticamente gravando o que é acessado, ou não, pelo *ego*. Da mesma forma que assimila, o Inconsciente, qual vulcão em erupção, expelle seus conteúdos, independentemente do desejo do *ego*.

Independentemente da ação do Inconsciente e da Consciência, ainda vigora o *supra-arquetípico* a determinar os caminhos basilares do destino humano. A Segunda Guerra Mundial, leia-se a europeia, pois boa parte do mundo nem sabia de sua existência, proporcionou uma renovação nas mentes infantis, mostrando claramente uma imensa *sombra* deixada pelas eras anteriores. *Wotan* e *Loki*⁴ mostravam-se explicitamente dominadores no Inconsciente, principalmente, do povo alemão. Os poderes extra-humanos, conhecidos como instintos animais, prevaleceram sobre a consciência madura. Por muito tempo eles ainda gerarão novos estigmas. O intuito é o amadurecimento do *ego* e, talvez, sua integração com o *Self*.

Características gerais dos estigmas

Nenhum estigma é definitivo ou determinante exclusivo de um diagnóstico ou de um prognóstico – é apenas um sinal auxiliar ao *ego*, importante via de acesso à dinâmica psíquica do indivíduo. Para alguns, aquele estigma lhe foi muito útil, sem o qual se tornaria frágil para enfrentar a vida, integrando-o à sua personalidade sem qualquer elaboração consciente ou compreensão profunda. O que nos leva a pensar que existe uma função automática de integração do estigma ao eu.

O estigma também pode desaparecer naturalmente ou a partir de determinadas experiências *numinosas*. O *numinoso* é o divino que se tornou passível de contato com o humano, com o *ego*. Pode também se consolidar como um grande *complexo*, já que pode determinar a personalidade de uma pessoa. O es-

⁴ Um dos deuses da Mitologia Nórdica, caracterizado pela imprevidência, pela forma surpreendente de se portar e por ser ardiloso. É tido como deus do fogo, da trapaça e da travessura.



tigma, quando surge no decorrer da vida associado a alguma atitude compreendida como inadequada ou transgressora, tende a se transformar em grande fator de culpa. Essa culpa também poderá desaparecer a partir de uma experiência *numinosa*, como ocorre nas conversões religiosas.

Todo estigma se torna um dos sinais que contribuem para a percepção do Mito Pessoal. É um fator de equilíbrio psíquico, pois estabiliza tensões inconscientes. Funciona, às vezes, como uma febre, que denuncia algo irregular, merecendo atenção, mas que se torna providencial. Sua permanência e reincidência apontam para a necessidade de compreensão do mito da própria vida da pessoa. Isso ocorre com toda obstinação e perseguição desenfreada de certos objetivos de vida. Acaba gerando polarizações perigosas.

Certos estigmas nascem de tensões que estão diretamente relacionadas a complexos fatores circunstanciais, não fixos, variáveis com o grau de compreensão do Espírito, com o *zeitgeist*, com as consequências das escolhas nas mentes envolvidas e com propósitos *supra-arquetípicos*. Num sentido mais amplo, considerando as diferentes características de cada pessoa e do grau de importância que a elas se deem, todos têm estigmas. Aqueles complexos fatores são, em sua maioria, inconscientes, pois o *ego* não tem capacidade de trazê-los à sua consciência e ao momento presente, associando-os entre si.

A plasticidade do psiquismo humano, graças às propriedades do perispírito, possibilita a fixação de imagens e a construção de símbolos significativos referentes ao que se experienciou. Tudo que é vivido é gravado no Inconsciente e passível de ser representado na Consciência sob a forma de imagens. O estigma origina-se de marcações no perispírito que pode se tornar visível como uma imagem corporal. Mesmo não sendo uma marca física, uma configuração é uma imagem de um campo dimensional do Espírito, resultante daquela marcação.

Alguns estigmas são passíveis de causar grande sofrimento, verdadeiras feridas expostas que necessitam de cura. A in-



tensidade pode ser decorrente do grau de magnitude da culpa ou necessidade interna de redenção. Muitas vezes, são situações sem uma marca concreta ou exposta aos outros, porém com a mesma intensidade semelhante à amputação de um membro. A intensidade emocional, atribuída a uma experiência, poderá trazer, desnecessariamente, sem causalidade provocada por infringência de qualquer norma ou lei espiritual, muito sofrimento a um Espírito, trazendo-lhe um estigma muito doloroso.

De todos os estigmas, o que mais admiração e pesar me causa, pela intensidade emocional que provoca, e que particularmente me afeta sem que tenha eu vivido nada que se assemelhe, é a morte de um filho em tenra idade. Esse estigma atinge, principalmente na mãe, o arquétipo mais poderoso que ela atualiza: o da maternidade. Lesa sua experiência mais intensa de realização, que a aproxima da ideia de um Criador que faz gerar algo, antes inexistente. É dor que fere na alma pela carga intensa de energia atribuída à geração, crescimento e educação daquele ser. Muito provavelmente, essa consideração deve estar relacionada com experiências vividas pelo autor em existências passadas.

O que aprender com o estigma

Uma das questões mais importantes para o ser humano é encontrar um significado para as coisas, para o destino, para a vida e, principalmente, para si mesmo. Ao conectar os eventos do Universo que o cerca, algo que automaticamente sua *psiquê* faz em face da necessidade de estabelecer-se uma causalidade entre eventos, acredita que o sentido de tudo se aproxima de ser encontrado. Claro que tal sentido não está nas coisas nem no mundo, mas na mente que o elabora de acordo com um determinado propósito, isto é, com um sistema interior pré-definido. Esse sentido encontrado não foi conscientemente predeterminado, porém deverá ser reelaborado e cuidadosamente construído. De início, inconscientemente seguido, em face da existência de um núcleo embrionário que guia a natureza humana, à semelhança do *Self*. Posteriormente, com o surgimento da consciência e de seu amadurecimento, fa-lo-á segundo um propósito consciente, o que Jung chamou de *Processo de Individuação*, ou desenvolvimento da personalidade para que se torne madura, autodeterminada e proprietária de si mesma.

Por esse motivo, o ser humano deve sempre se perguntar, diante dos fenômenos da vida, quaisquer que sejam, o que é preciso aprender em face dessa circunstância. Uma lição tem de ser extraída, um conceito tem de ser aprendido, mesmo que provisoriamente aceito. Um entendimento de si mesmo deve ser



elaborado para que avance, cada vez mais, na descoberta do sentido e significado da vida. Esse sentido deve ser apreendido em tudo, ainda que diferentemente para cada pessoa. Não importa se provisório ou não, pois sua existência possibilita a mente a ir adiante, contribuindo para o processo de autodeterminação do Espírito. Tudo que se faz deve estar relacionado a um propósito maior. Isso quer dizer que o Espírito deve buscar coerência em tudo que faça.

O estabelecimento da Teoria da relatividade por Einstein, em 1905, é um desses exemplos. A famosa equação ($E=mc^2$) de equivalência de matéria e energia simboliza que a mente humana, não só seu criador, reduziu a tensão existente por conta da impossibilidade da Física Newtoniana, dita Clássica, atender à profusão de questões mal respondidas até então, a respeito de fenômenos materiais. A tensão foi dissolvida com as ideias relativísticas; nova tensão, porém, instalara-se com as ideias quânticas, surgidas poucos anos antes, que a teoria de Einstein não resolvera. A razão disso é a complexidade crescente que já havia chegado à Consciência, em particular, ao *ego*. Tudo leva a crer que ainda serão feitas muitas perguntas, pois carecemos de muitos sentidos para o entendimento da complexidade do Universo. Falta, à Física, a compreensão da Dimensão Espiritual. Com o seu conhecimento, as tensões serão aliviadas, fazendo surgir outras ainda mais complexas.

Enquanto aqueles enigmas não se resolvem, a *Vida* oferece, ao estigmatizado, sinais ou pistas que lhe servem para encontrar o caminho de seu autoconhecimento.

O estigmatizado deve tirar o máximo proveito do estigma. Primeiro, a tomada de consciência da existência do estigma; segundo, a busca de respostas ao “para quê” o estigma surgiu; terceiro, a consciência da *sombra* do estigma, isto é, o que de negativo ele provoca; quarto, o encontro da Designação Pessoal contida no estigma, isto é, a relação com a *Indivuação* de seu portador. O entendimento de que o estigma o torna diferente e que



essa diferença é parte integrante de sua atual personalidade é fundamental para reduzir a tensão gerada pela sua existência.

Ser diferente, numa sociedade em que todos querem parecer iguais e normais, é uma vantagem significativa em face da coragem de se mostrar como realmente se é. Essa coragem se sustenta na consciência de que o estigma é uma representação de parte da natureza do indivíduo, sem ser sua essência. É o entendimento de que se trata de uma máscara, ou *persona*, que pode ser suportada porque se conhece sua função, isto é, a serviço de que veio.

Podemos analisar as reações ao estigma de diferentes ângulos. As reações pelo ângulo de seu portador, as reações pelo ângulo das pessoas que lidam diretamente (família) com o estigmatizado e as reações da própria sociedade em que ele se insere. No primeiro caso, depende do tipo de estigma e da personalidade do portador; no segundo caso, há a tendência em minimizar o estigma a fim de que não recaia sobre os membros da família o que, pejorativamente, deveria ser apenas dirigido ao estigmatizado; no terceiro caso, o poder público e as instituições que cuidam do cidadão especial tendem a tratá-lo de forma diferenciada, visando compensar suas deficiências quando o estigma assim o exigir. Neste último caso, não há qualquer oferta gratuita de serviços psicológicos de orientação quanto ao estigma.

É claro que, quando o estigma é explicitamente discriminativo e gerador de preconceito, o estigmatizado desenvolve o autopreconceito. Ele próprio não aceita sua diferença quando ela o inferioriza explicitamente. Quando esse tipo de estigma é identificado por ele, inicia-se um processo de revolta e de autoculpa, atraindo a *sombra* pessoal. A contenção da invasão psíquica, proveniente da *sombra* inconsciente, poderá levar à consolidação da cisão entre o eu e o corpo ou entre o eu e a condição estigmatizante. O retorno à integração, anteriormente existente, só se fará mediante diversos tipos de experiências que favoreçam à compreensão e aceitação do estigma.



O estigma do câncer

Atendi uma mulher portadora de um câncer muito agressivo ao corpo e que já durava três anos. Era a segunda vez que ela tinha a doença. Curara-se do primeiro, porém, seis anos depois, apareceu outro, desta vez ainda mais agressivo. Na primeira vez, tinha pouco mais de trinta anos, o que dificulta uma aceitação comum aos portadores, deixando marcas psíquicas muito profundas. Sentiu-se abandonada por Deus, discriminada em tudo que fazia e pelos sinais que o tratamento (quimioterapia) deixava, expunha sua condição de doente, fazendo-a se sentir inferior e portadora de uma “malignidade”. Evitava pessoas amigas, não queria a piedade de ninguém, tornou-se mais introspectiva, agressiva e aversiva a conselhos e consolações. De fato, o estigma se instalara com toda a força. Aos poucos, com o passar dos meses e das sessões de quimioterapia, aceitara orientações de uma habilidosa enfermeira que a tratava muito carinhosamente. Isso foi preponderante para que voltasse à vida normal. Curou-se, mas voltou a viver quase os mesmos processos da mesma forma que antes.

Agora a doença atingia, com vários tumores, a região pélvica e a parede abdominal. Ela já tinha sido nefrectomizada do rim direito e também era colostomizada. Sua resignação e resiliência eram impressionantes. Seu semblante demonstrava calma, altivez e aceitação de seu destino. Sabia que poderia morrer a qualquer tempo. Suas taxas de substâncias vitais oscilavam todas as semanas, levando-a a constantes internamentos. Essa alta dose de resignação pessoal era seguida de certa preocupação em autotransformar-se. Ela tinha consciência de sua imortalidade e esperava tranquilamente a morte chegar. Parecia-me que isso era pura teoria, mesmo considerando sua condição de espírita. Tudo indicava que se encontrava numa fase de aceitação da imortalidade do Espírito por força da crença, da convivência com pessoas que professavam a mesma religião e por uma expectativa de que viveria algo melhor depois da mor-



te. Sabia que era uma boa pessoa, que praticara o bem, que não odiava nem tinha feito mal a qualquer pessoa, portanto, iria para um “bom lugar”. No íntimo, havia medo combinado com a dúvida de se, de fato, era assim que iria ocorrer.

Em nossas sessões, tentava levar à sua consciência que, muito raramente, o câncer é um problema da atual encarnação ou de uma única, mas do acúmulo de *complexos* no Inconsciente, ao longo de várias encarnações, que, pela necessidade de equilíbrio psíquico, aflora no corpo físico na forma de uma desorganização celular (câncer).

Levei-a a entender o sentido da morte pessoal antes da morte do corpo físico. Isto significava a necessidade de entender que a proximidade da morte do corpo físico deve conter a consciência de que a personalidade que está sendo vivida também tem que morrer. O Espírito vive uma encarnação na qual constrói um personagem que tem prazo determinado para morrer. Nunca mais aquele personagem será vivido de novo. Quando retorna a uma nova existência num outro corpo, construirá novo personagem, conservando sua individualidade. O significado da reflexão sobre isso implica numa consciência de que o nascimento e a morte são necessários, tornando-se marcos limites para importantes experiências do Espírito.

Mostrei a necessidade de dar continuidade a projetos que pudessem ser também executados na dimensão espiritual, o que implicaria em ter a visão de continuidade do ser pensante, sem estacionar-se no marco limite da morte e sem criar fantasias para o que ocorreria no momento seguinte. Isso incentiva a criar-se uma proposta de atividade para depois da morte, reduzindo os níveis de ansiedade. Sendo professora, poderia, por exemplo, ensinar literatura, língua portuguesa etc.. Contribui para eliminação do medo de viver qualquer tipo de situação punitiva (inferno, umbral etc.).

Salientei a importância de se mostrar normal, sem grandes mudanças externas na personalidade, a fim de poupar seus entes queridos de sofrimento gradativo, pois, quanto mais ela se



mostrava boa, resignada e “angelical” mais os levava ao sentimento de perda significativa de alguém “tão bom”. Essa proposta evitaria uma pseudo-transformação, sem de fato ocorrer uma integração das experiências vividas durante a doença. Além disso, desgastaria menos a família, que se obrigava a cuidar dela de forma muito mais sacrificial.

Falei da *ressignificação* de seu próprio passado. Essa atitude a faria se culpar menos, ou a erradicar a culpa, à medida que considerasse sua natural ignorância como causadora de seus equívocos. Assumiria total responsabilidade pelas consequências de seus atos, sem prejudicar que sofreria ou que “pagaria”, no futuro, o “mal” porventura feito.

Ponderei sobre a importância de voltar à atividade profissional, interrompida pela doença. Isso implicaria dar continuidade, na medida do possível, à sua vida sem se deixar paralisar pelo câncer. Tal procedimento, se possível, também poderia ocorrer escolhendo outra atividade, independentemente da que executava antes de adoecer. Não sendo possível uma atividade remunerada, tentar a prestação de serviços comunitários ou o trabalho em alguma instituição de caridade ou ONG, o que mantém a mente ocupada, saindo do padrão doença/saúde.

Assim ela fez, prolongando um pouco mais sua vida no corpo e abrindo novos horizontes ao Espírito, ainda imerso na dimensão física.

O estigma é um guia para o mundo interior, sinalizando ao *ego* quanto ao processo que necessita, na atual encarnação, de maior atenção. Ele funciona como um *psicopompo*, conectando a Consciência ao Inconsciente, guiando o *ego* na função de desbravar e entender o Inconsciente e de viver no mundo. Quando ele é tornado consciente deve ser entendido como uma espécie de guia para o entendimento da vida, de que modo ela aconteceu e como tem sido vivida.

A vitimização e a autoexclusão dos estigmatizados

Quem pode dizer que passaria ileso por um estigma aversivo? Todos que têm estigma que traz discriminação modificam a personalidade quando dele tomam consciência. Há, no entanto, muitos modelos de superação, principalmente quando se vê elevar a ídolos pessoas que apresentam estigma explícito, mas que dão grande exemplo de altruísmo e autodeterminação. O indivíduo, por exemplo, sem braços e sem pernas, tendo apenas um pequeno pé que lhe serve de apêndice para escrever e pegar objetos e que, mesmo assim, demonstra felicidade e alegria em sua fala; o tocador de violão sem braços, executando melodias com os pés; as meninas siamesas, com um único corpo e duas cabeças, que conseguem sorrir e ter uma vida pública sem receios dos olhares curiosos; o surdo, como Beethoven, que se tornou exímio tocador de saxofone. São muitos os exemplos de superação e de consciência de que o Espírito é mais do que um corpo bem, ou mal, formado. Nas paraolimpíadas, vemos os exemplos de superação, de disputa pelo primeiro lugar entre aqueles que fizeram do estigma seu motivo existencial. São exemplos significativos para aqueles que se sentem derrotados pela própria estigmatização, incitando-os a que superem a dificuldade, muitas vezes a um custo muito alto para o próprio indivíduo, que reforça seu estigma, colocando-o a serviço coletivo.



Há uma fase vivida pelo estigmatizado extremamente perigosa para sua *Individuação*: a da tendência à vitimização. As facilidades de acesso e de atenção ao idoso, ao cadeirante e a outros portadores de necessidades especiais, muito oportunas, reforçam a tendência à vitimização, na medida em que são tratados como desiguais. Muito embora essa atenção básica seja necessária para que não se dificulte o acesso ao direito de todos, ela contribui para o lugar de vítima. O desejo de superação e de ser tratado de forma idêntica aos demais deveria ser a política de quem pretende dar atenção básica ao portador de estigmas.

Colocar-se como vítima é perigoso porque poupa o indivíduo dos esforços de superação pessoal, porque tende a fazê-lo permanecer na espera de ajuda alheia e de receber benefícios pela sua desigualdade. Internamente, ele conta com essa ajuda, muitas vezes, passando a exigí-la. Colocar-se como vítima, aceitando ser o “coitadinho”, diminui e inferioriza o indivíduo, provocando a consolidação de seu *complexo*, dificultando sua superação. Não quer que ninguém tenha pena dele, mas se comporta como tal. Essa piedade alheia deve acontecer como um reconhecimento pela forma normal como vive, o que de fato não é real, pois espera que as pessoas o tratem como quem já superou seu estigma, porém ele mesmo não acredita nisso.

O estigmatizado, quando o problema é explícito, muitas vezes, percebe que, quando alguém se retrai para ter um contato verbal com ele, o tratamento utilizado, com cuidados e reservas, inferioriza-o. Não é tratado de forma espontânea nem como alguém normal. A inferiorização faz com que ele devolva a conversação com cuidado, para não tornar clara a estigmatização. O diálogo deve acontecer como se nada estivesse ocorrendo. As *personas* politicamente corretas estarão em atuação como num teatro; portanto, o retraimento do indivíduo que se considera normal, quando necessite manter contato com outro que tenha um estigma visível que o leva a ter vergonha de conversar, revela a consideração de que aquilo se trata de algo inferior.



O limite entre aceitar as benesses e adaptações, naturalmente compreensíveis para a vida do portador de estigma corporal visível, e de sentir-se no lugar de vítima é bem tênue. Mesmo tendo direito à acessibilidade e por não terem superado o trauma causado pela consciência do estigma, muitos preferem permanecer no ambiente doméstico, limitados ao seu mundo restrito, como vítimas da *Vida*. Autoexcluem-se como melhor opção a serem expostos à ridicularização do mundo. A autoexclusão parece ser mais vantajosa, pois lidam muito menos com seu próprio *complexo*, sem querer passar pelo sacrifício que é exigido de todos que desejam sua *Individuação*. A consciência dessa autoexclusão é fundamental para que o *ego* assuma que se coloca como vítima.

Em alguns casos, quando o estigma é explícito e, principalmente, quando se trata de deficiência física, veem-se indivíduos buscar a mendicância em busca da piedade alheia. Em geral, são indivíduos que se situam em classe socioeconômica inferior. Trata-se de um processo de alienação em que se foge das tentativas de compreensão do significado do estigma, bem como da postergação do amadurecimento do *ego*.

Essa autoexclusão é uma forma de lidar com a própria vergonha de ser diferente. Parece que o indivíduo aceita que fez um mal no passado, que transgrediu alguma regra ou norma, que agiu de forma ilícita, tendo que assumir publicamente sua inferioridade. Inconscientemente, o próprio estigmatizado julga-se, aceitando o implacável tribunal de sua consciência como seu juiz, vaticinando uma sentença de “criminoso” ou de “proscrito”. Poderia se absolver, considerando sua condição de Espírito “*simples e ignorante*”¹ quanto ao melhor que deveria ter sido feito no passado – a culpa é um poderoso mecanismo de sofrimento e de obsessão espiritual. É ela que provoca as correções que aparecem nas reencarnações como se fossem punições de

¹ KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Salvador-BA: Harmonia, 2007. Questão 115, p. 94.



Deus. São as culpas que provocam as marcas de nascença. Sentir-se culpado e merecedor de punição, por conta de equívocos do passado, é uma poderosa arma causadora de sofrimento futuro.

Estados psíquicos dos estigmatizados

O excelente trabalho da Dra. Elizabeth Kübler-Ross *Sobre a Morte e o Morrer*, que apresenta os estágios emocionais dos portadores de doenças terminais, é útil para entendermos os estigmatizados, principalmente quando as marcas são visíveis. Segundo ela, existem os seguintes estágios:

Primeiro estágio: a **negação** ou **isolamento**. Quando o indivíduo não aceita sua doença ou não acredita que esteja doente, preferindo acreditar e afirmar que consigo não ocorreria. O isolamento é consequência de sua inaceitação.

Segundo Estágio: a **raiva**. Revolta-se contra tudo, todos e, principalmente, contra Deus, que acha injusto e desqualificado para sua denominação de bondoso e justo.

Terceiro Estágio: a **barganha**. Estágio em que procura negociar com Deus uma cura, prometendo mudanças em benefício da sociedade. Acredita que errou, que não deveria ter sido egoísta e que deve reparar-se.

Quarto Estágio: a **depressão**. Vendo que não ocorrem milagres, que não se cura, mesmo tendo se tornado uma pessoa melhor, deprime-se por falta de forças e de argumentos convincentes para si mesmo de que poderia curar-se ou ser curado. A depressão é a entrada no Inconsciente, sucumbindo ao *complexo* que o atormenta.



Quinto Estágio: a **aceitação**. A aceitação é o último estágio para quem já tentou tudo. Torna-se uma pessoa afável e atenciosa, perdendo tudo e todos. Esse comportamento talvez ocorra na tentativa de ser melhor aceita no *post-mortem*.

Nos estigmatizados explícitos, cujo corpo apresenta marcas significativas, ou que saibam de sua condição sem que possam ser naturais e espontâneos, ocorre algo parecido. Depois da tomada de consciência do estigma aversivo, vivenciam as seguintes fases:

Revolta: com diversas reações, desde a culpa até a incriminação a outrem (Deus, mãe, pai, avós, etnia, a si mesmos).

Análise das consequências: receio de não serem aceitos pela sociedade ou de não alcançarem sucesso na vida; re-moem constantemente as possíveis causas e meios que poderiam ter evitado.

Aceitação reativa: aproveitamento dos benefícios e busca em ocuparem os espaços sociais que lhes são franqueados.

Negação reativa: constantes tentativas, sob diversas formas, de esconderem seu estigma.

Procura de cura: constantes tentativas de curarem-se de seu estigma por meios convencionais e, principalmente, não convencionais.

Isolamento: por vergonha, sentindo-se vítimas, não querendo a piedade alheia; ao mesmo tempo, esperam por uma compensação ou cura divina.

Compensação: demonstração permanente de terem alguma(s) qualidade(s), na tentativa de esquecerem ou diminuírem o impacto do estigma.

Esforço na aquisição de habilidades: sem reconhecimento da existência de uma habilidade específica, despendem grande esforço em sua obtenção para o reconhecimento de que necessitam.



Vitimização: por não possuírem qualquer habilidade nem sequer senso para a luta contra a discriminação, sucumbem ao estigma e, em alguns casos, adotam a mendicância.

Integração em grupos de iguais: procuram por grupos de pessoas que têm estigma semelhante, visando alcançar o senso de pertencimento tão desejado. Muitas vezes, adotam certa militância em favor dos portadores do mesmo estigma, obtendo reconhecimento social. Dessa forma, por terem realizado conquistas para o grupo, sentem-se melhor e diferentes dos demais estigmatizados.

Internalização do estigma: consciência da importância do estigma, pois não o disfarçam nem ele lhes traz qualquer pesar, compreendendo que faz parte de sua natureza e Designação Pessoal.

Na maioria desses estágios, que podem acontecer em qualquer ordem, é possível notar a presença da esperança de que, um dia, terá sua cidadania e identidade resgatada, trazida de volta por algum processo desconhecido. Sua expectativa não se perde. Um elogio, não necessariamente referente ao estigma, sempre será bem-vindo, pois o aproxima da normalidade pretendida.

A negação, bem como outros estágios reativos de como lidar com o estigma, é um direito, pois o indivíduo pretende que lhe seja devolvida a identidade normal que lhe foi retirada, sem ter a consciência de ter permitido sua supressão. Quando o corpo não corresponde à imagem idealizada de si mesmo, sob certos limites, é válida a tentativa de recomposição que, quando não é possível, ou o sacrifício promove sofrimento, talvez seja melhor alterar-se a imagem idealizada. É o caso de se avaliar a necessidade de se fazer, ou não, cirurgias reparadoras.

O estigma negativo persegue seu portador por conta de um custo psíquico para sua exposição social, sempre sujeita à discriminação e possibilidade de rejeição popular. A vida solitária e o recolhimento social parecem ser as melhores alternativas



para todos os portadores de estigmas aversivos que não integram, à personalidade, a função de “para quê” sua existência. Por outro lado, isso pode se dar de outra maneira caso o estigmatizado se imponha à pecha popular, demonstrando sua maturidade e autodeterminação, independentemente da discriminação alheia.

O caso Sr. Silva

O relato de um conflito passa por vários filtros por parte de quem inicia uma terapia. O receio de ser discriminado, julgado e condenado, além da autocensura, aflora os mecanismos de defesa naturais do *ego*. A *persona* vai se sobrepor, com maior intensidade, sobre o eu. A necessidade de se adaptar, forja, automaticamente, a construção de uma personalidade auxiliar, ou de outra *persona*. O processo é instintivo, muito embora possa ser consciente, como um ator que constrói um personagem.

Há estigmas que surgem inesperadamente, de forma brusca, muitas vezes da noite para o dia, deixando a pessoa surpresa sem saber as causas de sua geração. Aparecem à revelia, denunciando, com linguagem própria, algum aspecto psíquico a ser decifrado. Um enigma apresenta-se ao eu, cuja ignorância o incentiva a buscas e ao saber sobre o *Si-mesmo*.

O Sr. Silva começou falando, como se repetisse algo que intimamente vai fazendo há muito tempo, dizendo: “Não sei se conseguirei dizer tudo. Tenho muita vergonha de mim, do que sou e do que fui capaz”. Com dificuldade, continua: “Nunca quis desagradar meus pais. Eles não merecem. São muito bons para mim.”. A pressão do Inconsciente sobre a Consciência, há muito reprimida, fazia-o falar, mesmo com ansiedade e tensão. Suas mãos esfregavam-se insistentemente. Havia certa palidez facial. Parecia estar lidando com algo crucial de sua vida. Mesmo com



dificuldade, continuou: “Eu comecei tudo quando era criança. Só tinha seis anos de idade. Meus pensamentos se voltavam para pegar o que não me pertencia. Eu olhava muito para objetos que pareciam joias de ouro. Correntes, pingentes, brincos, colares, e tudo que fosse dourado me atraía muito. Foi com seis anos de idade que roubei minha primeira joia. Foi na casa de uma amiga de minha mãe.”

Ele faz uma pausa e me pergunta: Você acredita em mim? Você me entende? Parecia querer que respondesse um sim, mesmo sem entusiasmo, mas, com compaixão.

Aceno com a cabeça, em concordância, entendendo seu pedido de acolhimento, mesmo sabendo que era difícil dizer o que agora tinha coragem de expressar. Ele não me conhecia. Fora-lhe indicado pela mãe, uma senhora de setenta anos que me conhecera numa visita fortuita que lhe fizera, quando esteve internada para tratamento de um câncer, aproveitando a visita a um paciente internado no quarto ao lado do seu. Entrei no quarto dela sem querer, por equívoco casual, deparando-me com seu sorriso para mim, perguntando-me se eu era o médico, sobrinho de uma amiga dela. De minha negativa, surgiu um longo diálogo, no qual ela falava da ansiedade do seu filho, acreditando que ele tinha algum problema maior. Ao me apresentar como psicólogo, pediu-me que o atendesse.

Ele continuou sua fala, sempre esfregando as mãos e ansioso por um alívio: “Quando eu tinha nove anos, os pensamentos obsessivos eram mais fortes. Não conseguia tirar da cabeça o desejo de ter muitas joias e objetos reluzentes como ouro, de alto valor comercial. Queria também usar algumas joias, mas preponderava o desejo de simplesmente tê-las. Queria sentir a admiração das pessoas por tê-las. Roubei muitas joias. Não avaliava que pudessem perceber. Achava que ninguém suspeitaria. Algumas vezes tive de devolver, ao ser instado quando o ato era percebido. Dizia que parecia com aquela que minha mãe tinha em casa. Ficava envergonhado, pedia desculpas, informan-



do que era um vício. Não conseguia parar. Era mais forte do que eu mesmo. Parecia um impulso demoníaco.”.

Falava de forma tensa, suave e consertava-se muitas vezes na cadeira. Parecia estar num tribunal, em frente a juízes implacáveis. Parecia temer algum castigo muito forte e que lhe traria grande sofrimento. Percebia o quanto isso consumia sua *energia psíquica* e trazia-lhe sofrimento.

Continuou seu relato, de forma mais tranquila, quando lhe disse que ficasse calmo e que estava compreendendo o que se passou com ele: “Eu só tinha nove anos. Sabia que isso era um absurdo, mas o desejo era muito grande. Havia uma vizinha, cujas joias passaram a ser alvo de meus desejos. Ia à casa dela com o intuito de entrar sempre em seu quarto. Eu ia propositalmente. Uma vez ela me pegou remexendo suas gavetas. Argumentei que gostava do cheiro de roupas novas.”.

“Hoje, com trinta anos, tenho muitas joias guardadas sem que ninguém saiba. Você é a primeira pessoa que conto. Vim a você porque quero me livrar disso. Minha mãe me disse que você é espírita e que poderia me ajudar. Tem pouco mais de um ano que não retiro nada de ninguém, mas o desejo permanece e, ultimamente, tem sido mais intenso. Não vou suportar. O que faço para parar com isso? Temo cometer suicídio, pois, por várias vezes, pensei em fazê-lo.”. Fez uma pausa e continuou: “Por um tempo, cerca de cinco anos, tomei vários remédios, desde antidepressivos a ansiolíticos e anticonvulsivantes. Algumas vezes, aliviava, mas sempre que a medicação não fazia mais efeito, o desejo retornava com maior intensidade. Já não tomo remédios há quase dois anos. Fiz alguns tratamentos não convencionais. Fui a rezadeiras, cartomantes, fiz ‘trabalhos’ espirituais, mas nada resolveu.”.

Silenciou por um tempo. Parecia exausto, como se um peso grande fosse retirado de sua cabeça. Olhava para o chão sem querer me encarar. Parecia que fortes correntes se rompiam. Mesmo assim, ainda demonstrava culpa, medo e ansiedade.



Notei que ele não usava joias. Nenhum anel ou qualquer outro adereço. Isso era parte de seu sintoma, pois o uso poderia denunciar o desejo. Chama-se *formação reativa* à intenção, consciente ou não, de camuflar o real desejo inconfessável de uma pessoa.

Eis a face perversa do estigma: a ausência de uma identidade *egóica* suficientemente forte para viver no mundo de forma saudável, com sua marca, sem que ela o obrigue a atitudes inconsequentes, bem como a passar por sofrimentos. Seu estigma surgiu sem que fosse causado por um trauma, sem eventos perinatais, vivendo numa família estruturada e em um contexto saudável. Durante toda a infância não apresentou, mesmo com seus pensamentos obsessivos, qualquer traço externo de anormalidade, pois era bom aluno, bom filho, além de ser uma criança normal, sem que seus pais observassem qualquer problema em seu comportamento. Viveu as experiências típicas de qualquer ser humano, mas as atravessou com seu “algoz”: o pensamento obsessivo de ter joias.

Muitas vezes, o Espírito já vem com seu estigma. No caso dele, seu contexto familiar não apresentava qualquer situação que pudesse causar aqueles pensamentos intrusivos e tão intensos a ponto de suplantar sua própria censura. Família bem estruturada, boa condição financeira e boas perspectivas de sucesso na vida graças a uma ótima educação. As causas são desconhecidas; qualquer teoria psicológica que se baseie apenas na vida atual é frágil para apresentar uma hipótese plausível. Talvez nunca saibamos, de fato, o que provocava aquele desejo, bem como os motivos de sua conversão num comportamento, considerado como desonesto, desqualificável e indesejável. Mais ainda, qual a razão em ter se iniciado em tão tenra idade? Por que impor a uma criança tal comportamento? Quem ou o que estava fazendo aquilo?

O desejo exacerbado de ter joias, sem capacidade financeira para tal, surgido precocemente, denuncia uma necessidade de conversão de algum *complexo* inconsciente; portanto,



ainda não trazido à consciência, em face da censura e do medo de viver algo, de acordo com princípios socialmente aceitos. Seria um *complexo* paterno negativo, precoce, que não lhe impunha limites? Mas ele tinha um pai presente e compreensivo.

Seu sofrimento era visível. Seu desejo de resolver aquela situação era imenso. Isso o fizera procurar ajuda. Claro, o impulso da mãe foi fundamental.

Seu estigma de pensamento, à semelhança de um Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), iniciado desde a infância, evidencia que algo mais profundo, que atravessou as barreiras naturais de inocência infantil, estava exigindo consciência. Essa é sua vontade imediata, tornando-se o desafio da proposta terapêutica. A questão é como levá-lo a isso.

Como se trata de um estigma, este deve ser conscientizado, além de avaliadas as suas consequências. A necessidade de viver, gradativamente, sua ostentação seria a saída. O estigma requer, antes de qualquer proposta de confrontação, a consciência de sua existência, que se deu com a aceitação da hipótese de que ele, em seu íntimo e por razões desconhecidas, poderia querer ostentar aqueles joias. Ele aceitou essa hipótese, porém disse que não conseguiria sustentar a ideia de que as usaria. Sugeriu joias masculinas, algo que seria mais próximo de sua aceitação consciente. Ele concordou e passou a usar um anel de prata, uma pulseira simples e uma corrente no pescoço.

Expliquei-lhe que o ato de roubar joias denunciava a existência, inconsciente, de uma ambição desmedida, associada a uma forte necessidade de ostentar um brilho externo que não era assumido internamente. O Espírito queria artificialmente brilhar, queria ser o que não era, queria a boa aparência, desconhecendo sua própria essência divina. Esta deveria ser percebida de outra forma, a partir da evidência de qualidades que estavam na *sombra* e que deveriam ser mostradas.

Sua busca por uma terapia denunciava a forte tensão em que se encontrava, bem como uma tendência a resolver mais



rapidamente seu conflito. Seu alívio, ao conseguir me contar, foi tão grande que a sessão terminou com ele me pedindo um abraço. Na sessão seguinte, disse-me que conversou com a mãe e que ela chorou ao ouvir seu relato de que saíra aliviado depois de nossa conversa.

O estigma acompanha o indivíduo por onde ele transita e está sempre sugando *energia psíquica* que seria destinada a outros fins. Coopta o eu à semelhança de um ímã que se conecta a um objeto, ocupando-lhe o espaço a sua volta.

Em sessões seguintes foi analisado o desejo de brilho pessoal, de demonstrar qualidades apreciáveis numa pessoa e de mostrar o que se é, merecendo a admiração dos outros. Ele passou a trabalhar suas qualidades interiores e seus desejos de crescimento pessoal. Passou a usar algumas joias (poucas e nenhuma das que roubou).

A superação do desejo desagradável, após algum tempo, o levou a querer devolver algumas das joias roubadas. Ele, com relativo esforço, em face da vergonha, devolveu a maioria delas. As que sobraram, deu-as a uma instituição filantrópica por não se lembrar mais de onde e de quem as retirou.

Disse-me também que seria capaz, em qualquer ambiente, de falar sobre o estigma que tinha, bem como da forma como o resolveu. Isso significa que a possibilidade de permanecer com o estigma de ter um dia roubado um objeto foi superada.

Considerando que me falara de minha condição de espírita, sugeri que buscasse esclarecimentos no Espiritismo, pois o processo a que foi submetido poderia ter um componente reencarnatório, talvez mediúnico, e que poderia continuar lhe trazendo os mesmos pensamentos.

Designação Pessoal, *Individuação* e estigma

À luz dessa compreensão, da influência dos estigmas sobre a vida e o futuro, é que se deve entender o mistério que ronda o destino humano, que ora se apresenta como algo inevitável, ora como algo que pode ser diretamente modificado. A vida humana parece ser uma eterna preocupação do Espírito em entendê-la, além da necessidade de autocompreensão.

A vida necessita ser decifrada, compreendida e realizada; o que é válido para todos os seres humanos. Sem essa compreensão, vive-se mais no Inconsciente do que na Consciência. A partir do estigma, qualquer que seja ele, podem-se encontrar pistas para essa decifração. Doutrinas, filosofias, religiões e paradigmas diversos trazem teorias que têm servido como alívio para a angústia humana de conhecer-se, de compreender a vida e de entender o que é Deus e sua natureza. Parece-me que ainda não são suficientes para acabar com os mistérios que sempre rondaram e rondarão a alma humana.

Mais do que entender a natureza divina, é preciso descobrir a razão da própria natureza humana. Quando o ser humano descobrir o sentido de seu próprio existir, provavelmente, estará apto a penetrar nos desígnios divinos. A essência de si mesmo, bem como descobrir a identidade pessoal, é a meta possível antes de alcançar o divino. Essa identidade pessoal fica melhor compreendida quando consegue, dentro dos limites possí-



veis, integrar todas as características da personalidade, latentes no Inconsciente, à consciência do eu – a partir daí, descubra-se, então, a Designação Pessoal.

A Designação Pessoal não é algo que se descobre como um estalo ou em um momento especial, mas algo que ocorre como um processo gradativo, passo a passo com o amadurecimento do *ego*. Quando acontece, não se sabe desde quando começou. Não se trata de descobrir a missão no mundo, mas a aquisição da consciência do que se é e do que se pretende ser, tendo por base a imortalidade do Espírito que o *ego* percebe, de fato, ser sua máxima representação. Parece uma obsessão, o desejo do ser humano em ter de fazer algo para o mundo, a fim de justificar sua presença nele, como se precisasse deixar sua marca ou algo que se lembrem dele. Seria isso consequência de não querer ser punido, depois da morte, pelos erros cometidos, como se tivesse sido previamente condenado pela expulsão do paraíso bíblico? Até quando esse paradigma bíblico permanecerá nas mentes, obrigando o ser humano a se sentir devedor, pecador, necessitado de punição e de sofrimento? Libertar-se disso, dessa ideia latente, reduziria certas culpas desnecessárias que teimam em continuar se instalando na mente humana.

A Designação Pessoal é a descoberta da razão da própria existência, o motivo pelo qual se está no mundo, o que se é, o que se precisa aprender e o que fazer pela própria evolução. É o encontro com sua verdadeira natureza, não terceirizando a vida, sendo consequente e assumindo a responsabilidade pelos pensamentos, atos e sentimentos. É o “tornar-se o que se é”, como propunha Nietzsche.

A Designação Pessoal, quando percebida, promove um bem-estar natural, consequência de uma permanente sintonia que o indivíduo mantém com as Forças Criativas da Natureza e com o Princípio Organizador da *Vida*. Isso harmoniza a mente, contribuindo para a redução das exigências das representações da *Imago Dei*, quando teimam em ser percebidas como poderosas, puniti-



vas ou causadoras de sofrimento ao ser humano. A harmonia psíquica, isto é, o equilíbrio da relação com o que nos parece causador de julgamentos aos nossos atos, responsável pela desdita ou pelo sucesso futuro, consegue eliminar o poder que, inconscientemente ou não, se atribui aos eventos geradores de estigmas.

A vida se torna mais leve, mais próxima do que se considera o “reino dos céus” no interior da própria alma, quando se eliminam, conscientemente, as representações de um Deus julgador e punidor, tal qual um feitor escravagista da alma humana. O legado deixado pelas religiões que construíram essas imagens, de certa forma cruéis, não contribuiu para a felicidade humana, tampouco libertaram consciências da ignorância que, naturalmente, existe em cada um de nós. Elas, as imagens, estão a serviço das tendências coletivas, portanto, alienantes em relação ao encontro do Espírito com sua verdadeira natureza e designação.

É possível perceber o contrário desse estado em pessoas em cuja presença tudo flui de forma criativa, suave e prazerosa. Elas já se harmonizaram com a ideia de um Deus humanizado pelas fragilidades de um *ego* infantil. Aplacar a ira de um Deus punitivo é o início da jornada que libertará a alma humana da geração de estigmas e do sofrimento angustiante que a atormenta. A direção dessa libertação se inicia na integração dos aspectos sombrios da personalidade e na adoção da consciência sem culpa. Essa integração não implica na necessidade de realizar a *sombra*, mas de conhecê-la para dela perder o medo, reduzindo-lhe a *energia psíquica* para ela dirigida.

Há pessoas que, com o mínimo de energia, conseguem muito, enquanto outras, realizam um grande esforço para conseguir pequenas coisas. As primeiras, chamadas de normais, não apenas creem num Deus, mas o sentem e sabem como ele atua, percebendo sua permanência em seu próprio ser. As segundas, chamadas de subnormais, apenas creem em algo que não diferenciam de suas próprias ideias equivocadas a respeito do que, de fato, é Deus. As primeiras sentem Deus, as segundas apenas creem.



A busca do Deus solucionador e protetor não faz mais parte de quem encontrou sua Designação Pessoal. Quanto mais o ser humano se apega a um Deus que lhe protege dos “perigos” do mundo, dos “monstros” gerados pela imaturidade do *ego*, das doenças naturalmente provocadas por se ter um organismo físico imperfeito e temporário, mais retardará a descoberta de sua Designação Pessoal. Os estigmas aparecerão em maior quantidade para lhe lembrar que algo não foi assimilado ou aprendido, ao longo de sua inexorável caminhada para o encontro consigo mesmo. A fragilidade do *ego* só poderá ser superada com o enfrentamento dos desafios que a *Vida* impõe a todo ser humano. Evitá-los é sucumbir à fantasia de que será salvo por um herói ou Deus externo, solucionador de seus próprios enigmas.

Designação Pessoal é, paradoxalmente, aprender a sair do mundo e a permanecer nele, para continuar a aprimorar-se e para transformá-lo. É encontrar a chama da vida e não mais largá-la, tornando-se senhor de si mesmo, proprietário de sua vida, autodeterminado e consciente de que seu futuro lhe pertence. É transcender sem negar sua natureza ctônica e, simultaneamente, etérea. É refletir, sentir e fazer. É pensar, sentir e agir. É arriscar-se no viver de forma autêntica e coerente com seus princípios e com sua ética interna.

Faz parte da vida de todo ser humano ter e resolver conflitos. Todos os conflitos humanos estão dentro da normalidade. A vida material é por demais simples. O além dela, por ser incognoscível, é complexo. Compreender a natureza íntima de Deus é improvável para o humano e isso o angustia. Para se livrar dessa questão complexa, ele prefere lhe atribuir algumas qualidades, retirando-lhes defeitos, aliviando sua consciência, colocando-a sob a tutela do “supremo bem”, como Jó. Portanto, a ideia que dele se faça não deve se constituir causa de sofrimento antecipado. Todo o julgamento feito a si mesmo, considerando os atributos aplicados ao Deus que se acredita, é passível de revisão. Tudo se pode fazer diferente, pois o passado é algo que se encontra dentro da alma



humana, devendo ser naturalmente *ressignificado*, sem precisar ser revivido. Diz-se que não se pode modificar o passado, mas pode-se entendê-lo de tal forma diferente que parecerá ter sido outro, melhor e mais libertador da consciência do eu. Todo passado deve ser revisto à luz da ignorância do Espírito, por isso passível de compreensão sem punição.

Há pessoas que vivem a normalidade muito bem e almejam alcançar uma dimensão melhor. Vivem bem, sabem viver e conseguem contribuir para que os outros vivam bem; há outras, porém, que vivem na subnormalidade, isto é, vivem com muito sacrifício e com dificuldades em realizar tarefas mínimas que lhe garantam a sobrevivência. Disputam espaço, poder, prestígio, dinheiro, trabalhando com muito esforço para conseguir o que precisam, até mesmo para terem coisas supérfluas. Vivem uma vida menor, em face do grande gasto de *energia psíquica* dedicada ao corpo e suas necessidades. A subnormalidade é comum, mas deve ser ultrapassada. O ser humano que se encontra nessa categoria deve buscar um melhor entendimento do significado da vida para entrar na normalidade e, a partir daí, prosseguir para alcançar novos patamares evolutivos.

Caso alguém ainda esteja na subnormalidade, caso ainda esteja precisando resolver questões primárias de sobrevivência, caso ainda esteja copiando as pessoas, imitando modas e fazendo de conta que viver é mostrar-se melhor do que os outros, então, meus pêames. É preciso sair do primarismo em que vive, adotando outro estilo de vida, em que o sacrifício em se transformar passa pela percepção da própria divindade em si mesmo. A partir daí, vai descobrir sua Designação Pessoal, sua natureza interior, sem cuidar de atender a seu egoísmo nem seu orgulho. A vida pede sacrifício, e não sofrimento ou salvação. Pede atenção ao que existe de mais sutil em cada ser humano. Leva-o à construção do templo interior que abrigue o que há de mais divino no Universo, considerando-se usuário dele, sem estar nele inserido.



As pessoas devem buscar funcionar bem no mundo. Quando digo funcionar, refiro-me a viver no mundo sem sofrer, sem ferir, sem estagnar, aprendendo cada dia algo novo sobre tudo que existe no Universo; buscando conhecer como e para que a Natureza se fez e se faz a si mesma, a incomensurabilidade do que existe, denominado Universo, e o que deve, de fato, fazer diante disso tudo. Enfim, conhecer a importância do desenvolvimento da habilidade de amar.

Alcançar a Designação Pessoal é a descoberta do existir sem limites, sem fronteiras ou finalizações, gozando da liberdade de transgredir sem agredir, de construir sem invadir, de conhecer sem acreditar que já sabe de tudo. É, acima de tudo, saber para que existe e por que está no mundo. Não se trata de marcar o mundo com alguma realização, mas de gravar a própria alma com a construção de um mundo interior melhor do que o exterior, a fim de ter como meta sua concretização.

Buscar a Designação Pessoal é estar sempre tentando ter a propriedade sobre si mesmo. É tornar-se dono do próprio destino e construtor de uma personalidade cada vez mais adequada a crescer espiritualmente. É alcançar uma personalidade consequente dos próprios atos, cuja consciência esteja em perfeita sintonia com propósitos de realização pessoal e coletiva.

O ser humano vive em função de crenças, principalmente religiosas. Toda e qualquer mudança deve se iniciar nas crenças cosmológicas que se têm, pois são elas que dão início às outras. Quando se descobre que a existência do Universo, como ele é concebido, depende do olhar humano, pois seus implementos físicos e psíquicos o plasmam com determinada configuração, compreende-se a coautoria da realidade. Isso significa que a ideia que temos de Deus deve contemplar, em sua geração, o olhar pessoal. Tudo que se pensa a respeito de Deus contém a ignorância e o saber humanos.

Parece que a ideia de um Deus único é necessária para a construção da unidade do eu; porém não suficiente para justifi-



car a realidade no seu todo. A *psiquê* suporta, naturalmente, a ideia do politeísmo sem que a integridade do eu seja destruída. As duas possibilidades, porque são teorias, podem ser consideradas e aceitas simultaneamente, sem que se possa afirmar qual delas seja a verdadeira. Politeísmo, monoteísmo e negação de um Deus necessário para justificar o mundo podem ser concebidos pela *psiquê*, pois, muito embora o afirme, o *ego* não lida com verdades, mas com possibilidades subjetivas.

A forma como o ser humano crê que as coisas são contém uma possibilidade de manifestação do divino. Se o humano concebe, o divino o anteviu. Tudo que é humano é divino e vice-versa. De tempos em tempos, a humanidade é sacudida por novos paradigmas para que a mente evolua. Sem esses novos paradigmas, nossa capacidade de percepção estagnaria; portanto, não haveria progresso, o que promove uma atualização do equipamento psíquico e do Espírito, para que se capacite a novos raciocínios e novas compreensões da própria natureza. Assim se deu com o advento do Racionalismo, do Iluminismo, do Espiritismo, da Física Quântica e de outros paradigmas anteriores e assim será para frente.

Uma visão quântica da vida impõe-se sobre o enquadre mecanicista e causalista da realidade, o que significa ampliar o alcance da percepção do Universo à disposição do humano. O que é percebido como quântico é atualizador da encarnação, isto é, condiciona o Espírito a uma nova percepção de si mesmo no mundo, levando-o a um estágio maior e melhor de possibilidades de realizar a sua Designação Pessoal.

A percepção e compreensão da finalidade de um estigma oferecem uma importante pista para a integração da Designação Pessoal. Quando o estigma é profundo, limitador das aspirações naturais de uma pessoa e que promove um viés significativo no destino de alguém, a tal ponto da vida girar em torno de seus efeitos, a Designação Pessoal torna-se mais evidente.

Uma das reflexões que podem levar ao conhecimento da Designação Pessoal é encontrar a resposta à pergunta “Quem sou



eu?”. A resposta pode ser simples se for: sou um Espírito imortal; porém, a resposta deve ser mais complexa, tendo algo que seja estritamente pessoal, que só a própria pessoa assim se considere e que possa descrever-se para o outro. A pessoa que se é, mais do que a citação dos referenciais identificadores para a sociedade (nome próprio, nome dos pais, idade, profissão, endereço, experiências vividas na infância etc.), revela-se numa natureza não traduzida em palavras nem acessível aos outros. Por mais que as ideias sobre si mesmo possam ser expressas para os outros, fica faltando sempre algo intraduzível que é o próprio ser humano em sua singularidade.

A resposta à pergunta sobre quem se é, quando alcançada em pensamento de forma a tocar o sentimento, aproxima-se da consciência da Designação Pessoal. Quando se consegue afirmar para que propósito nasceu, para que veio a este mundo, qual sua finalidade existencial, está próximo da Designação Pessoal. Todos precisamos saber quem somos, para que existimos e o que pretendemos construir em torno de nós mesmos no presente e no futuro. A Designação Pessoal implica em descobrir para que se existe; e isso é algo pessoal. Só a própria pessoa veio para isso; ninguém mais. Sua Designação Pessoal é sua marca registrada em seu psiquismo. É uma espécie de assinatura singular.

É essa designação na vida que é necessário descobrir. Não é uma ação específica nem uma atitude particular de um momento, ou mesmo uma decisão que se tenha de tomar na vida. A partir do momento em que se descobre a designação, a totalidade da vida gira naquele sentido. Não se trata de alienar-se do mundo, mas de se colocar nele, para si e para ele, de tal forma que tudo faça sentido.

Não se trata de executar uma ação ou uma atitude coletiva nem tampouco seguir uma norma filosófica ou religiosa, mas de encontrar sua própria e especial forma de ser no mundo. Executar normas religiosas para atingir metas de perfeição, salvação ou realização pessoal é apenas caminho para se alcançar a Religião Pessoal. Após isso, deve-se buscar a Designação Pessoal.



Minha Designação Pessoal sou eu; eu sou simplesmente isso que sei que sou e que ninguém mais sabe; eu não sou meus defeitos nem minhas virtudes, não sou isso ou aquilo que pensam. Adjetivos são apenas acessórios que eu vou acumulando ao longo da vida. Eu sou minha Designação Pessoal. Ela é só minha; ninguém sabe como é; ninguém é assim como eu sou. Quando se entende isso, tudo se torna mais fácil e tudo flui de forma tranquila. O que rege os desígnios humanos, os destinos e tudo que existe nos Universos é sua permanente companhia.

A pessoa deve descobrir sua Designação Pessoal sabendo que ela não é igual à de ninguém. Não há regras absolutas para que seja alcançada. Fazer de sua maneira, do seu jeito e assumir as consequências. Provavelmente, quando alcançada, ela lhe trará certa solidão; poderá lhe parecer que ninguém será capaz de lhe compreender, mas, simultaneamente, ela será capaz de entender a grande maioria das pessoas.

Essa solidão será paradoxal, porque, provavelmente, é apenas uma sensação momentânea. Ao mesmo tempo que se vai percebendo único, sente-se ligado a todos por fios invisíveis oriundos dos sentimentos de irmandade e de profunda compaixão pelos outros. A ligação parece também se estabelecer com algo maior, misterioso, doce e profundo que acalma, aquece, fortalece e anima para que a vida aconteça sempre como plena de felicidade e de realização pessoal. Não será um sentimento de superioridade em relação às demais pessoas, mas de amorosidade.

Esse contato permite que se encare face a face o novo, bem como todos os desafios da vida. A pessoa permanece sempre disponível ao contato, ao encontro com o outro, na dimensão afetiva, que possibilita o aprendizado e a troca de conhecimentos. Essa disponibilidade para o contato corresponde à perda do medo do que possa vir do outro, pois se retiram as proteções automáticas, promovidas pela natural construção de uma *persona* para cada ocasião.



A Designação Pessoal não é o que se tem de fazer aqui nesse mundo, mas o que se tem de construir em si mesmo, para que o próprio mundo tenha sentido para si e para todos que dele fazem parte. O que se tem de fazer no mundo é fruto ou consequência da descoberta da Designação Pessoal. A Designação Pessoal é o próprio ser que se é no mundo. Não é um fazer para uma vida melhor no Além. Descobrir a missão a que se propôs, a partir de uma programação reencarnatória, é parte disso; porém é mais do que isso. É mais do que a missão que cabe a cada um no mundo. Há uma cota pessoal de trabalho em favor do mundo, pois todos têm de devolver ao mundo, em retorno produtivo, o que dele recebe. A Designação Pessoal é mais do que realizar essa cota.

Nós não estamos aqui para resolver conflitos com o mundo, nem para adequar relacionamentos, nem para solucionar simples questões rotineiras da vida. A Designação Pessoal não é para trabalhar isso, que é algo muito simples de se resolver quando se superou a aceitação das próprias imperfeições e inferioridades, isto é, quando se tem em mente a necessidade de se integrar a própria *sombra*. O trabalho de ter de resolver isso é para as pessoas subnormais. Pessoas subnormais estão aqui para resolver conflitos de relacionamentos. Saber resolver esses conflitos faz parte da normalidade. É difícil? Talvez. Mas resolver conflitos da vida cotidiana deve ser a linha de base para todo mundo. Deveríamos já estar nessa condição. O egoísmo e o orgulho, ainda reinantes, impedem que estejamos numa condição melhor.

Imaginemos uma pessoa querendo procurar a Designação Pessoal, se, por exemplo, ainda não perdoou a mãe ou o pai porque tomou uma surra na infância. Imaginemos a manutenção de inimizades familiares por alguém que quer encontrar sua Designação Pessoal, quando já deveria ter ultrapassado tudo isso. Não é possível, pois ainda se encontra na subnormalidade. Alguém que não perdoad o(a) companheiro(a) porque foi traída(o), certamente terá dificuldades na descoberta da Desig-



nação Pessoal. Alguém com dificuldade de administrar as alterações do corpo, decorrentes da idade, ou que não sabe lidar com as perdas naturais da vida, dificilmente alcançará seu intento em descobrir a Designação Pessoal. É preciso sair da subnormalidade para a normalidade.

A vida em sociedade, naturalmente, provoca exigências de comportamentos coletivos de máximo e melhor desempenho. Aquele que cultiva expectativas de ótima atuação, acreditando que vai alcançar determinado objetivo, sem perceber que o que almeja está acima de suas competências, pode desenvolver o que conhecemos com o nome de *neurose de desempenho*. Há uma expectativa de normalidade própria e de desempenho pessoal ótimo. Essa autoexigência torna-se um fator permanente de promoção inconsciente do autoestigma. Essa perspectiva de o próprio indivíduo ser o principal responsável pelos seus estigmas não pode ser desprezada, pois será ele mesmo o principal solucionador do enigma que carrega.

Querer corresponder ao que o mundo espera, querer realizar o que idealizou, condicionado à culpa e ao medo de sofrer após a morte, é viver uma vida inautêntica. Acreditar que se tem a missão de resolver os problemas dos outros sem solucionar os próprios é um grande equívoco. Ajudar ao próximo deve estar inserido em um propósito maior de se tornar uma pessoa bondosa. Designação Pessoal é um estar no mundo para que a vida aconteça. É querer ser o que se é mesmo. Se se tem um guia espiritual, um mentor, ou algo parecido para lembrar compromissos espirituais anteriormente planejados a cumprir, deve-se atendê-lo dentro de seus próprios limites, sem deixar de viver a própria vida, realizando sua Designação Pessoal.

Se, por algum motivo, os espíritos desencarnados que a acompanham aceitam viver a nova vida que a pessoa decidiu para si, ótimo. Que venham viver; se não, que procurem outras companhias, pois o trabalho deve ser de parceria sem submissões. Não se deve comprometer a vida normal com algo que,



por uma questão de crença, a retire da vida, comum e natural, no mundo. Um líder espiritual deve dar exemplo de ter uma vida comum: viver em família, relacionar-se afetivamente com alguém, trabalhar, ter seu lazer e sua vida pessoal, independentemente das obrigações espirituais que assumiu.

Designação Pessoal é um compromisso com a própria natureza interior, que se descobre e que não mais se abandona. Vale lembrar a parábola de Jesus:

O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem, e compra aquele campo. Mateus 13:44.

Depois, esse tesouro, antes oculto a si mesmo, será naturalmente compartilhado com todos que se aproximem ao contato. A alegria de tê-lo descoberto transborda e vive-se de acordo com essa nova e maravilhosa descoberta, que, num certo sentido, o estigma aponta para aquele tesouro. Vender tudo que tem é desfazer-se do que é acessório, focando a vida em objetivos bem definidos. Significa passar a dar maior atenção à Designação Pessoal, como prioridade em sua vida, destinando-lhe maior cota de *energia psíquica*.

Frankenstein ou O Moderno Prometeu

Não são poucos os personagens da história universal que apresentaram estigmas cujas características promoveram vieses em suas vidas. A rigor, pode-se afirmar que todos têm estigmas que, em maior ou menor grau, interferem em sua personalidade e no seu destino. Nem sempre é possível, ao menos, a um olhar superficial e ligeiro, identificá-los. É necessário ver-se de fora, como se fosse um sujeito estranho a si mesmo, para conseguir perceber e identificar a existência do estigma pessoal.

O exemplo da genial e talentosa escritora inglesa Mary Shelley é típico de como isso ocorre. Sua vida, sua obra e seus estigmas proporcionaram ensinamentos valiosos sobre o quanto o mundo íntimo de cada pessoa, sem que tenha consciência disso, molda seu destino.

Mary Shelley (Mary Wollstonecraft Godwin), nasceu em Londres, em 30 de agosto de 1797 e morreu em primeiro de fevereiro de 1851. Pertencia a uma família aristocrática, cujo pai era filósofo e a mãe pedagoga e escritora. Vivenciou, desde seu nascimento e, principalmente, sua adolescência, perdas trágicas significativas. Aos dez dias de nascida, sua mãe vem a falecer, ficando aos cuidados do pai, que se casou de novo quando ela tinha quatro anos. Muito ligada ao pai, acabou por adotar-lhe as ideias liberais, cujo reflexo pode ser visto ao se relacionar, ousada e clandestinamente, aos dezessete anos, com o



também famoso poeta, à época casado, Percy Bisshe Shelley, cuja esposa veio a se suicidar em 1816. Seu pai desaprovava o romance, mas, mesmo assim, ela continuou e, do relacionamento, surgiu uma gravidez na adolescência – logo após o nascimento, o filho morre, levando-a a uma forte depressão. Casa-se com Percy, que enviuvava, engravidando de novo e perdendo o segundo e, depois, o terceiro filho. Aos 25 anos, fica viúva, pois o marido morre afogado num lago ao norte da Itália. Antes dele falecer, ela teve seu quarto filho, que sobreviveu, com ela permanecendo até sua morte aos 53 anos, depois de insidiosa doença cerebral, provavelmente um tumor, que a fazia ter sérias dores de cabeça, convulsões e paralisias. Foi em 1818, aos 21 anos, que começou sua profícua profissão de escritora à beira do belíssimo Lac Lemán, em Genebra, na Suíça francesa, em companhia do famoso Lord Byron, de Percy – seu futuro marido –, do amigo John William Polidori e de Claire Clairmont, sua irmã adotiva e amante de Byron. Foi, na casa alugada por Lord Byron, à beira do lago, que ela escreveu seu mais famoso livro, o romance *Frankenstein ou O Moderno Prometeu*. Prometeu, figura mitológica, foi condenado ao sofrimento interminável por defender os homens contra os deuses, lutando bravamente contra seu primo, *Zeus*, de quem roubara o fogo sagrado. Ele representa o direito humano de decidir seu destino, bem como o nascimento da consciência de si, numa luta contra o “pai” simbólico. O romance de Mary Shelley presta homenagem ao ser humano por tentar se recriar, por tentar ser o que de fato é, sem atribuir qualquer mérito a outrem.

O livro mais parece uma antecipada autobiografia da autora, contendo tragédias sem fim. Conta a história de um jovem suíço, estudante de ciências naturais, de nome Victor Frankenstein, cujo contato com livros de alquimia e por influência de seus mestres da cidade de Ingolstadt, na Alemanha, onde estudara, lhe possibilitaram descobrir o segredo da vida. Com esses conhecimentos, resolve construir um grotesco ser huma-



no, a quem chama de “Criatura”. Insatisfeito com a criação, pelas imperfeições que apresentara, o abandona. Posteriormente, soube do assassinato de seu irmão mais novo, cuja acusação recaiu sob uma criada, que foi condenada à morte; porém Victor acreditava ter sido sua Criatura o responsável pelo crime, o que lhe trouxe uma culpa torturante, levando-o, para aliviar-se, a desejar escalar o maior monte da Europa (Mont Blanc), em cuja subida encontrou sua Criatura que lhe fala sobre sua trajetória. Diz a Criatura ao seu criador o quanto tem sido rejeitada pelas pessoas. Vagava à procura de seu criador, contando que, de fato, assassinou seu irmão mais novo, incriminando a criada. Em seguida, exige, sob ameaça, que lhe construa uma fêmea para definitivamente viver longe dos humanos. Temendo as agressões do monstro, concorda; porém, de volta a Londres, abandona a ideia de construir a fêmea, receando a proliferação de uma raça de monstros. Insatisfeita com a recusa, a Criatura decide vingar-se, matando o melhor amigo de Victor, pondo-lhe a autoria. Posteriormente, Victor casa-se com sua irmã adotiva e, na lua de mel, não dorme, vigiando a hospedagem, pois temia ser atacado pela sua Criatura. Distrai-se naquele mister, e a Criatura, sorrateiramente, estrangula-lhe a mulher. Com a notícia da morte de sua mulher, seu pai adoece e morre. Desta feita, o criador jura vingança e passa a perseguir sua Criatura. Persegue-o pelos mares congelados do norte, onde encontra um navio encalhado que o abriga. Mesmo assim, muito doente, acaba por morrer. Junto ao leito de morte, o capitão do navio é surpreendido com a presença da Criatura em sua cabine, chorando convulsivamente, junto ao corpo de seu criador, prometendo ir embora e suicidar-se. A história toda é narrada pelo capitão do navio, em viagem exploratória ao Polo Norte, em cartas à sua irmã.

O romance de Mary Shelley foi encenado várias vezes no teatro e no cinema, tornando-se uma história na qual o ser humano se vê como vítima e simultaneamente herói de sua própria inteligência. O livro narra a saga do deus-homem que se arre-



pende de si mesmo, de seus poderes, mas que não consegue evitar sua própria criatividade. A inteligência de Mary Shelley, aos 21 anos, mostra-nos o que somos capazes de realizar e de viver. O sofrimento de Prometeu, tal qual o de Jó, é o preço que se paga por ter nascido humano. Ler Mary Shelley nos leva a concluir que não há saída possível para o destino que o próprio ser humano tece, segundo suas próprias razões e escolhas.

Teria o conteúdo dantesco do romance contribuído para as tragédias da vida de Mary Shelley, influenciando-a a sempre pensar de forma mórbida ou, na verdade, seu teor atesta mais um indício de seus conflitos internos e de seus estigmas? O personagem do romance, Victor Frankenstein, teria nascido de seu desejo inconsciente, como se fosse Deus, de devolver a vida à sua mãe ou a seus filhos que não vingaram? Queria ela, com seu romance, ressuscitar seus entes queridos (mãe e primeiro filho morto), minorando seu sofrimento pelas perdas vividas, tentando mostrar que poderia, como Deus, também criar? A Criatura, personagem cuja vida foi dada, transformando-se num monstro assassino, seria a representação do lado *sombra* de todo ser humano, que Mary estava vivendo àquela época? O mais provável é que Mary Shelley viveu tantas tragédias que sua personalidade experimentou diferentes emoções, tornando-a capaz de se expressar por distintas *personas* nos primeiros anos de vida. Construir um personagem (Criatura), resultante de partes do corpo humano, foi como se quisesse conectar as entranhas da própria mente, cindida pelo que experimentou na vida. Sua tragédia, sentida numa intensidade inimaginável, não foi suficiente para fazê-la surtar ou psicotizar. Ela teve depressão, mas nunca parou de cuidar de seu filho e de dedicar-se a sua profissão.

Na vida real, Mary Shelley viveu os estigmas da orfandade materna, de ser enteada, da gravidez na adolescência, de ter sido amante (com o agravante de ser adolescente), da rejeição paterna às suas pretensões amorosas, de ter perdido filhos (mortos em tenra infância), de ter passado por uma depressão, de



ser “filha do pai”, de ter sido viúva ainda jovem e de ter passado por grave doença cerebral. Exceto a doença cerebral, viveu todas essas circunstâncias até os 25 anos de idade. Não é à toa que seu livro de ficção é permeado por tragédias e por um intrincado jogo de desafios constantes ao próprio destino. As pessoas que fizeram parte da vida de Mary e as formas de relação familiar que viveu, em muito, assemelhavam-se a algumas peripécias dos personagens que criou.

Não foram poucos seus estigmas nem foram poucas as dores e sofrimentos que experimentou. Só uma personalidade muito forte e um *ego* muito maduro poderiam suportar tantas tragédias. Parte de sua fortaleza decorreu de tê-las transferido para o romance, que se tornou sucesso ainda quando estava encarnada. Seus estigmas acabaram por tê-la feito produzir um remédio permanente, sempre lembrado, diluindo os efeitos danosos que normalmente trazem. Sem suas tragédias talvez não tivessem os leitores sido presenteados com sua exuberante e inteligente literatura, plasmada em seu romance.

As tragédias, sendo a primeira delas logo ao nascer, influenciaram o psiquismo de Mary Shelley para que escrevesse seu tenebroso e inteligente romance. Inconscientemente, “sabia” que atravessaria agruras na encarnação, o que tornou sua mente permeável à construção das ideias contidas no seu mais famoso livro. Independentemente disso, sua personalidade era afável, carinhosa e era muito boa mãe. Seus estigmas se confundiram com os sofrimentos que a vida lhe reservou. Parte de seu mundo interior se refletiu no conteúdo do romance e no seu destino. Assim é com todo ser humano.

Talvez, se Mary Shelley tivesse prestado a atenção ao primeiro estigma, ficaria mais atenta quando surgissem cada um dos outros. Se perdeu a mãe, poderia, desde a adolescência, ter se preocupado em suprir o que sua ausência poderia provocar. A projeção da imagem de mulher na mãe é fundamental para a construção de uma afetividade madura. Parece que aquela ausência pro-



vocou a perda de parte da feminilidade, que, no caso dela, a madrasta não supriu. A morte dos filhos pode ter contribuído para um sentimento de inferioridade na sua capacidade de ser mãe, levando-a, compensatoriamente, a criar um personagem que ocupava o lugar do Criador, sendo capaz, como mãe, de dar a vida, o que veio a acontecer poucos anos depois, ao dar a luz ao seu último filho. A irascibilidade da Criatura contrastava com a candura de Mary Shelley, denunciando para onde ia toda raiva pelas perdas que teve na vida. Nisso estava parte de sua *sombra*, vista na Criatura. Pode-se pensar que, obviamente, os acontecimentos da vida, como as perdas que ocorreram na de Mary Shelley, interferem no destino da pessoa; aqui se trata, porém, de sutis configurações resultantes de algo desconhecido no íntimo de cada um, que provocam o estigma e que, conseqüentemente, enviesam o destino e traçam um padrão de personalidade à revelia do indivíduo; portanto, a questão não é o estigma como causa do viés, mas a causa geradora do estigma que promove o viés. O problema é anterior, é interno e inconsciente. Mary Shelley teve muitos estigmas. De onde eles vieram? Quais as causas? Para que surgiram? Evidentemente, só o próprio indivíduo poderá descobri-lo. Nem sempre o consegue, pois a principal preocupação que lhe vem à mente é eliminar o estigma, visando adaptar-se ao mundo, nele inserindo-se, tentando driblar seus próprios *complexos* a fim de ser aceito.

Assim como Mary Shelley, muitos gênios, cientistas famosos, descobridores, virtuosos das artes e outros foram influenciados por seus estigmas, que os tornaram o que foram. Seus legados à humanidade se devem, em grande parte, aos seus estigmas.

Sem as tragédias que marcaram a vida de Mary Shelley, seria bom que outros nascessem com a sua genial inteligência, ou ela mesma retornasse numa outra encarnação para nos ensinar como é possível viver, encontrar sua realização pessoal e ser feliz, independentemente dos estigmas. Mas, será que ela escreveria seu romance sem suas tragédias? Se não, perderíamos a maravilha de sua rica obra literária.

Meu estigma

Sou muito grato pela sua presença em minha vida. Enquanto todos teimavam em me rejeitar, olhando-me com censura, piedade ou com incentivo, à semelhança de um doente, você esteve sempre comigo. Sempre querendo que eu mesmo aprendesse sobre mim, sobre minha vida esquecida e negada. Foi você meu professor e direcionador de minhas buscas para que me conhecesse, me descobrisse e me transformasse no que de fato sou. Mesmo nas vezes que fiquei com raiva de você, que o amaldiçoei, que tentei me destruir por sua causa, olhava-me com paciência, compreendendo minha dor, mas aguardando minha serenidade para mudar. Você sabia que não era a causa, mas que contribuiria em muito para que descobrisse em mim o que releguei ao abandono. Você foi minha luz e minha consciência *supraordenada* para que eu não esquecesse de cuidar do que não quis aceitar interiormente.

Lembra quando o descobri? Eu sabia que não era agradável. Mas compreendi que, por sua causa e por causa das circunstâncias em que o percebi e da minha natureza interior, eu era único, especial e capaz de me realizar. Bom tê-lo por tanto tempo. Já começo a perceber que, sem você, não conseguiria ser o que sou. Lembro-me das vezes que chorei, aprendendo a valorizar sentimentos e a me tornar sensível ao sofrimento alheio. Como você foi importante para mim! Hoje, sem a sua marcante presença, não



registro qualquer lamento ou angústia pela sua passagem em minha vida. Será sempre lembrado como algo de bom.

Todos que o abrigam em seu mundo íntimo, sabendo de sua existência real e de sua importância, reverenciam-no para sempre. Obrigado. Para sempre, obrigado.

Bibliografia

BACILA, Roberto Carlos. *Estigmas, um estudo sobre os preconceitos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

FRANCHINI, A. S. e Seganfredo, Carmen. *As melhores histórias da mitologia grega*. 4. ed. Porto Alegre-RS: Artes e Ofícios, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HEATHERTON, Todd et all. *The social psychology of stigma*. 3. ed. New York-NY: Guilford Publications, Inc., 2003.

JUNG, C. G. *A vida simbólica*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Salvador: Harmonia, 2010.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

LEVIN, Shana et Laar, Colette van. *Stigma and group inequality, social psychological perspectives*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2006.



NOVAES, Adenauer. *Reencarnação, processo educativo*. 3. ed. Salvador-BA: Harmonia, 2007.

_____. *Mito pessoal e destino humano*. Salvador-BA: Harmonia, 2005.

_____. *Psicologia e universo quântico*. Salvador-BA: Harmonia, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: cartilha 2011 – justiça nas escolas*. Salvador: Conselho Nacional de Justiça e Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, 2011.

STEVENSON, Ian. *Where reincarnation and biology intersect*. Connecticut: Praeger Publishers. 1997.

FUNDAÇÃO LAR HARMONIA

A FUNDAÇÃO LAR HARMONIA é uma instituição beneficente, sem fins lucrativos, cujas ações se destinam à promoção social e ao desenvolvimento psíquico, social, emocional e espiritual do ser humano. Suas atividades são mantidas por doações, eventos beneficentes, vendas de livros, realização de cursos, seminários e diversos convênios.

Mantém uma ESCOLA de primeiro grau e uma CRECHE ESCOLA – que funciona em tempo integral –, ambas destinadas a crianças carentes. Além da educação formal, as escolas proporcionam a essas crianças assistência médica, psicológica, odontológica, espiritual e lhes fornecem fardamento.

Desenvolve um trabalho de PROMOÇÃO SOCIAL com as famílias dos alunos da Escola e da Creche Escola, possibilitando-lhes CURSOS DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL.

A Fundação Lar Harmonia mantém em suas dependências um AMBULATÓRIO MÉDICO, um NÚCLEO JURÍDICO E DE CIDADANIA e um NÚCLEO DE PSICOLOGIA, para atendimento à população de Salvador.

EDITORA E DISTRIBUIDORA DE LIVROS

HARMONIA

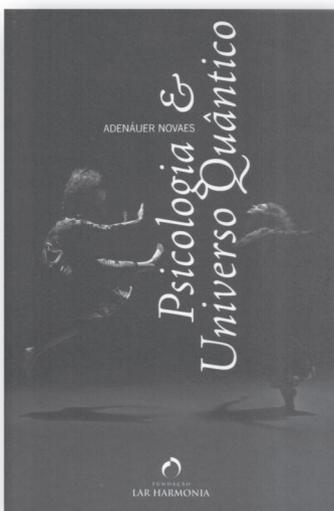
A Editora e Distribuidora de Livros Harmonia é responsável pela publicação e comercialização de diversos títulos, tanto os próprios quanto de outras editoras. Tem lançado obras que abordam temas de caráter psicológico e espírita, fundamentadas nas obras de Allan Kardec.

Conheça nossas obras e adquira através do nosso site:

www.larharmonia.org.br

ou pelo telefone:

(71) 3375-1570



Psicologia e Universo Quântico

Adenáuer Novaes

14 x 21cm | 208 páginas

ISBN 978-85-86492-25-9

Psicologia e Universo Quântico trata do Universo como algo que recebe a contribuição da mente humana, sem a qual nada faz sentido. Nesse livro, o leitor se descobre participante ativo na construção do Universo à sua volta.

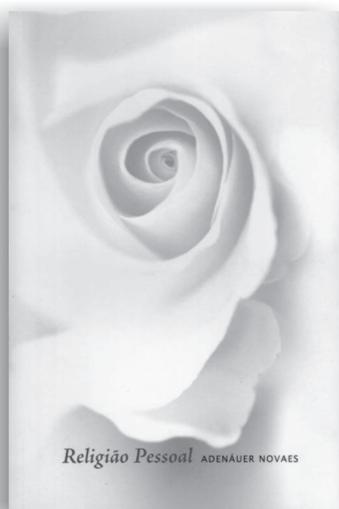
Religião Pessoal

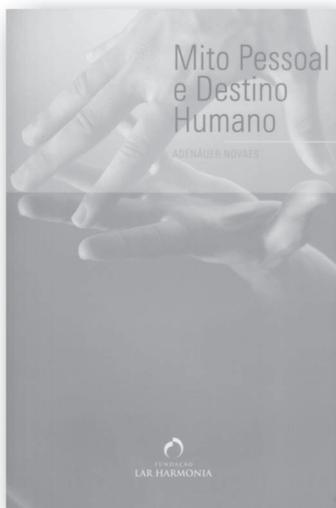
Adenáuer Novaes

14 x 21cm | 230 páginas

ISBN 978-85-86492-24-2

Trata de religiosidade e das expressões relacionadas ao sagrado, referentes à marca religiosa na mente humana. Trata de Deus e das formas de como o Criador é buscado. No interior da alma humana, há algo profundo e misterioso que o ser humano chama de Eu ou de Deus interno. É esse mistério que o autor procura desvendar.





Mito Pessoal e Destino Humano

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 256 páginas

ISBN 85-86492-21-3

Analisa o perfil da vida humana em seus aspectos macros e das experiências que formam o existir. No seu conteúdo, o autor apresenta uma ideia do destino pessoal e de como ele é traçado pelo espírito. Contém também algumas formas de se enxergar o mito pessoal vivido e como alterá-lo.

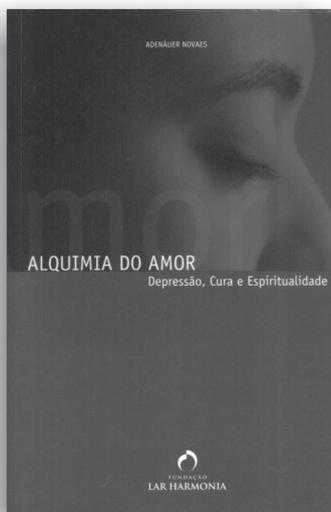
Alquimia do Amor - Depressão, Cura e Espiritualidade

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 256 páginas

ISBN 85-86492-17-5

Estudo profundo sobre a depressão, em que o autor apresenta seus principais sintomas, suas causas e formas de tratamento. Procura também desmistificá-la, estabelecendo as diferenças entre depressão e outros estados de consciência, tendo em vista um diagnóstico mais preciso. Coloca a depressão como um processo de autoerotização e de alquimia de energias internas. O enfoque é psicológico e espírita.





Filosofia e Espiritualidade - Uma Abordagem Psicológica

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 240 páginas

ISBN 85-86492-15-9

Analisa a evolução do pensamento da humanidade, trazido pelos mais diversos pensadores, sob uma perspectiva psicológica e espiritual. Encontram-se, no livro, referências filosóficas de temas constantes em *O Livro dos Espíritos*. O psiquismo humano é considerado como instrumento flexível e moldável às ideias coletivas que nortearam o pensamento em várias épocas.

Psicologia e Mediunidade

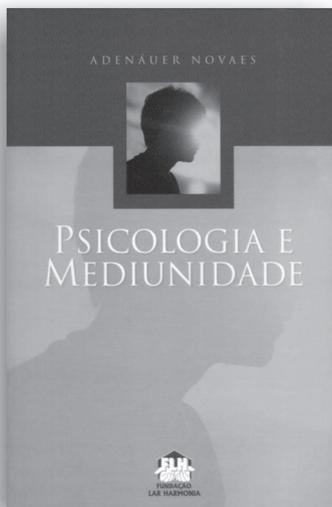
Adenauer Novaes

14 x 21cm | 172 páginas

ISBN 85-86492-11-6

O livro tenta estabelecer uma ponte entre o espiritual e o psicológico, apresentando a mediunidade como uma faculdade que deve ser utilizada pelo ser humano nas mais diversas atividades da vida. A mediunidade é um dos instrumentos de que dispõe a mente humana para o acesso ao inconsciente, permitindo que a realização pessoal se dê com a inserção do espiritual.

Disponível também em Espanhol.





Evangelho e Família

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 272 páginas

ISBN 85-86492-10-8

O Evangelho é um roteiro para a família harmonizada. Não há fórmula padrão para serem resolvidos os conflitos psíquicos, pois cada mente tem seus próprios processos que são os responsáveis pela situação em que ela se encontra.

Felicidade sem Culpa

Adenauer Novaes

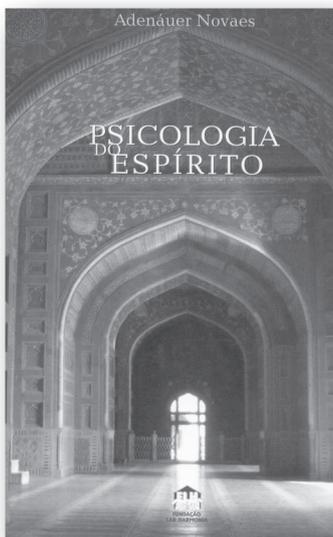
14 x 21cm | 144 páginas

ISBN 85-86492-09-4

Trata da felicidade como um estado de espírito alcançável mediante a libertação das culpas acumuladas pelo indivíduo em suas existências. É um livro destinado àqueles que buscam a felicidade e que necessitam se desligar de culpas que atrapalham sua felicidade.

Disponível também em Inglês e Espanhol.





Psicologia do Espírito

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 192 páginas

ISBN 85-86492-08-6

Trata do Espírito enquanto ser criado por Deus e de suas funções de realidade. Aborda a questão das inteligências múltiplas e da psicopatologia e obsessão numa perspectiva psicológica e espiritual.

Disponível também em Inglês.

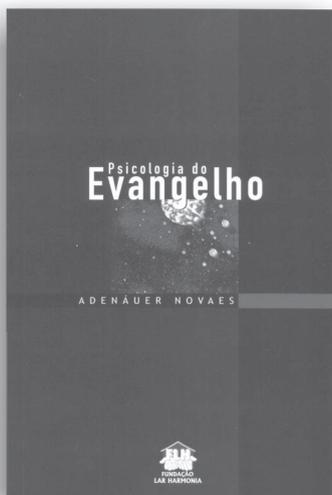
Psicologia do Evangelho

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 160 páginas

ISBN 85-86492-05-1

O Evangelho numa visão espírita e psicológica. Analisa os capítulos de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* de acordo com a Psicologia Analítica.





Psicologia e Espiritualidade

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 176 páginas

ISBN 85-86492-06-X

Síntese dos mais diversos problemas humanos numa visão psicológica e espírita, apontando soluções e demonstrando o valor da busca por espiritualidade. Procura levar o leitor à conciliação entre a Psicologia e o sentido espiritual do ser humano.

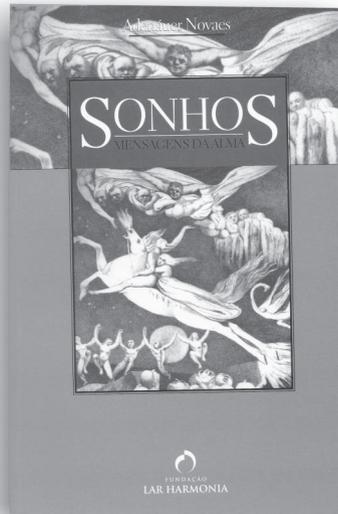
Sonhos: Mensagens da Alma

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 236 páginas

ISBN 85-86492-03-5

Um estudo sério a respeito dos sonhos, considerando-os como recados ao sonhador. Introduz o leitor no mundo onírico, mostrando sua importância para o desenvolvimento psíquico e espiritual, com uma análise comparada, colocando o pensamento espírita a respeito.





Conhecendo o Espiritismo: Um curso básico

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 130 páginas

ISBN 85-86492-04-3

Apresenta o Espiritismo numa linguagem simples para aqueles que se iniciam no estudo da Doutrina. É utilizado como manual no Curso Básico de Espiritismo. Apresenta também os princípios básicos do Espiritismo de forma a facilitar o estudo e a compreensão de sua importância para o ser humano.

Reencarnação: Processo Educativo

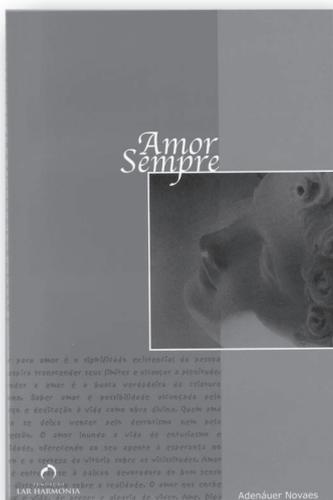
Adenauer Novaes

14 x 21cm | 156 páginas

ISBN 85-86492-02-7

Aborda questões ligadas à evolução do Espírito buscando esclarecer que a reencarnação não é um processo punitivo, mas apenas um mecanismo educativo. Contém informações atualizadas sobre os vários aspectos inerentes à reencarnação.





Amor Sempre

Adenauer Novaes

14 x 21cm | 118 páginas

ISBN 978-85-86492-23-5

Síntese das várias formas de amor numa linguagem simples e direta que toca o coração. É dedicado a todos que fizeram pre- valecer, em suas vidas, o senti- mento do amor a Deus, à vida, ao próximo e a si mesmo.

Quando o Amor veio à Terra

Djalma Argollo

14 x 21cm | 240 páginas

ISBN 978-85-86492-29-7

Nessa obra, cada capítulo é uma viagem no tempo, inundada de emoções e das circunstâncias da época, incluindo o aspecto espiri- tual. Transmitida por diferentes narradores, é possível mergulhar- se no infinito AMOR daquele que, de forma consciente, expressou, com a própria vida, os objetivos nobres e essenciais para a huma- nidade, revelando, nos seus ges- tos, atos e palavras, o caminho da transformação dos homens, pau- tado na paz, na simplicidade, na verdade e, sobretudo, no AMOR.





Jung e a Mediunidade

Djalma Argollo

14 x 21cm | 192 páginas

ISBN 85-86492-14-0

Trata das experiências e opiniões de Jung no que diz respeito aos fenômenos mediúnicos, cuja ação sentiu em si mesmo, em sua família e em vários de seus pacientes. Tais experiências foram por ele estudadas, com critério e sem *parti pris*, como cientista honesto e digno do nome que foi. Aceitou ele a imortalidade da alma, a comunicação dos mortos e a reencarnação? Esta obra vai contribuir para que você tire suas próprias conclusões a respeito.

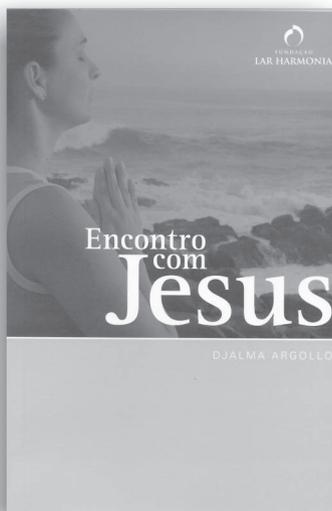
Encontro com Jesus

Djalma Argollo

14 x 21cm | 160 páginas

ISBN 85-86492-20-5

Jesus era uma pessoa alegre e feliz. Valorizava o mundo como criação de Deus e usava dos seus recursos de maneira equilibrada e sem fanatismo. Sentava-se à mesa dos banquetes que lhe ofereciam, ou que proporcionava – como a última ceia –, e comia e bebia sem qualquer prurido de fanatismo ou doentia exaltação religiosa. Convivia com seus seguidores, tolerando o nível evolutivo de cada um, sem imposições de qualquer natureza. As histórias coletadas nesse livro fazem recordar o Jesus real: companheiro, amigo, terno e amoroso, como puderam verificar os que O encontraram em sua época, e como podem sentir os que O encontram hoje.





O Livro dos Espíritos

Allan Kardec

Tradução de Djalma Argollo

14 x 21cm | 448 páginas

ISBN 978-85-86492-22-8

O Livro dos Espíritos, publicado pelo educador francês Allan Kardec, em 18 de abril de 1857, é a obra básica do Espiritismo. Trata da imortalidade da alma, da natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, das leis morais, da vida presente, da vida futura e do porvir da Humanidade, conforme ensinado pelos Espíritos. Apresenta-se na forma de perguntas e respostas, incluindo comentários de Allan Kardec. À sua publicação seguiram-se: *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e a *Gênese*.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Autor: Allan Kardec

Tradução: Djalma Argollo

16 x 23cm | 448 páginas

ISBN: 978-85-86492-36-5

O Evangelho Segundo o Espiritismo é a terceira obra da Codificação, escrita por Allan Kardec e publicada no ano de 1864. Traz, em seu conteúdo, as parábolas e a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas condições da vida. Nessa obra, o leitor encontra um resumo da moral espírita, bem como instruções dos Bons Espíritos que a fundamentaram.

